

REVISTA DO COMITÉ OLÍMPICO DE PORTUGAL #163 NOVEMBRO 2022

OLIMPO

DIRETOR JOSÉ MANUEL CONSTANTINO

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PRÉMIO DE EXCELÊNCIA DESPORTIVA
PARA PEDRO PICHARDO E AURIOL DONGMO



SÉRIE ARTE CONTEMPORÂNEA URBANA



VHILS

AKACORLEONE



LISBOA R. Escola Politécnica, 137 - R. D. Filipa de Vilhena, 12 e 12-A - Biblioteca Nacional - Campo Grande, 83
COIMBRA Rua Visconde da Luz 94, 96 e 98
PORTO R. Cândido dos Reis, 97
www.INCM.PT moeda.apoiacliente@incm.pt

CASA DA MOEDA



LISBOA R. Escola Politécnica, 137 - R. D. Filipa de Vilhena, 12 e 12-A - Biblioteca Nacional - Campo Grande, 83
COIMBRA Rua Visconde da Luz 94, 96 e 98
PORTO R. Cândido dos Reis, 97
www.INCM.PT moeda.apoiacliente@incm.pt

CASA DA MOEDA



SÉRIE ANUAL 2022

PORTUGAL 2022

SÉRIE ANUAL BNC COLEÇÃO DE MOEDAS EMITIDAS EM PORTUGAL
ANNUAL SET BU COLLECTION OF COINS ISSUED IN PORTUGAL



CASA DA MOEDA PORTUGAL

PORTUGAL 2022

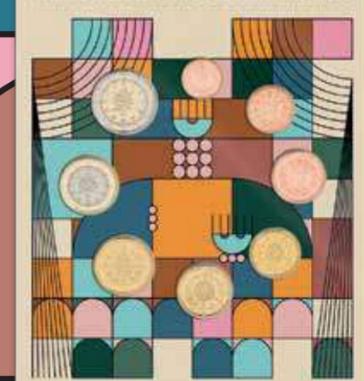
SÉRIE ANUAL PROOF COLEÇÃO DE MOEDAS EMITIDAS EM PORTUGAL
ANNUAL SET PROOF COLLECTION OF COINS ISSUED IN PORTUGAL



CASA DA MOEDA PORTUGAL

PORTUGAL 2022

SÉRIE ANUAL FDC COLEÇÃO DE MOEDAS EMITIDAS EM PORTUGAL
ANNUAL SET FDC COLLECTION OF COINS ISSUED IN PORTUGAL



CASA DA MOEDA PORTUGAL



MOEDAS
COMEMORATIVAS 2022

PROPRIEDADE E EDIÇÃO

Comité Olímpico de Portugal
NIPC 501 498 958

SEDE E REDAÇÃO

Travessa da Memória, 36. 1300-403 Lisboa
Tel.: 21 361 72 60 Fax: 21 363 69 67
correo@comiteolimpicoportugal.pt
www.comiteolimpicoportugal.pt

DIRETOR José Manuel Constantino

DIRETOR EXECUTIVO António Varela

TEXTOS Ana Silva, António Varela, Cristina Almeida, Gonçalo Silva, Joana Gonçalves, Joaquim Videira, Marco Alves, Maria Machado, Pedro Roque, Pedro Sequeira Ribeiro, Rita Nunes, Sofia Macedo e Sandra Mendes

FOTOS E IMAGENS Adelino Meireles/Global Imagens, Comité Organizador dos Jogos Mundiais Birmingham 2022, COP, Federação Internacional de Ginástica, Federação Portuguesa de Canoagem, Federação Portuguesa de Kickboxing e Muaythai, Florian Hulleu/Paris 2024, Fernando Correia, Francisco Paraíso/ShootHappens, Joaquim Morgado, Lusa, Wander Roberto/ANOC e William Lucas/ANOC

DESIGN E PRODUÇÃO GRÁFICA Estrelas de Papel/ Atelier Gráficos à Lapa

IMPRESSÃO Imprensa Nacional Casa da Moeda - Av. António José de Almeida, 1000-042 Lisboa,

TIRAGEM 1 000 exemplares

PERIODICIDADE Trimestral

NÚMERO DE REGISTO ERC 102 203

DEPÓSITO LEGAL 9083/95

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Estatuto editorial disponível em <https://comiteolimpicoportugal.pt/documentos/publicacoes/>



COMITÉ OLÍMPICO
DE PORTUGAL

SUMÁRIO

OS PRÉMIOS

Prémio de Excelência Desportiva

Pedro Pichardo 6
Auriol Dongmo 12

Prémio Juventude

Beatriz Fernandes 18
Diogo Ribeiro 22

Prémio Prestígio

Fernando Pimenta 26

Prémio de Mérito Desportivo

Hélio Lucas 30
Carlos Ramos 32

Prémio Ética Desportiva

Beatriz Caldas 34

Prémio Educação Olímpica

Agrupamento de Escolas do Cerco do Porto 35

Ordem Olímpica Nacional

António Aleixo 36

AS MISSÕES

Jogos Olímpicos de inverno Pequim 2022 42
Jogos do Mediterrâneo Oran 2022 46
Jogos Mundiais Birmingham 2022 60
FOJE de inverno Vuokatti 2022 66
FOJE de verão Banská Bystrica 70

OS PROJETOS E OS PROGRAMAS

76

AS MISSÕES DE 2023

96

A OLIMPO CELEBRA 2022

Com uma outra periodicidade e um novo grafismo, a OLIMPO regressa ao contacto com todos os que gostam de acompanhar as notícias do Movimento Olímpico.

Fá-lo após um ano repleto de sucessos desportivos num número muito significativo de modalidades desportivas – olímpicas e não olímpicas –, sinal positivo do crescimento da competitividade do desporto nacional.

Nas missões desportivas em eventos sob a égide do movimento olímpico internacional, Portugal obteve também assinaláveis sucessos, evidenciados nas páginas da OLIMPO e que estão em boa parte na base dos Prémios anuais atribuídos pelo Comité Olímpico de Portugal, na Celebração Olímpica 2022.

Num outro plano e ainda neste ano, foi possível acordar com o Governo um conjunto de condições para a preparação olímpica que se traduzem num quadro de apoios superiores aos disponibilizados no ciclo olímpico anterior.

Mas não foram apenas boas as notícias que marcaram o presente ano.

Os resultados do Eurobarómetro para a atividade física e desportiva são muito penalizantes para Portugal e o reflexo da ineficácia das políticas que assentam na sua generalidade numa visão neoliberal que ignora as entidades promotoras do desporto, os clubes e demais entidades associativas, e se encontram na linha das conceções europeístas dominantes assentes no individualismo, nas lógicas higienistas e em modalidades mundanas de cariz comercial.

E a proposta do Governo inserta no Orçamento do Estado mantém uma linha de subfinanciamento ao setor que dificilmente lhe permitirá cumprir o objetivo de colocar Portugal, no final desta década, “no lote das quinze nações europeias com cidadãos fisicamente mais ativos”.

A disponibilidade do Comité Olímpico de Portugal permanece total, para que possamos reforçar o que correu bem e corrigir o que correu menos bem.



JOSÉ MANUEL CONSTANTINO

Presidente do Comité Olímpico de Portugal

Os resultados do Eurobarómetro para a atividade física e desportiva são muito penalizantes para Portugal e o reflexo da ineficácia das políticas que assentam na sua generalidade numa visão neoliberal que ignora as entidades promotoras do desporto

Campeão da Europa. Campeão do Mundo. Campeão Olímpico. Pedro Pichardo acumula os três títulos em simultâneo e recebe em 2022 o Prémio de Excelência Desportiva atribuído pelo Comité Olímpico de Portugal

PEDRO PICHARDO

“Quero pagar a Portugal com medalhas”

“Hop, step, jump” são as três fases que devem ser executadas com perfeição no triplo salto. Pedro Pichardo domina-as e é reconhecido como um dos melhores nesta especialidade. Nascido a 30 de junho de 1993, em Santiago de Cuba, acumula aos 29 anos os principais títulos no Atletismo. Em 2022, apenas para destacar os mais relevantes, sagrou-se vice-campeão do Mundo de pista coberta e subiu ao lugar mais alto do pódio no Campeonato do Mundo em Oregon e no Campeonato da Europa em Munique. Acumula estes resultados com o título de Campeão Olímpico, conquistado o ano passado em Tóquio, mas ainda ambiciona mais.

O seu currículo invejável contrasta com a personalidade reservada. “Acho que sou uma pessoa muito séria”, confessa. “Gosto de cuidar do meu lado mais pessoal e familiar, sou uma pessoa muito discreta”. A vulnerabilidade que o faz proteger a sua vida familiar diz ser essencial para se conseguir salvar do que possa ser publicado ou dito. Considera-se “muito disciplinado e focado no trabalho”, o que se traduz numa crença: “Para mim, não há nada impossível”. Destaca o seu lado “lutador” como a melhor característica e, pelo contrário, considera que o entusiasmo com que entra em todas as provas já o prejudicou: “Como tenho muita garra a mais, às vezes não aproveito bem o *timing*”.

Nestes momentos, surge Jorge Pichardo, o pai, que é também o treinador e uma figura essencial para o sucesso do filho Pedro. “Eu acho que a ligação treinador-atleta tem de ser a de uma família”, começa por explicar Pedro Pichardo. “Tem de haver uma boa relação porque somos uma equipa, queremos os dois a mesma coisa. No treino, ele consegue sentir que estou no limite, que não consigo fazer mais. E tem de haver tolerância em certas coisas, porque quando não é o teu pai o treinador é um bocadinho menos sensível”.



PEDRO PICHARDO

Se agora parece natural ver pai e filho nas competições, um a dar indicações, outro a executar, nem sempre Jorge Pichardo apoiou a decisão de Pedro em dedicar-se ao triplo salto. “Eu sempre gostei da competição, não gosto de ganhar fácil”, recorda Pedro Pichardo. “Quando comecei fazia salto em comprimento, mas ganhava com certa margem e isso desmotivou-me”. Pediu ao pai para tentar o triplo salto. O pai, na altura treinador especialista em salto em comprimento, recusou. O filho insistiu, foi mesmo à competição do triplo salto. Fez 12,92 metros. Ganhou. E será que depois desse momento o pai apoiou a decisão de mudar para o triplo? “O triplo acho que não, o teu forte é o comprimento”, foi a resposta que Pedro Pichardo ouviu. Com o tempo, o pai apoiou a aposta, acertada, no triplo salto e, como resume Pedro, “até hoje estamos aqui”.

Recuamos ainda mais sobre como Pedro Pichardo se tornou num dos maiores saltadores da história do Atletismo, porque hoje poderíamos estar a contar como ele se tinha tornado um dos maiores... pugilistas. “No bairro, em Cuba, quando tinha uns 5/6 anos, havia um parque e um professor que levava umas luvas, arranjava umas crianças do mesmo tamanho e andávamos ali à porrada”, recorda. “Eu ia e lembro-me que me davam muita porrada, mas depois comecei a gostar daquilo e ainda hoje não consigo explicar porque gosto de boxe”. Em Setúbal, onde treina regularmente e tem um ginásio para seu uso exclusivo, chegou a ter um saco de boxe. “Estava aqui a fazer musculação e nos intervalos ia dar uns murros, mas depois o meu pai ralhou comigo e mandou tirar o saco dali.”

Uma equipa de poucos que vale por muitos

Se já ficou clara a relevância que o pai tem na sua vida, também a relação com a mãe, “mamã” como Pedro Pichardo a chama, é essencial para o seu equilíbrio. “Ela é que cuida de mim, das minhas coisas em casa, da alimentação. Ela e a minha mulher também. Eles [pai, mãe e mulher] fazem com que só me foque na parte do treino”. A mamã nunca acompanha as competições no estádio, “diz que não consegue” e nem vê na televisão porque não consegue imaginar o momento em que o filho possa perder. Só o vê saltar pelos vídeos que depois o pai revê em casa, à procura de qualquer detalhe que possa melhorar o desempenho em competição. “O quarto do meu pai é como um escritório, com o computador e cadernos”, explica Pedro Pichardo. “Ele mostra-me os ângulos de saída, os tempos de voo, tempos de reação... eu ainda hoje não consigo entender aqueles metros por segundo! Eu só sei que ele diz como eu tenho de fazer e eu faço!”.

Pedro Pichardo confessa que já pediu ao pai para aumentar a equipa técnica que o acompanha, mas Jorge Pichardo continua a acumular todas as tarefas. O filho é agradecido pela dedicação e empenho no seu processo de treino. “Ele faz um bom trabalho, porque se não fosse ele como pai e como treinador eu não estaria aqui”.

A equipa que pode parecer escassa soma sucessos atrás de sucessos. A receita junta dedicação, treino, trabalho, foco, determinação, sacrifício e muita paixão pelo que se faz. As medalhas surgem, naturalmente, no decorrer do processo. “Eu antigamente tinha outro pensamento, pensava mais nos grandes saltos, queria ser o homem que mais longe chegou e não dava tanta importância aos títulos. Depois de chegar cá senti que é diferente, cá querem medalhas, sim querem grandes saltos, mas

“O quarto do meu pai é como um escritório, com o computador e cadernos. Ele mostra-me os ângulos de saída, os tempos de voo, tempos de reação... eu ainda hoje não consigo entender aqueles metros por segundo! Só sei que ele diz como eu tenho de fazer e eu faço!”





“Quero fazer coisas que fiquem mesmo marcadas na história do País e do mundo também”

também querem medalhas”. Agradecido ao País que lhe proporcionou a possibilidade de continuar a desenvolver a sua carreira desportiva, Pedro Pichardo quer retribuir. “Eu sou uma pessoa muito ambiciosa, mas gosto mais de satisfazer os outros. E quero pagar a Portugal com medalhas.”

Quem já subiu a todos os pódios das grandes competições também passa por momentos de desmotivação. Pedro Pichardo não é exceção. Quer sempre ganhar – até nos videojogos – e já percebemos que desistiu de uma especialidade porque não tinha adversários que o ajudassem a superar-se. Como é agora no auge da sua carreira? “O meu pai diz sempre que se estamos nas provas temos de fazer um salto ou dois. Se saírem bem, protegemos as pernas, mas essa é a parte mais difícil para mim, chegar a uma competição e não ter tanta rivalidade.”

E o excesso de confiança? Também existe! “Este ano perdi a Liga Diamante por excesso de confiança. Mas não deveria acontecer, porque não estás a respeitar os adversários, não dizes publicamente, mas estás a demonstrar. Aceito que terei perdido algumas competições por excesso de confiança, embora os outros sejam bons atletas também”. A sua necessidade de se encontrar com rivais que o desafiem é o que o move para continuar a treinar. “Se amanhã aparecesse um ou dois atletas que me batessem, eu saltava mais. Não é ser arrogante, mas sou eu que treino todos os dias e sei o que faço”.

Para o futuro, Pedro Pichardo aponta a um objetivo que vem a perseguir há algum tempo. “Ainda não bati o recorde do mundo, falta isso. E gostaria de ser uma lenda”. E como tornar-se uma lenda? “Essa é a minha motivação agora. Ser o atleta que mais longe saltou, por exemplo, ou o atleta que mais medalhas de ouro tem. Quero fazer coisas que fiquem mesmo marcadas na história do País e do mundo também”.



Depois de um “sabor amargo” em Tóquio, lançou para o ouro no Mundial de pista coberta e para a prata no Europeu, numa demonstração de que o melhor ainda está para vir

AURIOL DONGMO

“Gostava de dizer que o caminho foi longo, mas que consegui fazer o que queria”

Totalmente ambientada e com resultados à vista. Auriol Dongmo é, por esta altura, uma das referências do atletismo português, num percurso que começou em 2017 e teve em 2021/22 a época desportiva de maior sucesso. O título de campeã do Mundo em pista coberta e o de vice-campeã europeia no lançamento do peso, assim como os recordes nacionais estabelecidos em ambas as vertentes, consagraram a lançadora como a maior figura de sempre na disciplina e valeram-lhe o Prémio de Excelência Desportiva do Comité Olímpico de Portugal.

Sem olhar para trás

O caminho não foi fácil para Auriol, que deixou os Camarões à procura de melhores condições de treino e de um palco que lhe permitisse figurar entre a elite mundial. A decisão de mudar de país foi fácil, mas a adaptação não. No dia em que aterrou em Portugal pela primeira vez era Paulo Reis, o treinador, que a aguardava: “Primeiro não a conhecia, nunca tinha conversado pessoalmente com ela e fui buscá-la ao aeroporto sem saber exatamente quem é que iria encontrar. Depois tive de conhecê-la como pessoa e como atleta, quer em termos técnicos e físicos. Conhecer a capacidade de trabalho, conhecer a mentalidade dela... foi algo que demorou algum tempo.” A língua portuguesa, que garante estar agora “bem melhor”, foi a primeira dificuldade e obrigou o treinador a adaptar as sessões de treino devido à “barreira linguística”, com o idioma inglês a ser utilizado durante algum tempo.

A adaptação foi complicada e, durante os primeiros meses, Paulo Reis serviu como seu principal apoio. Das horas passadas em treinos e viagens surgiu uma “ótima” relação: “Como ela estava sozinha, eu estive muito próximo e isso fez com que a nossa cumplicidade e a nossa relação fosse muito



AURIOL DONGMO

além daquilo que é um treinador e uma atleta. Nos primeiros tempos precisou de suporte e eu também tentei responder afirmativamente sempre com o que estava ao meu alcance.”

Para além das condições do País, uma das razões que a levou a escolher Portugal foi a religião. Católica devota, Auriol admite que é à religião que vai “buscar toda a força”: “Pesou porque para mim é muito importante. A fé é a fundação da minha vida, eu não posso viver sem a minha fé. A religião é muito importante no dia a dia, é ali que eu vou buscar toda a minha força.” Para o treinador, é devido à sua crença que Auriol é uma pessoa “diferente daquilo a que estamos habituados”, no bom sentido da palavra: “Como ela é muito religiosa e tem essa fé toda, todas as suas ações, atos e palavras são baseadas na verdade, no rigor, na honestidade. Pode dizer-se que é uma pessoa boa, que acredita muito nela.”

“Reservada, simples e humilde”, como se descreve, a atleta passa a maior parte do tempo “no seu canto”, quando não está a treinar. Leiria, onde mora com o filho e o marido, é o sítio onde se sente bem e gosta de estar, e até admite que “mesmo daqui a 10, 20 anos” não se vê a deixar o País que considera “de coração”. Quando compete com as cores portuguesas no estrangeiro, fá-lo com um “orgulho enorme”: “É o meu país de coração, um país que eu queria desde sempre. É por isso que quando vou lá fora representar esta bandeira é com tudo, com coração, com uma alegria enorme.”

Expectativas superadas

As marcas que tinha realizado e o facto de ter participado na final dos Jogos Olímpicos Rio 2016 deixaram Paulo Reis com a noção de que Auriol tinha potencial de evolução, mas o que encontrou foi muito além disso. Uma “surpresa”, como admite: “Sabendo o contexto de onde ela vinha, sabendo da capacidade que tinha demonstrado em competições de alto nível, sempre achei que podíamos fazer qualquer coisa que acrescentasse algo à carreira dela. Mas honestamente naquela altura não me passou pela cabeça que o acrescentar fosse aquilo que realmente acabámos por acrescentar.”

Chegou com um recorde pessoal de 17,90m, mas levou pouco tempo até adicionar quase meio metro à marca, ao lançar 18,37m, apesar de um primeiro ano “difícil”. O filho chegou em 2019 e obrigou Auriol a colocar a carreira em pausa. O regresso após a maternidade foi complicado e, psicologicamente, afetou a atleta.

“A vida mudou. Ela estava sozinha, tinha de cuidar da criança, tinha de treinar, tinha muitos problemas e dificuldades que anteriormente não tinha e que passou a ter para resolver. Felizmente, nessa altura arranjou pessoas que foram simpatizando com ela e querendo ajudar, senão era quase uma tarefa impossível ser mãe sozinha e cuidar do filho ao mesmo tempo”, conta o treinador.

Gradualmente, conseguiu encontrar o equilíbrio entre a vida pessoal e o treino e foi nessa altura que Auriol passou a usar a família como “motivação extra”, para dar um verdadeiro salto a nível exibicional. A pandemia, que chegou pouco tempo depois, também funcionou de forma positiva em termos de preparação.

“Quando as coisas começaram a ficar mais organizadas, ela começou a ver no filho uma fonte de inspiração e de motivação extra para conseguir chegar mais longe. Em 2019 teve esse ano difícil, depois veio a pandemia e o facto de ela se ter organizado

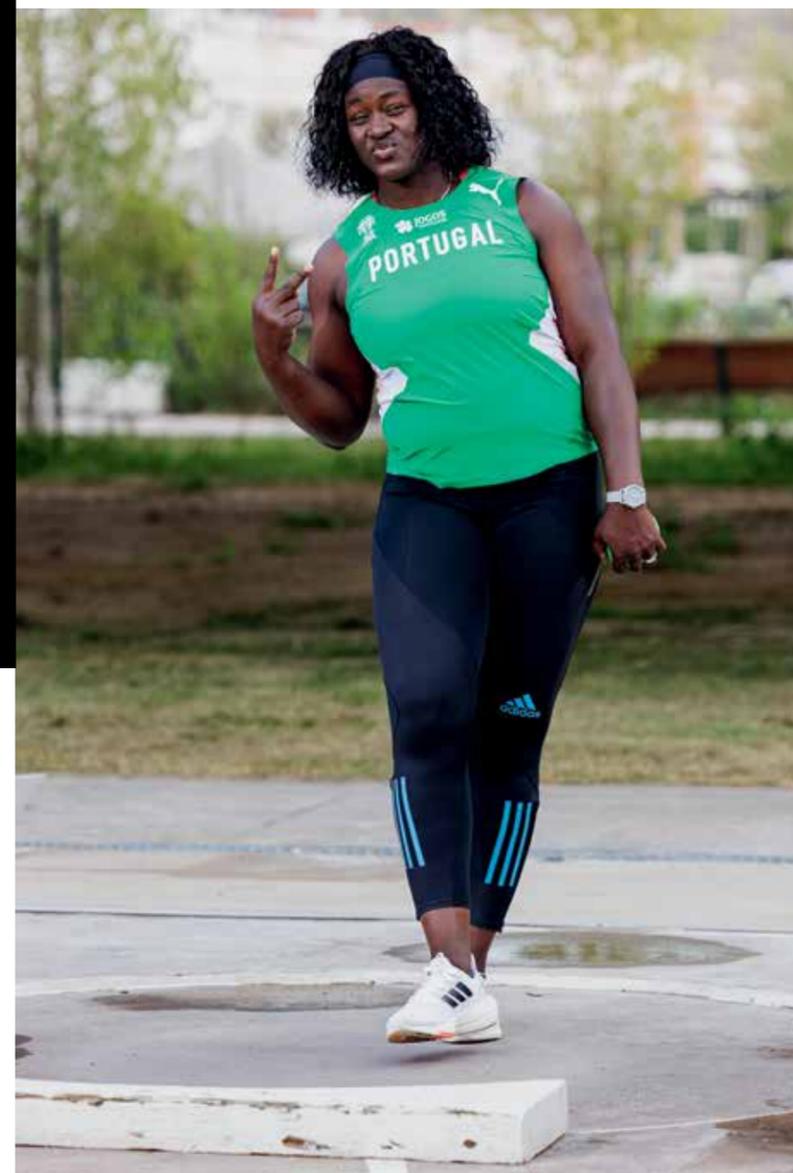
“[Portugal] É o meu país de coração, um país que eu queria desde sempre. É por isso que quando vou lá fora representar esta bandeira é com tudo, com coração, com uma alegria enorme”





“Era importante esta medalha [no Mundial de pista coberta], senão a minha cabeça ia muito abaixo. Depois significou muito porque fui buscar a medalha muito longe [bateu o recorde pessoal com 20,43m]. Quando a americana fez 20,24m, acho que ninguém esperava que eu conseguisse responder, mas consegui”

“[O 4.º lugar nos Jogos Olímpicos] Custou muito, muito. Agora tento esquecer esse período da minha vida. Eu estou um pouco diferente porque nessa altura eu estava mesmo em forma e até agora não percebi o que se passou”



melhor em termos pessoais, e o facto de nós termos treinado de uma forma mais individual durante aquele período sem provas, sem estarmos preocupados com as competições, fez com que ela desse, numa primeira fase, um grande salto. Passou os 19 metros e daí para a frente veio uma confiança enorme da parte dela e veio o sucesso internacional,” explica Paulo Reis.

A participação nas primeiras competições entre as melhores atletas do Mundo era, por si só, um motivo de festejo, mas rapidamente perceberam que os objetivos eram baixos tendo em conta toda a capacidade e potencial que possuía. As medalhas passaram a ser o padrão, até que Auriol acabou por entrar nas provas “para ganhar”.

Adversidade trouxe a melhor versão

O “momento mais difícil” da carreira aconteceu em Tóquio. O quarto lugar, que foi para Portugal o melhor resultado de sempre no lançamento do peso, não foi suficiente para a lançadora, que queria mais: “Custou muito, muito. Agora tento esquecer esse período da minha vida. Eu estou um pouco diferente porque nessa altura eu estava mesmo em forma e até agora não percebi o que se passou.”

Apesar de estar ciente da dificuldade e da exigência dos Jogos Olímpicos, Auriol acreditava que poderia conquistar uma medalha e foi essa “desilusão”, conta o treinador, que fez com que não fosse capaz de desfrutar do feito alcançado: “Ela nem sequer equacionava a possibilidade de não ganhar uma medalha e isso foi algo que realmente afetou um pouco.”

Estava lançado o desafio ao seu caráter. O regresso aos treinos, pouco tempo depois dos Jogos Olímpicos, ficou marcado pela “energia” e pela vontade de “acrescentar alguma coisa séria” ao seu currículo e o primeiro passo para a época seguinte foi dado ainda em “casa”. O Mundial de pista coberta acabaria por ter um peso acrescido: “Era importante esta medalha, senão a minha cabeça ia muito abaixo. Depois significou muito porque fui buscar a medalha muito longe [bateu o recorde pessoal com 20,43m]. Quando a americana fez 20,24m, eu acho que ninguém esperava que eu conseguiria responder, mas consegui.”

Paulo Reis, que viveu os momentos altos e baixos de Auriol, aponta a prata do Europeu, durante o verão, como a principal conquista da sua carreira até ao momento: “Fomos com vontade de ganhar e, embora ela não tenha ganho, para mim teve a melhor prestação em termos relativos, porque estava com uma rotura muscular e mesmo assim lançou 19,86m e lutou pela vitória até ao fim. Foi um momento de superação pessoal. Para quem não acompanhou pode parecer que foi um resultado menos positivo, mas, no contexto em que ela o fez, foi realmente extraordinário.”

É difícil colocar uma meta na ambição de Auriol Dongmo. De forma declarada, a medalha que escapou em Tóquio é um objetivo para Paris 2024, mas não fica por aí. Em termos de marcas, há um número ao alcance de poucas que Paulo Reis não descarta: “Penso que ela pode lançar mais longe e, naquilo que depende dela, eu acredito que este ano possa chegar ou pelo menos aproximar-se dos 21 metros.”

Para Auriol não há limites, mas há uma certeza: “Daqui a cinco anos gostava de dizer que o caminho foi longo, mas que consegui fazer o que queria.”

2022 foi o ano de afirmação da canoísta natural de Ponte de Lima, que somou seis medalhas internacionais, duas delas de ouro, no escalão de júnior e ainda um bronze em absoluto

BEATRIZ FERNANDES

“No futuro não há impossíveis”

Dois títulos de campeã do Mundo entre seis medalhas no escalão de júnior e ainda um bronze em absoluto para encerrar um ano de sucesso ao alcance de poucos. Tudo isto depois de uma lesão que a afastou dos treinos durante quatro meses. Este é um pequeno resumo da época notável de Beatriz Fernandes, que aos 18 anos colocou o seu nome em destaque no mundo da Canoagem.

Uma época de sucesso que não é inédita na carreira da jovem natural de Ponte de Lima, mas que atingiu, durante o ano de 2022, um novo nível após os títulos de campeã do Mundo no C1 200 metros no Mundial de Szeged, na Hungria, e na maratona de C1, disputada em casa, no Campeonato do Mundo de Maratona – resultados que a levaram a ser galardoada com o Prémio Juventude do Comité Olímpico de Portugal.

Receita para o êxito

Foi graças à mãe, à procura de uma ocupação de verão para a jovem então com 12 anos, que a Canoagem apareceu na vida de Beatriz Fernandes. A imagem de Fernando Pimenta, que considera “uma inspiração”, já estava bem consolidada em 2016 e a opção passou por experimentar a modalidade que colocou Ponte de Lima no mapa.

Os primeiros tempos foram passados no caiaque, mas Beatriz Fernandes cedo percebeu que era na canoa que se sentia bem. Depois de uma fase de “desmotivação”, a ajuda da mãe, Simone Vaz, foi importante, tal como conta: “A Beatriz começou a perder um pouco da vontade de ir, mas apareceu a oportunidade de fazer as primeiras pagaiadas na canoa. Começou a ganhar algumas medalhas e isso motivou-a.” As conquistas acompanharam a transição, a paixão cresceu e os papéis inverteram-se: “Acabou por ser ao contrário. Ela queria mais e mais e eu queria que ela tivesse mais tempo para a família.”





“Estive quatro meses parada e naquele momento só pensava que a época não ia dar nada e que ia ser o meu último ano de júnior sem conseguir bons resultados. Comecei a treinar no início de janeiro, fiz o Europeu e a coisa correu bem. A partir daí foi continuar a treinar até que chegou o Mundial e consegui o ouro nos 200 metros”

Em 2019, nas Olympic Hopes de Bratislava, teve a primeira prova internacional, e ainda que os triunfos fossem algo “natural” em solo nacional, as três medalhas conquistadas entre as promessas da modalidade fizeram despertar um potencial: “la para lá sem esperança, sem pressão. A partir daí pensei: ‘Se me esforçar mais um bocadinho, pode ser que isto dê alguma coisa.’ Foi quando comecei a treinar mais.”

Beatriz Fernandes juntou ao talento intrínseco um trabalho rigoroso. Pelas pessoas ao seu redor, “trabalhadora” e “determinada” são as características que descrevem a jovem que tem na força mental a sua maior qualidade. O treinador, José Luis Bouza, defende que o único segredo é o trabalho: “É uma menina muito trabalhadora, faz tudo o que propomos e fora isso é o

talento natural que ela tem.” Para a mãe, o segredo vem de dentro: “Ela própria, a força de vontade, a capacidade que tem para lutar pelos seus objetivos, a determinação. Segredo não há. A dedicação que tem nos treinos, o rigor. Ela é muito rigorosa com ela própria.”

Apesar do sucesso nacional e de uma medalha de prata no Campeonato do Mundo de juniores em 2021, foi em 2022 que se colocou num nível de excelência no escalão, o que para a jovem canoísta chegou como uma surpresa: “Não estava nada à espera. Comecei a época um bocadinho mal com a lesão. Estive quatro meses parada e naquele momento só pensava que a época não ia dar nada e que ia ser o meu último ano de júnior sem conseguir bons resultados. Comecei a treinar no início de janeiro, fiz o Europeu e a coisa correu bem. A partir daí foi continuar a treinar até que chegou o Mundial e consegui o ouro nos 200 metros.”

Lidar com o sucesso não foi um problema. Para a “tímida” jovem, conta a mãe em jeito de brincadeira, o problema foi experienciar a dose de mediatismo de uma vencedora: “Eu acho que ela nem tem a perceção. Foi mais uma vitória e eu não vi assim grande reação. Na altura em que começaram a chamar para as entrevistas, ela como é assim tímida até comentou: ‘Porque é que fui ganhar? Mais valia ficar em segundo lugar e assim não tinha de dar tantas entrevistas.’ A nível internacional há aquele nervosismo, mas dentro do que observei não notei muita diferença.”

Talhada para o sucesso

O culminar da época de afirmação, quis a sorte, foi em casa, no rio Lima, onde inúmeras vezes pagaiou em treinos. O Campeonato do Mundo de Maratona foi a primeira experiência entre várias das grandes atletas do planeta, ainda para mais numa disciplina de resistência, bem longe da “sua” velocidade. Se o ouro na maratona júnior foi um enorme feito, o bronze na “short race” absoluta deixou a indicação que “no futuro não há impossíveis”.

“Ainda nem parámos para pensar um pouco”, confessa a mãe. Com o curso de Fisiologia Clínica no Politécnico de Coimbra pela frente, o foco de Beatriz Fernandes está em tentar conciliar as duas vertentes, sem menosprezar o futuro profissional, mas no horizonte desportivo está um objetivo que é comum a todos os atletas: os Jogos Olímpicos.

A menos de dois anos de Paris 2024, o treinador deixa tudo em aberto: “O objetivo dela está claro. Eu acho que os Jogos Olímpicos de 2024 são um bocado cedo, mas para 2028 tem muito potencial. Ainda assim não descarto estes porque, trabalhadora como ela é, pode ir já.”

Aos 18 anos, há um enorme potencial apontado ao futuro. A mãe, Simone, explica que, por “lutar pelos seus objetivos”, só os resultados ditarão o seu percurso na Canoagem. Beatriz Fernandes aponta “melhorias em tudo” e tem a certeza que o “trabalho vai continuar a ser feito”.

Com 18 anos acabados de fazer é um dos nomes grandes da Natação nos dias que correm. Quem não ouviu falar daquele nadador que trouxe três medalhas de ouro e um recorde do Campeonato do Mundo de Juniores e que já sobe ao pódio no escalão de Absolutos? Conheça o vencedor do Prémio Juventude 2022

DIOGO RIBEIRO

O miúdo que só queria nadar mais rápido que os grandes

O Centro de Alto Rendimento (CAR) do Jamor é a casa de Diogo Ribeiro no último ano e foi lá que recebeu a OLIMPO para falar sobre o seu percurso desportivo, as preferências pessoais e os seus objetivos para o futuro. Se dentro de água, na piscina, é disciplinado e focado, fora de água, sem a touca e os óculos, mas de calças de ganga e t-shirt, apresenta-se calmo e ponderado.

“Vivo no CAR, sou de Coimbra. Tenho 18 anos e o meu dia-a-dia é basicamente nadar e estar no ginásio”. É assim que Diogo Ribeiro resume a sua vida nos últimos tempos. Trocou Coimbra, onde vivia com a família, pelo Jamor para se dedicar à Natação, mas a vida quase que lhe pregou uma rasteira. Um acidente de mota no ano passado deixou no ar a dúvida se conseguiria voltar a nadar e cumprir os seus planos. “Eu já sabia que vinha para o CAR, não sabia quem vinha comigo, mas sabia que ia cá estar. E depois do acidente não sabia sequer se ia voltar a nadar. Pelos médicos só estava a começar a nadar agora, mas afinal só precisei de 2 ou 3 meses para voltar a estar a 100%.” Uma segunda oportunidade que agarrou com as duas mãos, para criar, como o próprio apelida, de “ideia nova”.

A mudança para Lisboa trouxe-lhe mais experiência e independência, mas não perdeu a forte ligação com a família. Iniciado na modalidade pela mãe, continua a ter o seu apoio nas bancadas em todas as provas internacionais em que participa. “Em todas as competições eu digo que não quero que ela vá. Mas no fundo quero”, confessa, entre sorrisos. “E ela vai sempre, eu gosto que ela esteja lá, fico um bocado nervoso, mas gosto”. Teresa Matos, a mãe, é afinal presença assídua nas provas; este ano esteve no Europeu de Roma e no Mundial de Lima. “Enquanto puder irei as todas as provas, eu sei que ele gosta e que ele precisa que eu esteja lá”.





“Trabalhei bastante no início, tive uma base com muitos metros. Então agora, basicamente, é só meter o trabalho de velocidade e o meu corpo corresponde”

Diogo Ribeiro iniciou-se na Natação com quatro anos “para andar ocupado e para se concentrar”, segundo as palavras da mãe. Quando chegou aos primeiros treinos, com Rita Gonçalves, demonstrava já, como relembra a treinadora, “uma grande sensibilidade na água e um grande à-vontade”.

Diogo confessa que nunca teve “um momento de sentir ‘isto é mesmo o que eu quero’”, enquanto crescia para a Natação. “Eu queria ser melhor do que os meus colegas, mas quando era criança nem fazia grandes tempos. Só pensava ‘nunca vou fazer estes tempos, isto é absurdo’”, recorda-nos. Só no escalão de juvenil começou a ganhar algumas provas porque “antes perdia sempre”. Rita Gonçalves revela que Diogo gostava de treinar “com os mais velhos”, mas quando chegava às provas “era aquele miúdo que puxava os calções até à barriga, e era mais para se divertir, não tinha a ânsia de ganhar.”

Foi em juvenil que Diogo Ribeiro começou a fazer cair recordes do seu escalão e foi aí também que cresceu o entusiasmo. “Já estava a bater recordes nacionais, já estava a ser o melhor de Portugal a cada escalão. Até que cheguei aos recordes absolutos”, é assim que Diogo Ribeiro resume a sua ascensão na modalidade. É também nessa altura que começam os confrontos diretos com um dos seus ídolos de sempre. “O Miguel Nascimento sempre foi o meu ídolo, uma grande referência para mim, em Portugal”, destaca. “Agora estar a treinar com ele, ir ao lado dele nas provas e às vezes ganhar, para mim é bastante importante.”

E ganhar ao ídolo nacional levou-o a outros voos. “Mas eu vou lá fora e perco!”. Foi este pensamento que o levou a decidir que queria ser melhor do que os outros lá fora também. “Eu agora trabalho cada vez mais e espero continuar a ganhar lá fora”. Segundo a mãe, Diogo foi buscar a garra e a vontade de ganhar no desporto aos genes do pai, que também foi desportista a nível profissional. Mas os treinos no escalão de formação foram determinantes para o seu desempenho atual: “Eu nos treinos era muito bom. Trabalhei bastante no início, tive uma base com muitos metros. Então agora, basicamente, é só meter o trabalho de velocidade e o meu corpo corresponde.”

2022, um ano de sonho

Por agora o sucesso internacional está garantido. No ano de 2022, entre outras participações e resultados, amealhou duas medalhas nos Jogos do Mediterrâneo Oran 2022 - ouro nos 50 metros mariposa e prata nos 100 metros livres - um bronze nos

50 metros mariposa no Campeonato da Europa de absolutos, em Roma, e três ouros no Campeonato do Mundo de juniores, em Lima: 50 metros livres, 100 metros mariposa e 50 metros mariposa, nesta última distância com direito a recorde do mundo do escalão.

As medalhas em Roma e Lima foram testemunhadas pela mãe, na bancada, que mais uma vez o acompanhou e viveu as vitórias com emoção: “Eu tento sempre controlar-me nas provas, mas em Lima não consegui. Sabia os objetivos do Diogo para aquela prova e tudo o que ele queria ele conseguiu. Foi o pleno!”. 2022 foi, nas palavras de Diogo Ribeiro, um ano de sonho. Rita Gonçalves acredita que o futuro será na mesma linha: “Sempre disse que ele tinha um futuro muito grande e acho que ele vai chegar muito longe”.

Diogo Ribeiro não esconde as suas ambições para o futuro. “Acho que sou o mais rápido nos juniores e agora tenho de ser o mais rápido nos absolutos”. Ambiciona uma medalha no mundial de absolutos e outra nos Jogos Olímpicos. Objetivos difíceis, mas Diogo Ribeiro acredita que, “se continuar a trabalhar bem, é possível. Em 2028, porque não?”. A pergunta fica no ar. Se Diogo Ribeiro acredita nós também podemos acreditar que ele vai conseguir chegar tão longe como os grandes.



PRÉMIO PRESTÍGIO

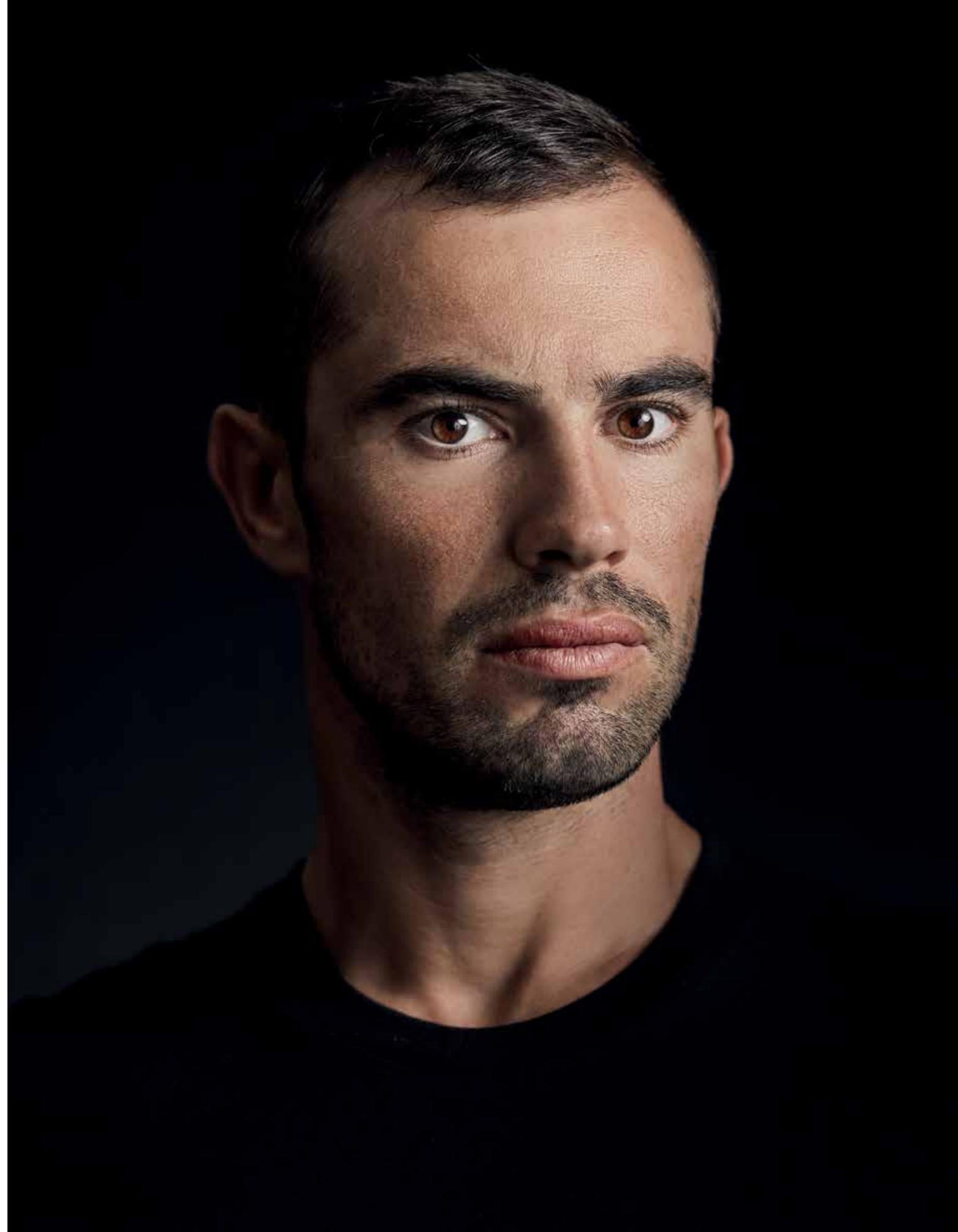
Já foi vencedor do Prémio Juventude em 2007 e da Medalha de Excelência Desportiva em 2012, 2015, 2016, 2017, 2018 e 2021. Este ano recebe o Prémio Prestígio do Comité Olímpico de Portugal. Mais um dos prémios, troféus e títulos que acumula ao longo da sua carreira desportiva. Fernando Pimenta é um dos melhores canoístas do mundo e pode agora ficar a conhecê-lo melhor

FERNANDO PIMENTA

“Nunca vou terminar a minha carreira”

O que falta ainda contar na história de quem tem 123 pódios internacionais, 15 dos quais conquistados no ano de 2022? Fernando Pimenta é um dos atletas portugueses com carreira mais profícua, mas não pensa no capítulo final desta história. “Eu acho que nunca vou terminar oficialmente a minha carreira. Tenho pretensões de continuar enquanto veterano, logo nunca vou terminar a minha carreira. Provavelmente a minha carreira Olímpica sim, agora a minha carreira internacional provavelmente vai estender-se.”

Com uma ambição imensa, Fernando Pimenta subiu, em 2022, sete vezes ao pódio nas Taças do Mundo, três vezes no Europeu de velocidade, três vezes no Mundial de velocidade e duas vezes no Mundial de Maratona. “Sempre fui bastante competitivo em tudo aquilo que faço, especialmente se faço por gosto!”. Subir tantas vezes ao pódio continua a ser especial porque Fernando Pimenta considera que todos os resultados são “históricos” e que o palmarés que detém não está ao alcance de qualquer atleta. A sua competitividade é reconhecida por todos, inclusive pela mulher Joana Marinho Sousa: “Ele não se dá quieto, é muito competitivo, até comigo. Este ano voltei a treinar e a competir a nível nacional e consegui três títulos num fim-de-semana. Ele chegou a casa e disse-me ‘já tens mais dois títulos que eu?’”.





Na sua origem desportiva, Fernando Pimenta iniciou-se na Natação para depois se apaixonar pela Canoagem. As rotinas sempre diferentes, o contacto com a natureza e o exterior foram fatores decisivos para nunca mais largar os caiaques e as pagaias. “Na Natação estamos cingidos àquele espaço que é a piscina. Na Canoagem podemos estar no meio de uma barragem, em silêncio, a desfrutar do meio ambiente e é uma tranquilidade muito grande”.

A ligação à sua terra, Ponte de Lima, e à família são outros dos pilares de Fernando Pimenta. “Tenho de estar sempre grato a Ponte de Lima, porque é onde eu vivo, é onde escolhi viver e tratam-me bem”, agradece Fernando Pimenta. Vai também buscar forças à família, que denomina de “porto seguro”. A possibilidade de os ter perto de si em momentos de estágio e preparação dá-lhe “confiança e segurança”.

Fernando Pimenta admite que o percurso que escolheu para a sua vida não é fácil e impossível de trilhar sozinho. “É um desgaste enorme em termos físicos e psicológicos, mas também tenho a noção de que se não o fizer agora nunca mais o vou fazer”. Conta com o apoio absoluto de quem o rodeia, em especial de Joana, namorados desde 2004, e agora recém-casados, com uma filha de 20 meses e outro bebé a caminho. “Tenho de perceber que é a vida dele”, diz Joana. “Fomos crescendo os dois, começámos a viver este caminho que ele percorreu. É perceber e compreender que é a vida dele. Ele gosta muito daquilo que faz e eu só posso estar orgulhosa e ajudá-lo para que as coisas corram bem.”

O sonho ainda por cumprir

Aos 33 anos, Fernando Pimenta sabe que ainda pode dar muito ao desporto, à Canoagem e a Portugal. “Enquanto conseguir dar luta, vão ter de aguentar comigo!”. Do alto do seu currículo desportivo, acredita que pode ser uma mais-valia para os mais jovens. “Provavelmente consigo ajudá-los, consigo motivá-los”, admite Pimenta. “Quando somos mais novos gostamos de ter alguém com boas características, algumas das vezes até os nossos ídolos ou alguém que admiramos, ao nosso lado”.

E para quem é um ídolo, quem são os seus? “Quando eu era miúdo, o Emanuel [Silva] já era uma referência e felizmente consegui chegar ao patamar dele.” Admira ainda Cristiano Ronaldo, porque fez coisas que poucos fizeram, e Michael Phelps, porque se identifica com o seu percurso Olímpico e com uma vida dedicada ao treino. Na Canoagem aprecia tanto o perfil competitivo como pessoal de Eirik Larsen, da Noruega, e de Adam Van Koeverden, do Canadá, que chegaram a ser seus adversários.

Para quem já ganhou quase todos os títulos que a Canoagem tem para oferecer, Fernando Pimenta não vira a cara aos novos desafios que possam surgir. Exemplo disso foi o Campeonato do Mundo de Canoagem de Maratona, que em setembro foi disputado em Ponte de Lima e que classifica como “uma aventura”. “Sentia saudades de competir na maratona, porque foi uma coisa que cheguei a fazer há alguns anos”, admite. O hiato de dez



“Quando eu era miúdo, o Emanuel [Silva] já era uma referência e felizmente consegui chegar ao patamar dele”

anos não o assustou. “Houve muita gente que me pediu para fazer esse esforço e competir no Mundial”. O facto de ser “em casa”, no seu rio de sempre, também pesou. “Foi um período muito curto de preparação para a prova”, admite Pimenta. “Sofri muito com a mudança de treinos, de estratégias, de tudo”. Resultado: duas medalhas de ouro, uma na prova curta e outra na distância longa de K2, juntamente com José Ramalho.

As tripulações foram uma novidade este ano; para além da dupla na maratona, juntou-se ainda a Teresa Portela, para a prova mista de 500 metros e a João Duarte nos 1000 metros masculinos, valendo-lhe quatro medalhas, três delas de ouro. “Nunca fechei a porta às tripulações”, diz. “Foi uma estratégia ganha, ter-me focado na prova de K1”, mas quem sabe se no futuro não voltará a investir nos barcos partilhados.

Por cumprir continua um sonho: ser Campeão Olímpico. Em Paris 2024, se possível. Senão... Fernando Pimenta não fecha a porta a Los Angeles 2028, deixando-nos a garantia que vamos continuar a vê-lo a lutar sempre pelo lugar mais alto do pódio.

PRÉMIO DE MÉRITO DESPORTIVO

Hélio Lucas descobriu cedo a vocação do treino e teve a certeza de que queria ser treinador ainda nem 18 anos completara. Agora, aos 49, passados mais de 30, os resultados relevantes acumulados ao longo da carreira multiplicam-se e não lhe falta o reconhecimento dos atletas e dos seus pares, na modalidade que escolheu, a Canoagem. O seu nome está lá, ligado a cada uma das 123 medalhas internacionais conquistadas por Fernando Pimenta

HÉLIO LUCAS

“Reconhecimento do Fernando é indiretamente também o reconhecimento do meu trabalho”

O Comité Olímpico de Portugal atribui a Hélio Lucas, em 2022, o Prémio de Mérito Desportivo, mas tudo começou bem cedo, em Ponte de Lima, onde depois de ter passado pelo basquetebol, futebol e atletismo quis experimentar a canoagem. O entusiasmo e a capacidade empreendedora que demonstrou levaram os amigos a estimulá-lo a formar um clube, base do atual Clube Náutico de Ponte de Lima (CNPL). “Tinha 16, 17 anos na altura, praticamente fui o fundador e o treinador.” Ainda antes de começar a estudar Educação Física e Desporto, na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, em Vila Real, “já tinha feito uma série de formações, ia a tudo o que era lado para tentar aprender o máximo”, com o objetivo de ajudar jovens atletas a darem “os primeiros passos na modalidade.”

Dez anos depois apareceu no CNPL um aspirante a canoísta chamado Fernando Pimenta. “Penso que teria 12, 13 anos”, conta Hélio Lucas. “Tínhamos a iniciação à Canoagem, nas férias desportivas, para ocupar os miúdos durante a pausa letiva do verão e o Fernando foi um dos participantes. Na altura não era um atleta que se salientasse, era um bocado descoordenado, virava [a embarcação]. Mas o que eu achava engraçado é que ele virava e depois era muito persistente e ia outra vez à luta.”

Chegou o inverno e a altura de formar uma equipa. Hélio Lucas decidiu escolher Fernando Pimenta. E o que pesou na decisão foram as características mentais do atleta: a persistência e a vontade. “Às vezes um atleta vira e depois diz “Ai, já não quero mais”, mas ele não, era muito persistente. Apesar de lhe faltarem algumas capacidades de coordenação, a força, a garra e ambição, isso notava-se que eram características que ele tinha. Depois há coisas que chegam com o trabalho e ao fim de dois, três anos já estava num patamar muito bom.”



Hélio Lucas e Fernando Pimenta – relação treinador-atleta já rendeu 123 pódios em provas internacionais

Como é que um treinador percebe então que está perante um atleta que pode vir a ser de elite? Hélio Lucas explica: “Estive numa palestra da Confederação de Treinadores, falámos sobre a captação e eu disse que às vezes nem são as características físicas, mas outras, como o crer e a vontade”, a pesar mais na hora de escolher. “E o Fernando tinha isso”, lembra Hélio Lucas, que na sua carreira de treinador já teve outros atletas de eleição e que possuíam essas mesmas características, como foi Nuno Barros. “Ele foi campeão do mundo, os colegas apelidaram-no de turista, porque nas primeiras provas era em ritmo de passeio, mas notava-se que também era alguém que podia chegar longe. Às vezes há outros aspetos para além do resultado desportivo, daquele que é mais rápido, são marcas que distinguem o próprio atleta.”

Para chegar ao sucesso duradouro, Hélio Lucas reconhece que Fernando Pimenta foi “aquele atleta” em que conseguiu “basicamente aplicar tudo aquilo” que defende que “um atleta deve ter. E ele esteve disposto a acompanhar esse processo.”

Treinar atletas de elite obriga a uma dedicação total, em treinos e estágios, planeamento, exigências que se colocam em paralelo com necessidades de formação contínua. Paradoxalmente ou não, o tempo da pandemia ajudou Hélio Lucas. “Foi engraçado, porque fartei-me de fazer formações. Como eram online, consegui aceder a todo o tipo de formações e de informações, não só na parte do treino, mas também em áreas que fazem parte do processo, como a psicologia e o sono, a recuperação, a alimentação.” Depois há o intercâmbio com colegas estrangeiros. “Esse contacto pessoal que temos com outros treinadores e

outras vivências também nos vai enriquecendo e depois acabamos por saber claramente qual o caminho que queremos para os nossos atletas. Muitas vezes dizem que vão aprender comigo e no fim eu é que aprendo mais com eles.”

A medalha que falta

Hélio Lucas está ligado a cada uma das 123 medalhas ganhas por Fernando Pimenta em competições internacionais, mas há mais, muito mais. “Se contasse as medalhas, acho que já tinha para cima de 230 a 240, em provas internacionais, contando com outros atletas, mas com o Fernando tem sido especial, porque definimos os objetivos e praticamente quase sempre acertámos e às vezes até ultrapassámos aquilo que tínhamos ambicionado. ‘Olha, Fernando, vamos arriscar desta vez em quatro provas’, e ele ganha quatro medalhas de ouro numa taça do mundo”, conta Hélio Lucas.

Falta ainda um ouro, o olímpico. “É um sonho que tenho. Eu costumo dizer ao Fernando: ‘só falta essa, porque já temos o bronze, já temos a prata, falta-nos o ouro nos Jogos Olímpicos. Vamos procurar fazer tudo para que isso possa acontecer.’”

A ambição objetivada em resultados está sempre no horizonte de Hélio Lucas, mas o seu legado, mais do que as medalhas dos seus atletas, é o trabalho. “Eu gosto mais de estar na sombra, nas costas, a fazer o trabalho para que o atleta possa depois ter bons resultados, resultados de excelência, porque sabendo que o reconhecimento do Fernando é indiretamente também o reconhecimento do meu trabalho.”

É português e um dos mais qualificados árbitros do ténis internacional. Dirigiu todas as finais de torneios do Grand Slam e esteve também na decisão de Londres 2012

CARLOS RAMOS

“Os Jogos Olímpicos são experiências inacreditáveis, únicas”

No início era o futebol, a defender a baliza, mas a estatura considerada baixa para um aspirante a guarda-redes levou-o até ao ténis. Primeiro como jogador, a seguir como árbitro, até hoje, sempre por paixão pelo desporto. Carlos Ramos começou assim e subiu, subiu, até atingir o estatuto de primeira figura da arbitragem do ténis internacional, com presença em todas as finais de torneios do Grand Slam, mais a final Olímpica de Londres 2012. É assim o vencedor do Prémio de Mérito do Comité Olímpico de Portugal em 2022.

“Sou uma pessoa de paixões, e a primeira foi o futebol. Só que eu era pequeno demais para ser guarda-redes.” E então Carlos Ramos foi experimentar outra modalidade. “Descobri o ténis por casualidade, porque um colega do meu pai jogava. Uma vez fui com ele e pronto, fiquei logo apaixonado.” Entre os 12 e os 17 anos, Carlos Ramos jogava todos os dias. “Tentei ao máximo ser um bom jogador de ténis, mas rapidamente me apercebi que isso não ia acontecer.”

O “boom” organizativo de torneios de ténis, nos anos oitenta do século passado, fez a ocasião. “Foi o início do ténis internacional em Portugal. O João Lagos tinha uma empresa chamada Soténis, que organizava muitos eventos e havia poucos árbitros.” A paixão pela modalidade levou então Carlos Ramos do “court” para a cadeira, reconhecendo que a sua referência enquanto jogador foi também fundamental para o desenvolvimento da sua atual atividade profissional. “O jogador que mais me inspirava, que eu mais copiava e que mais sonhava ser era o John McEnroe.” O indomável John McEnroe, diga-se, sempre pronto a contestar uma decisão. “Ele foi muito importante para o desenvolvimento da arbitragem, porque se todos os jogadores fossem extremamente fáceis de arbitrar, se dissessem que sim e aceitassem qualquer decisão, a necessidade de haver arbitragem profissional não existiria.”

Quando escolheu ser árbitro, Carlos Ramos não tinha a exata noção de estar a optar por uma das áreas mais difíceis do desporto. “Na altura? Não, não,” confessa. Mas a sua vontade de viver o ténis em toda a sua plenitude falou alto: “Tinha uma sede muito grande de conhecer o ténis fora de Portugal, de estar em torneios onde jogassem os melhores jogadores do mundo.”



Situações complicadas já Carlos Ramos viveu muitas, com jogadores de primeira linha, em particular uma com a norte-americana Serena Williams, na final do US Open de 2018, quando a Federação Internacional de Ténis lhe deu total apoio nas suas decisões. “Nós temos um código de conduta muito estrito e não podemos falar de situações em particular, mas é como se costuma dizer em Portugal: tantas vezes o cântaro vai à fonte que acaba por se partir. Acontecerem situações difíceis é apenas uma questão de tempo, porque nós sabemos que elas vão acontecer mais cedo ou mais tarde e quanto mais expostos estamos, quanto mais jogos de de alto nível arbitramos, mais elas acontecem. E uma coisa é acontecerem em frente a dois treinadores e um ou dois espectadores, e outra coisa é quando acontecem em frente a 15 000 pessoas e com o jogo a passar na televisão para o mundo inteiro. Aprendemos a lidar com elas. Mas é como disse o Roger Federer: isto é só ténis.”

O árbitro do Golden Grand Slam

Carlos Ramos começou a arbitrar internacionalmente em 1991, já lá vão mais de 30 anos, e nessa altura estava fora de casa cerca de 35 semanas, a viajar de torneio para torneio. Hoje o ritmo abrandou e é próprio de quem está num nível alto, que o levou a fazer o Golden Grand Slam, ao arbitrar as finais de Roland Garros, Wimbledon, US Open e Austrália, mais os Jogos Olímpicos. “Jamais sonharia poder fazer uma coisa destas. É um sonho

para qualquer árbitro, difícil de conseguir, principalmente para os árbitros que não são do país. Em França, a final é para os franceses, nos Estados Unidos é para os Americanos. A minha primeira final de um Grand Slam foi na Austrália em 2000.” Depois seguiram-se todas as outras e a final olímpica. “Os Jogos Olímpicos são experiências inacreditáveis, únicas. Eu tive a sorte de os fazer todos, desde Barcelona 1992... só não fiz Atlanta 1996, porque foi quando o meu filho mais velho nasceu. São momentos incríveis.” A final de Londres 2012 teve ainda mais significado devido ao palco onde foi jogada. “Wimbledon é um clube que eu conheço muito bem, mas estava completamente transformado para os Jogos Olímpicos. Havia mais cor e nós, árbitros, pudemos ir a espaços onde habitualmente não podemos entrar. O facto de estar um britânico na final, o Andy Murray, que ganhou (a Roger Federer), acabou por tornar o ambiente extraordinário.”

Nascido em África, Carlos Ramos cresceu em Portugal e vive atualmente em França, onde o casamento o levou. O apelo de regressar existe sempre, mas... “Eu gosto muito de estar em Portugal, vou frequentemente a Portugal e tenho muitas vezes vontade de voltar, mas também gosto de estar em França e a vida da minha família organizou-se aqui.”

Para quando deixar o ténis, Carlos Ramos, que diz gostar “muito de de viver o presente” e de não se agarrar ao passado, “nem pensar muito no futuro”, tem um desejo singelo: “Gostaria que as pessoas dissessem que era um bom árbitro, que era justo.”

PRÉMIO DE ÉTICA DESPORTIVA

Confrontada com uma colega em perigo iminente, a jovem limiana abdicou da sua posição no Mundial de Canoagem e evitou o que poderia vir a ser uma tragédia

BEATRIZ CALDAS

O dia em que a competição ficou em segundo plano

Beatriz Caldas foi a protagonista de um dos maiores momentos de altruísmo do ano durante o Campeonato do Mundo de Maratonas em Ponte de Lima. A escolha de abdicar da sua posição na prova e salvar uma colega em grandes dificuldades valeu-lhe a atribuição do Prémio de Ética do Comité Olímpico de Portugal.

Foi no decorrer da maratona de K1 juniores femininos, a competir no rio que tão bem conhece, que a canoísta limiana prestou apoio à japonesa Yuki Nomura, caída na água, aparentemente sem capacidade para voltar à embarcação. Ao aperceber-se da enorme preocupação dos árbitros, que chamavam os bombeiros, impossibilitados de chegar à zona da atleta em perigo, Beatriz Caldas foi pronta no auxílio da colega.

“Estava a fazer a minha prova e só vi os árbitros bastante aflitos a chamarem pelos bombeiros, porque a rapariga já estava há algum tempo sem fazer nada, só a nadar. Depois vi-a virada no rio, o barco já estava a ir ao fundo e não pensei em mais nada. Fui lá tentar ajudá-la”, descreveu Beatriz Caldas.

Com o caiaque na diagonal, para proteger a área onde se encontrava a colega, e com a ajuda da pagaia, a jovem canoísta foi capaz de devolver a atleta japonesa à embarcação para que pudesse ser resgatada pelos bombeiros, já longe da zona de passagem das atletas em prova.

Ciente de que a paragem poderia prejudicar a sua prestação, Beatriz Caldas abdicou, declaradamente, de uma boa classificação para ajudar a adversária: “Nem pensei nisso. No início da prova também virei e já tinha perdido bastante tempo. Estava a fazer a minha prova, a recuperar alguns lugares, mas nessa situação parei e foi por uma boa razão. Claro que o faria outra vez.”

Uma atitude que não passou despercebida e impressionou os que acompanhavam ao longo das margens do Rio Lima, como forma de reconhecimento da maturidade da jovem. Já depois do apoio prestado, os próprios bombeiros louvaram a atitude de Beatriz Caldas, que evitou que a situação se tornasse crítica. Apesar dos sinais de enorme cansaço, a japonesa fez questão de terminar a prova e juntou-se, ainda que com uma volta de atraso, às restantes colegas. A limiana fez o mesmo e ainda foi capaz de recuperar várias posições, numa autêntica prova de superação.



“Estava a fazer a minha prova, a recuperar alguns lugares, mas nessa situação parei e foi por uma boa razão. Claro que o faria outra vez”

As medalhas ficaram fora de equação, mas a canoísta completou a prova independentemente do atraso. Ao chegar ao final do percurso, perante a plateia e os juízes que “aplaudiam de pé”, recebeu o cartão branco, de fair-play, pela atitude. Na cerimónia de entrega de medalhas foi surpreendida com o prémio Jorn Cronberg, que valoriza as atitudes em competição: “Não sabia que ia ganhar esse prémio. Fiquei bastante contente.” Se o resultado ficou longe do esperado, na memória de todos ficará bem presente a ação de Beatriz Caldas, que colocou verdadeiramente em prática os Valores Olímpicos de Excelência, Respeito e Amizade.

PRÉMIO DE EDUCAÇÃO OLÍMPICA

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DO CERCO DO PORTO

Ao Agrupamento de Escolas do Cerco do Porto, no Porto, é atribuído, em 2022, o Prémio de Educação Olímpica do COP, por reconhecidamente ser um exemplo de boas práticas no âmbito da Educação Olímpica. O Agrupamento de Escolas do Cerco do Porto promoveu a Educação Olímpica através do desenvolvimento do Plano de Inovação Educação nos Valores Olímpicos, no 2.º ciclo, e colaborou em diversas atividades, nomeadamente no “Sou Olímpico”, com o objetivo de dinamizar momentos de aprendizagem focados na promoção dos Valores Olímpicos Excelência, Amizade e Respeito.

Podem receber o Prémio de Educação Olímpica: a) Estabelecimentos de ensino, públicos e privados, e entidades desportivas, desde que se encontrem integrados na rede do Programa de Educação Olímpica do COP; e b) Outras entidades que tenham contribuído para a implementação de projetos e atividades de promoção do Programa de Educação Olímpica.

Presidente honorário da Federação Portuguesa de Judo, foi membro da Comissão Executiva do Comité Olímpico de Portugal. Aos 79 anos, olha para trás e acha que acrescentou sempre algo às atividades em que participou, da agricultura ao ensino em Agronomia, da vida militar à solidariedade social. Chegou a altura de ser reconhecido pelo Movimento Olímpico

ANTÓNIO ALEIXO

“Não passei pela vida em claro”

O que significa para si ser distinguido com a Ordem Olímpica Nacional?

É uma grande honra. Foi uma coisa em que eu, nestes 21 anos, votei várias vezes, mas nunca me passou pela cabeça que um dia me iria ser concedida.

É presidente honorário da Federação Portuguesa de Judo e o Governo português entregou-lhe a medalha de mérito desportivo. Pode considerar que o seu trabalho no desporto tem sido devidamente reconhecido?

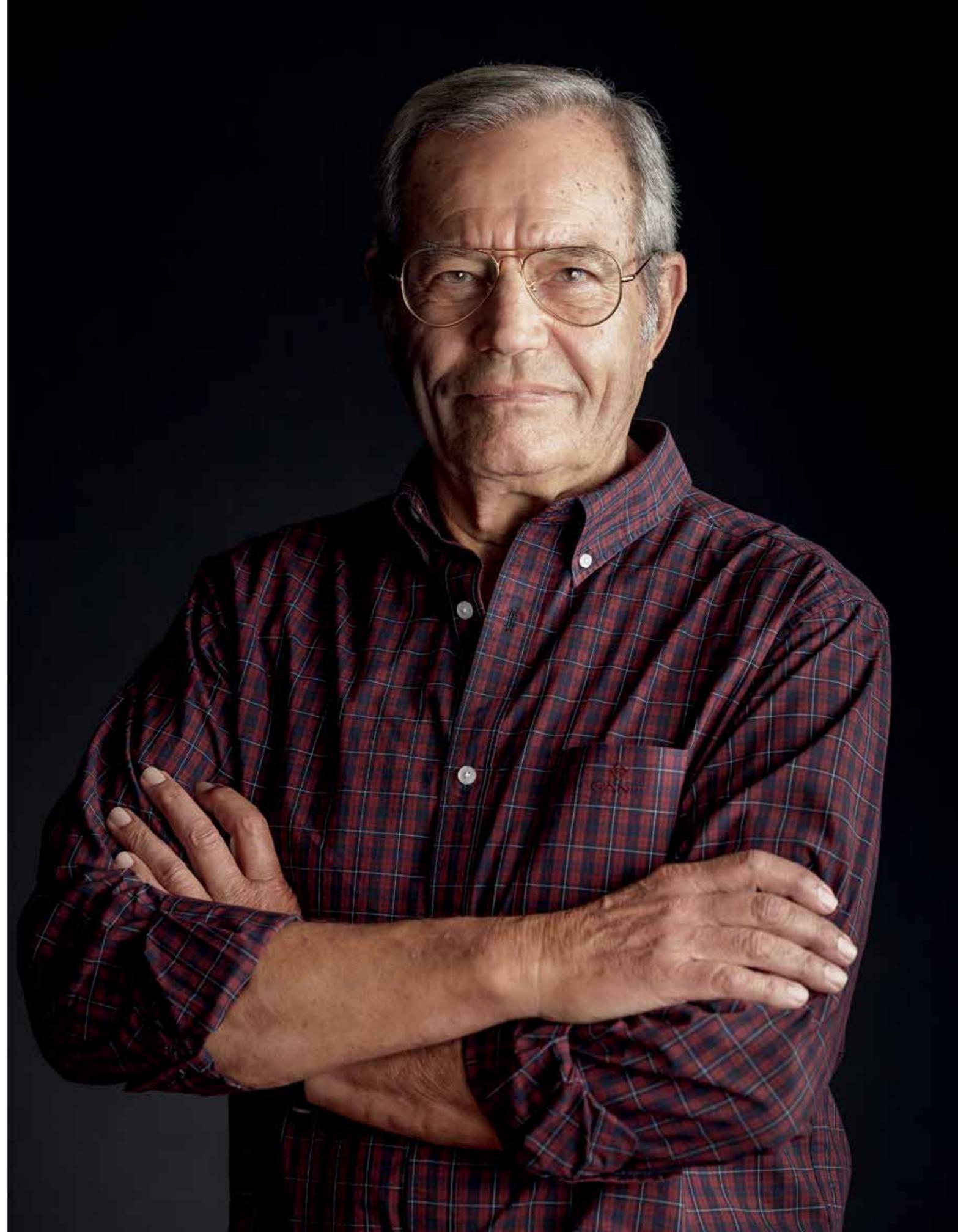
Eu não penso nisso, sabe?! Quando me entrego de alma e coração a uma missão, se conseguir fazer alguma coisa, há uma satisfação pessoal que para mim é suficiente. Olho para trás e, efetivamente, sinto-me realizado nos vários campos em que trabalhei. Na Federação, fiz algumas coisas que não existiam antes, provas que foram depois também começadas na União Europeia de Judo. Por exemplo, na altura em que eu comecei a fazer os torneios de veteranos e os torneios de katas, a União Europeia não os fazia, a Federação Internacional também não. É depois passou a fazer. Embora não estivesse muito bem preparado, fiz questão de participar no primeiro torneio da Europa de veteranos. E gostei imenso.

Como é que era o António Aleixo praticante de Judo?

Eu nunca fui um campeão, mas tive sempre uma prestação que me satisfaz. Naquele tempo não havia muitas provas, mas mesmo assim consegui algumas medalhas. Pelo menos no comportamento, porque para mim não é propriamente o prémio a estar em causa, mas sim o comportamento pessoal. Tanto no Judo, como no Râguebi. Então no Râguebi, algumas vezes perdíamos, mas eu vinha satisfeito com o meu comportamento e acho que é isso que é importante.

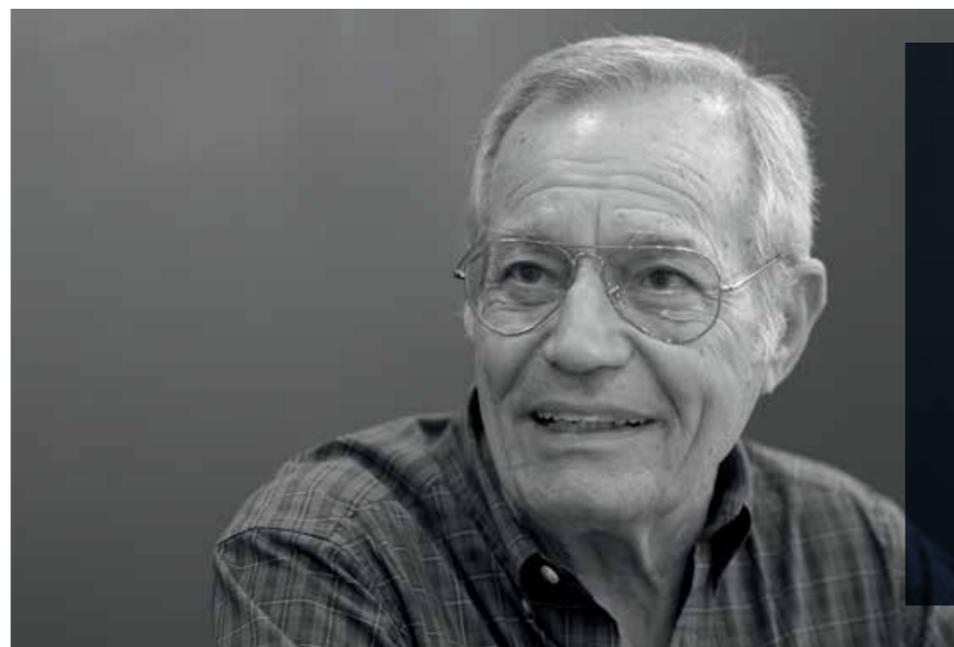
Para além de Judo e de Râguebi, também foi praticante de Hóquei em Patins?...

Eu tinha 11 anos quando fui para um colégio interno, no Monte Estoril. Já está extinto há muitos anos, mas todos os anos nos encontramos. No meu quarto éramos três e todos sabíamos patinar, então lembrei-me de formar uma equipa de Hóquei.





“Se nós formos ouvir os atletas, eles não têm sempre razão, mas muitas vezes têm”



Já era um empreendedor?

Sim, fui eu que tive a iniciativa. Efetivamente, fui falar com o diretor e o diretor diz “Sim, senhor, façam a equipa.” Então, contactei mais alguns e organizámo-nos. Pedi autorização e fui a Lisboa, a uma casa de desporto no Intendente, mandar fazer uns equipamentos e começámos a jogar. Consegui até ter uns patins-bota, que eram uma ambição, porque com os patins normais aquilo não resultava muito bem. As canelas é que foram pagando e hoje parecem uns Himalaias. Joguei até aos 19 anos. Depois comecei a fazer Judo com o Mestre Bastos Nunes, em 1962.

O Judo é uma paixão que vem de longe? Foi presidente da Federação durante quatro mandatos...

Foram 14 anos, não terminei o último mandato por questões de saúde.

Avançou, em 1997, para unir um meio que estava um bocado em convulsão, segundo relatos da época. Como foram esses tempos?

Sempre me orientei segundo determinados princípios, tanto na vida como no desporto. O Mestre Kobayashi deu-me a honra de ser muito meu amigo e também me transmitiu o espírito oriental. Portanto, posso dizer, sem falsa modéstia, que assumi um bocadinho esses princípios. O Judo na altura estava efetivamente mal, as pessoas não sabiam fazer os katas, que era uma coisa importante para os exames, e não faziam exames. E também havia um problema com a disciplina. A disciplina deixava muito a desejar e o respeito pelo Mestre estava a ser perdido. A minha atuação na Federação passou por melhorar esses aspetos.

Foi durante o seu tempo na Federação que o Judo conseguiu pela primeira vez uma medalha Olímpica, com Nuno Delgado, em Sydney 2000. Foi um marco?

Foi, efetivamente, uma coisa inédita. Foi importante para a modalidade essa primeira medalha, mas devo dizer que quando cheguei à Federação havia já bons atletas de alta competição. Só que não se pensava muito no futuro e, portanto, os meios eram canalizados para os seniores.

Os outros escalões não eram apoiados?

Nos Jogos Olímpicos da Juventude, em 1997, isso foi evidente. Os nossos esperanças não ficavam muito aquém em termos de de competição e em termos de experiência dos outros países e, portanto, isso também deve ter-me chamado a atenção para dar também atenção não só aos juniores como às esperanças. E criámos uma certa continuidade. Os meios não eram muitos, mas, enfim, lá fomos trabalhando nesse sentido.

A geração de Nuno Delgado era muito valiosa em termos de qualidade. Poderia até ter conseguido mais resultados?

Provavelmente, mas depois das coisas passadas é fácil pensar. Admito que sim. Admito que isso pudesse acontecer, porque havia sempre valores que não tinham possibilidades de demonstrar as suas capacidades.

Para além da Federação de Judo, teve também um papel enquanto dirigente no Comité Olímpico de Portugal, tendo integrado a Comissão Executiva primeiro como vogal e depois passou a vice-Presidente. Como é que avalia o

trabalho feito durante os mandatos em que fez parte da Comissão Executiva?

Olhe, eu tenho as minhas normas éticas e, portanto, como já referi, quando entro numa coisa é para fazer o melhor possível. Tentei sempre corresponder àquilo que se pedia. Estou satisfeito com o desempenho. Trabalhei sempre com sinceridade e lealdade. Satisfaz-me ter procedido de acordo com aquilo que eu defendo.

O trabalho do COP, normalmente, é medido em medalhas. No último mandato em que fez parte da Comissão Executiva, Portugal conseguiu o maior número de medalhas da história em Jogos Olímpicos. Como é que viu esse resultado?

Eu acho que se pode dizer que foi a continuação do trabalho feito. Apesar de sermos um país pequeno, quando nos comparamos com outros países, verificamos que realmente temos grandes valores em todos os campos, e isso também acontece no desporto. Quando se conseguem dar condições os resultados aparecem.

Pela sua experiência de dirigente, quais são os os principais problemas que identifica no desporto português?

Se nós formos ouvir os atletas, eles não têm sempre razão, mas muitas vezes têm. E, efetivamente, o problema está no apoio financeiro, sobretudo no apoio financeiro. Porque ao compararmos com as verbas pagas noutros países, verificamos que esses apoios em Portugal ficam muito aquém. Uma das coisas que eu sempre considerei importante são os contactos internacionais e um maior apoio pode proporcionar esses contactos,

porque quando o atleta atinge um certo nível precisa de treinar com atletas de nível superior para poder evoluir. Eu tinha consciência disso e procurámos, não digo eu, mas a equipa, encontrar soluções. Onde tenho estado trabalho em equipa, porque não me sinto bem a trabalhar individualmente. A equipa é uma ajuda indispensável para quem tem responsabilidades.

E o que é que de melhor encontrou no desporto durante a sua carreira de dirigente?

Eu acho que foi a formação das pessoas. O desporto pode ajudar muito nisso, com o cumprimento de determinadas normas: o respeito pelo adversário, o respeito pelos árbitros, que é uma coisa que nem sempre é fácil, porque um árbitro errar é humano e normalmente os atletas e os treinadores reagem mal a isso. Ser árbitro é um bocadinho ingrato. No Judo tudo se passa numa fração de segundo, eu tenho de tomar uma decisão e estar muito bem treinado, saber muito de Judo para poder tomar uma decisão certa. Eu devo dizer que nunca gostei de arbitrar.

Mas também foi árbitro?

Também fui e nunca gostei. Senti a responsabilidade e como também era atleta sabia a influência que podia ter e, por isso, nunca gostei. Fiz parte da equipa principal de Râguebi de Agronomia durante 17 anos, fui capitão e na altura - hoje as coisas estão mais organizadas e há sempre um árbitro - muitas vezes o árbitro não aparecia. E, então, o que é que se fazia? Uma parte era arbitrada pelo capitão de uma equipa, a outra parte era arbitrada pelo capitão da outra equipa. Eu procurava sempre ser substituído por outro. É uma responsabilidade muito grande, arbitrar.

“Há uma coisa de que eu tenho consciência e que posso transmitir, sinto-me realizado em todas as áreas em que participei. Acho que fiz alguma coisa de jeito”

O Tiro também é uma das suas atividades favoritas...

Eu sempre gostei de tiro e comecei a atirar para aí aos sete anos. Havia uma organização que nos permitia entrar em provas, a Mocidade Portuguesa, e eu participei em algumas e uma das modalidades foi o tiro. Fui campeão regional da zona de Cascais. Mas notei logo que no Tiro não se pode tremer, tem de se ter calma, razão pela qual só há pouco tempo é que me inscrevi na Federação de Tiro. Já não penso entrar em provas, mas sim praticar um bocado.

Olhando para a atualidade, considera que o desporto português tem um problema de violência associado?

Eu acho que o problema da violência existe em toda a sociedade e, naturalmente, também no desporto. Uma das coisas essenciais é nós respeitarmos o adversário. É como eu digo aos meus netos, o adversário é um adversário, não é um inimigo. E, portanto, uma coisa que me choca é que depois de uma prova um atleta se recuse a cumprimentar o outro. As coisas podem não ter corrido bem, mas, seja como for, se o outro for melhor, temos de aceitar. Se perdeu por um erro do árbitro, o adversário não tem culpa disso. Agora nós vemos, efetivamente, na sociedade, uma agressividade latente. Há muitas coisas a contribuir para que assim seja e uma delas é a rivalidade e a necessidade de trepar a qualquer custo. Isso reflete-se também na música. Eu sou da época dos “hippies” e daquela música com melodia. A música atual faz mal aos ouvidos e à cabeça, porque é violenta, é uma barulheira danada, não tem melodia nenhuma. Nos anos 60, 70, e até 80, a música também contribuía para acalmar as pessoas, ao passo que hoje as torna mais agressivas, como estamos constantemente a ver até na condução.

Quais considera terem sido as principais mudanças ocorridas no desporto?

Foram os meios disponibilizados, as instalações desportivas. Esse aspecto é essencial. As câmaras também têm ajudado um bocado nessa área.

Se lhe pedir para traçar um auto-retrato, o que é que dirá?

Tenho sempre uma certa dificuldade em falar de mim. Mas há uma coisa que eu tenho consciência e que posso transmitir, sinto-me realizado em todas as áreas em que participei. Acho que fiz alguma coisa de jeito. Portanto, agora, com quase 80 anos, olho para trás e vejo que não passei pela vida em claro. Poder contribuir para alguma coisa, isso satisfaz-me completamente.

Depois de ter formado a primeira equipa de hóquei no colégio?

Sim. Sinto-me muito melhor como dirigente do que como atleta, mas consegui alguma coisa. Há outro campo que para

mim foi importante, o campo da solidariedade social. Fui presidente de várias coisas, incluindo Provedor da Misericórdia da minha terra.

Que é...

Cabeção, no concelho de Mora. Fui provedor 20 anos ou mais de 20 anos, e isso para mim foi importante, por poder colaborar e ajudar as pessoas. Fui também presidente do lar da minha terra 20 e tal anos. Antes tive o serviço militar. Fui oficial e tive cinco anos empatados. Comecei com 21 anos e terminei aos 26.

Estamos a falar de que anos?

Estamos a falar de 1964 a 1969.

Teve a experiência da guerra?

Estive dois anos em Moçambique. Fui um privilegiado, nunca tive de matar ninguém, mas tinha de atuar e acho que sempre o fiz com justiça e respeito pelos outros. Fui polícia militar. Ouço falar do racismo e em Moçambique havia soldados brancos e soldados negros. Eu nunca tratei um soldado negro diferente de um soldado branco. Nunca tratei um soldado por tu, nunca! Respeitava, mas também exigia respeito. Na minha unidade, na minha companhia... era um chato. Era um chato porque tratava todos com respeito. E ainda pus a hipótese de seguir a vida militar, mas estava muito doente e regresssei, já não continuei. Mas na vida acho que podia ter sido as duas coisas, empresário agrícola e militar.

Ficou algum trauma da Guerra?

Acho que não. Eu era o único oficial solteiro da minha companhia, os outros eram todos casados e isso criava um certo isolamento. Mas, de resto, tirando os meus filhos considerarem que eu fiquei um bocado apanhado do clima, não ficou nada de grave.

Foi também professor no Instituto Superior de Agronomia, certo?

Fiquei desligado da agricultura, tinha dois filhos e precisava de ganhar a vida.

Ficou desligado da agricultura porquê?

Fui expropriado e ocupado.

A seguir ao 25 de abril de 1974?

Sim, no Alentejo, em 1975. Entretanto, houve abertura para a entrada de docentes no Instituto Superior de Agronomia e o meu antigo treinador de Remo diz-me “porque é que não te candidatas?” Está bem, pronto, candidatei-me e entrei. Dei aulas durante 40 anos. Estive até aos 70 anos, várias vezes pensei em sair, mas o relacionamento com os alunos e depois as manifestações

de simpatia de antigos alunos foram-me sempre segurando, embora, entretanto, me tenham entregado algumas coisas no Alentejo. E eu queria tratar delas.

Como é que se processou essa recuperação das suas terras?

A terra já era minha, pertenceu aos meus antepassados, e portanto é uma coisa pela qual tenho um grande amor. Lá estou a trabalhar naquilo que me foi - quase tudo - transmitido e, portanto, sinto-me na obrigação de o legar aos meus descendentes. Tenho muitas preocupações com o ambiente. Tenho um comportamento que muitas vezes não é bem entendido, porque dou mais atenção à salvaguarda do ambiente do que propriamente ao rendimento, e então escolho uma atuação que contempla as duas coisas.

Já falou do Tiro, falta falar da Caça, que é uma das suas paixões. Porquê?

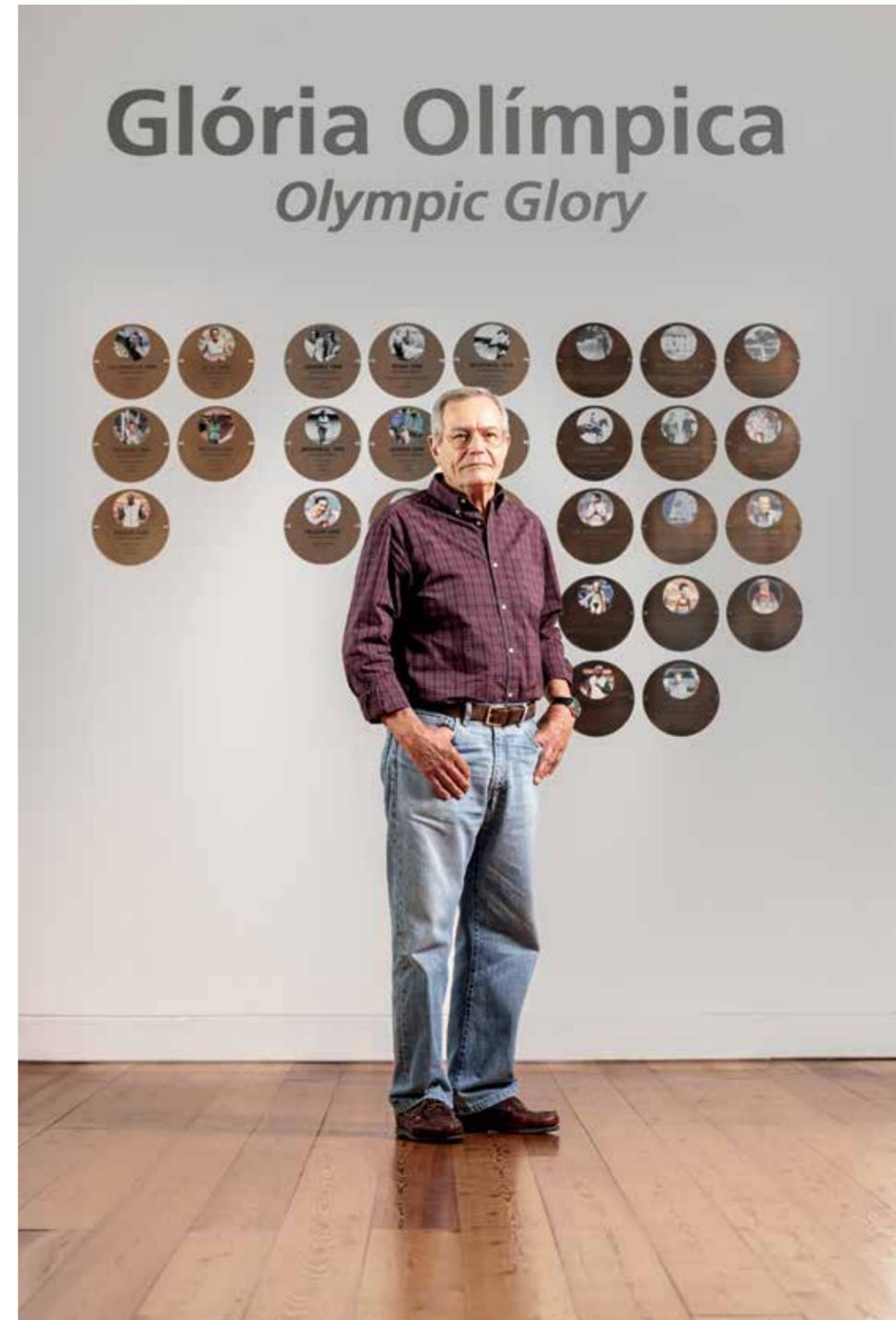
Comecei cedo. Gostava de acompanhar o meu pai e depois fui continuando, mas não sou um grande caçador. Quando tinha os meus 18 ou 19 anos, se o meu pai permitisse, nas férias ia à caça todos os dias, só que ele tinha o cuidado de não me deixar viciar, mostrando que há outras coisas a fazer.

Depois de ter sido professor, voltou à agricultura e escolheu viver no Alentejo. Porquê?

Eu sempre fui muito campesino e, aliás, o meu pai dizia, quando eu era miúdo, que era um bicho-de-mato. Fui sempre muito calado e sempre me entretive mais a pensar do que a falar. Interiorizava muito a minha atuação. Gosto muito de pensar, daí que uma das coisas que mais gostei de fazer, enquanto fui docente, foi investigação. Gostava muito de investigar.

Aos 79 anos, o que é que ainda tem por concretizar?

Não é propriamente concretizar. Os meus filhos e os meus netos, sobretudo, são novinhos e gostava efetivamente de ver a sua ascensão na vida. Procuo transmitir-lhes princípios, é uma excelente missão.



“Na vida acho que podia ter sido as duas coisas, empresário agrícola e militar”



PEQUIM 2022 COM OS MELHORES RESULTADOS DE SEMPRE DA EQUIPA PORTUGAL

Três atletas, de Esqui Alpino e Esqui de Fundo, fizeram o que nunca antes tinha sido conseguido em **Jogos Olímpicos de inverno**



José Cabeça



Vanina Guerillot



Ricardo Brancal



PEDRO FARROMBA
Chefe de Missão

PEQUIM 2022

Catorze anos depois do sucesso de 2008, Pequim voltou a organizar uma edição dos Jogos Olímpicos, desta feita os Jogos Olímpicos de Inverno 2022, tornando-se na primeira cidade a ser anfitriã em cada uma das vertentes.

Entre os dias 4 e 20 de fevereiro de 2022, mais de 2800 atletas de 91 países participaram em 109 eventos distribuídos por 15 modalidades, numa celebração que reuniu a elite mundial das modalidades de inverno.

A Equipa Portugal, conduzida pela ambição em continuar a traçar um caminho em crescendo nas modalidades de inverno, fez-se representar por três atletas: José Cabeça, Ricardo Brancal e Vanina Guerillot. Apesar de sete atletas terem atingido mínimos olímpicos, as limitações de quotas por país e modalidade reduziram a comitiva portuguesa, que ainda assim aumentou em relação à edição anterior, nos Jogos Olímpicos de Inverno 2018, em Pyeongchang, que contou com dois atletas.

A participação portuguesa teve início no dia 7 de fevereiro, com Vanina Guerillot a terminar a prova de Slalom Gigante Feminino na 43.ª posição entre 82 atletas. Depois foi a vez de José Cabeça completar os 15km Estilo Clássico de Esqui Alpino, no dia 11 de fevereiro, num "culminar de muitos anos de trabalho", tal como descreveu.

"O dia da competição é algo difícil de explicar, pois é o dia em que o trabalho de vários anos é posto à prova. Todos os atle-

tas querem o melhor resultado. Adorei cada segundo e foi um privilégio incrível poder representar Portugal num dos eventos mais importante no Desporto", explicou.

O 88.º lugar em 99.º atletas acabou por ser "dentro das expectativas", mas deixou José Cabeça com "vontade e força para trabalhar mais para nos próximos Jogos Olímpicos estar ao nível dos melhores".

"Poder ter estado em Pequim foi um sonho tornado realidade. Não foi tarefa fácil, mas no momento em que entrei no estádio para a cerimónia de abertura soube que todo o trabalho e dificuldades que tinha passado tinham valido a pena. Foi a sensação mais incrível que já vivi e não existem palavras que a consigam descrever", confessou José Cabeça.

O dia 13 de fevereiro trouxe duas provas com participação portuguesa. Vanina Guerillot, no Slalom Feminino,

não terminou a 2.ª Manga e acabou sem classificação geral. O balanço foi, ainda assim, positivo para a esquiadora na primeira reação após a prova: "Estou muito contente por ter participado nos Jogos Olímpicos de Pequim. Foi uma experiência incrível, com pistas formidáveis, neve excelente e cheia de boas recordações."

No mesmo dia, Ricardo Brancal entrou na prova de Slalom Gigante Masculino e terminou na 37.ª posição entre 89 atletas.

Coube ainda a Ricardo Brancal fechar a competição para Portugal com a entrada no Slalom Masculino, que decorreu no dia 16 de fevereiro, com um 39.º lugar em 88 participantes, o finalizar de "uma experiência incrível".

"Um sonho que se tornou num objetivo concretizado. Sem dúvida alguma, a melhor experiência da minha vida. Lutei bastante para representar o nosso País no maior evento desportivo a que um atleta pode aspirar", contou Ricardo Brancal.

Objetivo cumprido para a missão que culminou na melhor participação de sempre para Portugal nos Jogos Olímpicos de Inverno.

PERSPETIVA DE CRESCIMENTO

A realização de uns Jogos Olímpicos num período de pandemia é, só por si, muito difícil e mais difícil ainda é a realização de uns Jogos Olímpicos de Inverno no país onde a pandemia teve início com tudo o que foram, e na China ainda são, as restrições no dia-a-dia.

A Missão de Portugal contou com três atletas, a maior de sempre, em duas modalidades distintas, Esqui alpino e Esqui de fundo, conseguindo melhorar os resultados de participações anteriores, prestigiando o País e criando condições para que o desenvolvimento das modalidades seja cada vez mais uma realidade.

A melhoria de resultados, o crescimento da missão, bem como as cada vez melhores condições que Comité Olímpico, IPDJ e a Federação que tutela as modalidades disponibilizam aos atletas de desportos de Inverno em Portugal abrem um quadro de enorme expectativa face aos próximos anos, assumindo-se uma perspetiva de crescimento que, espera-se, se venha a confirmar já nos próximos Jogos Olímpicos de inverno, em Itália.

A Equipa Portugal superou em **ORAN 2022** os resultados de Tarragona 2018, ganhando mais medalhas com menos atletas e em menos modalidades

FAZER MAIS E MELHOR NOS JOGOS DO MEDITERRÂNEO

A Equipa Portugal participou pela segunda vez nos Jogos do Mediterrâneo, depois do Comité Olímpico de Portugal (COP) ter sido admitido como membro do Comité Internacional dos Jogos do Mediterrâneo. Entre os dias 25 de junho e 6 de julho, 159 atletas de 20 disciplinas competiram pela Equipa Portugal em Oran, a segunda cidade da Argélia, situada no litoral mediterrânico e habitada por cerca de dois milhões de habitantes.

Os objetivos definidos à partida pelo COP foram os de nivelar os resultados com os obtidos quatro anos antes, na estreia nos Jogos do Mediterrâneo, na cidade espanhola de Tarragona, a menos de 100 km de Barcelona. Aí, a Equipa Portugal estivera representada por 221 atletas de 29 modalidades e conquistara 24 medalhas - três ouros, oito pratas e onze bronzes.

Pois o que parecia difícil à partida foi-se progressivamente tornando realidade. E em Oran os resultados da Equipa Portugal não foram nivelados pelos de 2017, aconteceu mesmo a superação que permitiu subir 25 vezes ao pódio, para receber sete medalhas de ouro, dez de prata e oito de bronze.

Para além de terem significado mais quantidade, os resultados de Oran também revelaram maior qualidade, com mais medalhas de ouro ganhas, fator que levou a Equipa Portugal a acabar no 9.º lugar do medallheiro, à frente de países que até garantiram mais pódios, como a Tunísia (10.º, 27 medalhas) e Marrocos (15.º, 33) - quando em Tarragona 2018 foi 13.º.

Seis modalidades ganharam medalhas para a Equipa Portugal: Natação (9), Atletismo (8), Ténis de Mesa (4), Ciclismo (2), Ginástica (1) e Tiro com Armas de Caça (1). Cinco atletas foram duas vezes ao pódio: Camila Rebelo, Natação - ouro e ouro; Diogo Ribeiro, Natação - ouro e prata; Lorene Bazolo, Atletismo - prata e bronze; Jieni Shao, Ténis de Mesa - prata (singulares) e bronze (equipas); e João Geraldo, Ténis de Mesa - prata (equipas) e bronze (singulares).

As restantes medalhas foram conquistadas pelos seguintes atletas: ouro - João Coelho, Leandro Ramos e Cátia Azevedo (Atletismo); e Rafael Reis (Ciclismo); prata - Liliana Cá (Atletismo); Daniela Campos (Ciclismo); Ana Catarina Monteiro, Ana Pinho Rodrigues, Miguel Nascimento (Natação); Maria Inês Barros (Tiro com Armas de Caça); e Equipa masculina (Ténis de Mesa); bronze - Tiago Pereira, Evelise Veiga (Atletismo); Filipa Martins (Ginástica); Rafaela Azevedo, Raquel Pereira (Natação); Equipa feminina e João Geraldo (Ténis de Mesa).

Em Oran 2022, os atletas da Equipa Portugal bateram cinco recordes nacionais, onze recordes pessoais e em 20 casos realizaram as melhores marcas do ano 2022.

Ténis de Mesa conquistou quatro medalhas para a Equipa Portugal



159
ATLETAS

20
MODALIDADES

25
MEDALHAS

5
RECORDES
NACIONAIS



CATARINA MONTEIRO
Chefe de Missão

RESULTADOS SUPERADOS

Os resultados desportivos da Equipa Portugal na 19.ª edição dos Jogos do Mediterrâneo, em Oran, foram extremamente positivos, superando os que tinham sido alcançados na edição anterior, em Tarragona.

A obtenção de 25 medalhas - sete de ouro, dez de prata e oito de bronze - colocou Portugal no brilhante 9.º lugar do medalheiro dos países participantes.

O valor elevado da nossa Missão foi confirmado ainda pela conquista de cinco recordes nacionais, onze recordes pessoais e 55 classificações entre o 4.º e o 8.º lugar.

Num palco em que a qualidade desportiva dos países participantes é por demais reconhecida, esta histórica participação valoriza os atletas, as modalidades, as federações e afirma o País no panorama desportivo internacional, confirmando também as expectativas do Comité Olímpico de Portugal quando iniciou este caminho que, não obstante ter sido longo e com muitos desafios, foi homenageado por cada um que representou Portugal em Oran.

Apesar das circunstâncias adversas que encontrámos na Argélia, conseguimos unir-nos e ser mais fortes do que aquilo que muitas vezes se pensa do desporto português.

ANDEBOL

A Equipa Portugal de Andebol feminino classificou-se na 4.ª posição. No final do torneio tinha duas vitórias e três derrotas, mas esteve nas meias-finais a discutir um lugar na final com a campeã Espanha (24-26) e depois no jogo pelo bronze com a Sérvia (22-26).

ATLETISMO

Oito medalhas foram conquistadas pelos atletas portugueses, na pista do Complexo Olímpico de Oran.

João Coelho ganhou o ouro nos 400m, que venceu com recorde pessoal fixado então em 45,41 segundos.

“A minha participação nos Jogos do Mediterrâneo foi muito importante. Obtive a minha primeira medalha internacional de 1.º lugar. Nunca tinha alcançado um feito tão grande no meu percurso desportivo. Foi bom participar, porque nunca tivera a experiência de estar perante tanta gente a ver Atletismo, o que me permitiu contar com as melhores condições para correr o mais rápido possível. No final saí de lá muito contente, com uma ótima prestação.”

Também campeão mediterrânico foi Leandro Ramos, no lançamento do dardo, com um lançamento de 82,83 metros.

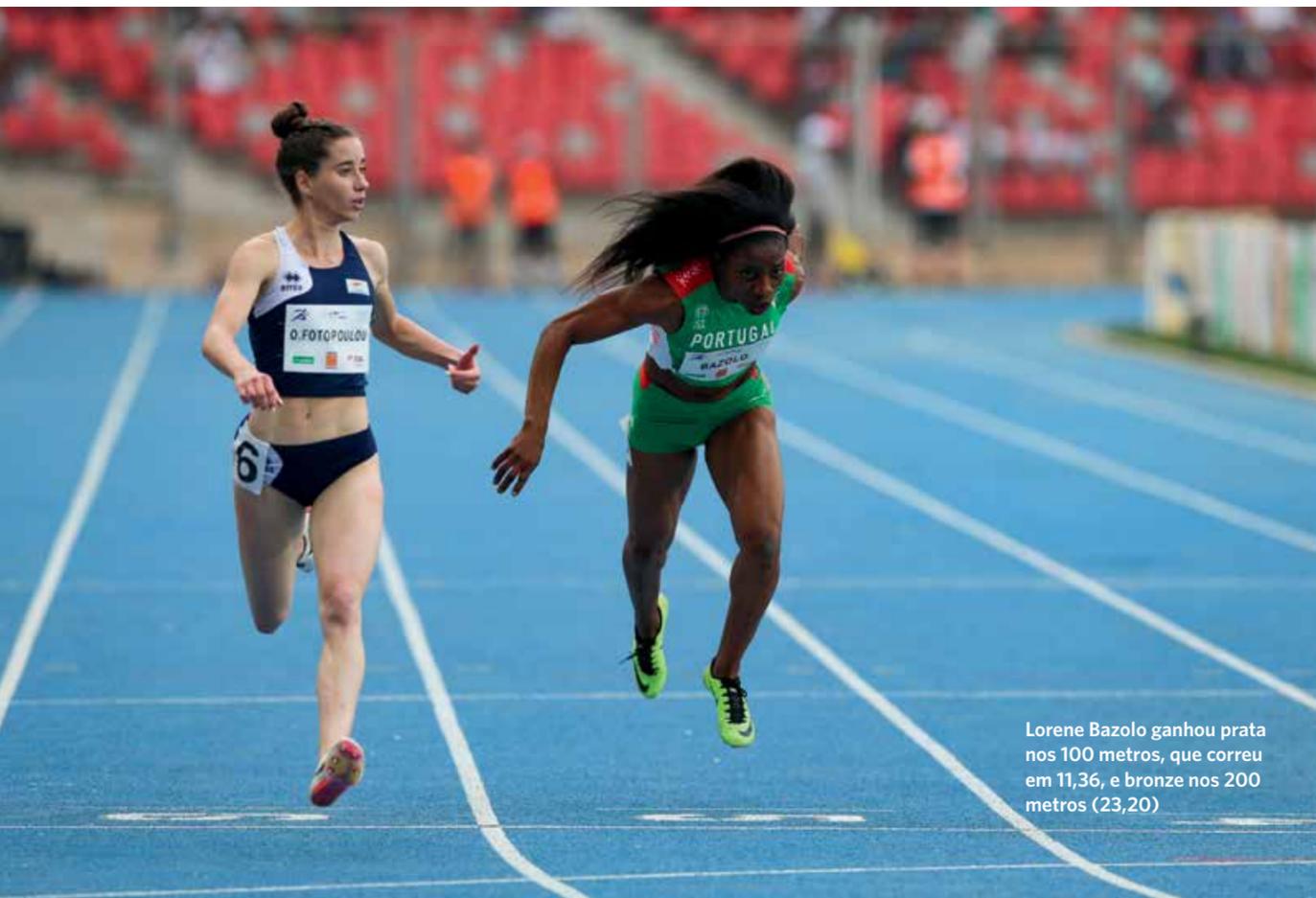
“Foi uma boa prova, porque saí vitorioso, com uma medalha. É sempre bom ter mais uma medalha no currículo, o que nos dá visibilidade, tanto dentro como fora do Atletismo. Foi a primeira vez que representei Portugal numa missão organizada pelo COP e é sempre bom ganhar. Foi um orgulho, ainda mais ouvindo o Hino. A medalha de ouro é, como eu digo sempre, resultado do trabalho feito.”

Cátia Azevedo ganhou os 400m, então com a sua melhor marca de 2022 (51,24), e ganhou o terceiro ouro no Atletismo.

“Oran, uma cidade com diferentes valores e princípios, verdadeiramente desafiante! Com um estádio cheio de apoiantes que vibrava com todas as competições. Sabia que o desafio era grande, mas que havia bastantes possibilidades de sair vitoriosa da corrida. O barulho que se ouvia na câmara de chamada, momentos antes de entrarmos na competição, era enorme, pediam-nos fotos e gritavam por nós. Dirigimo-nos para os blocos, um momento em que normalmente se faz silêncio antes do tiro de partida. Não aconteceu! Respirei fundo e foquei-me inteiramente na minha pista, na minha tarefa e assim fez-se silêncio dentro de mim. Parti determinada na vitória, no sucesso e assim foi, cruzei a meta em primeiro... lembro-me de ver toda a comitiva portuguesa a festejar comigo, emocionada. A sensação de sairmos bem-sucedidos, de cortar a meta em primeiro lugar e conquistarmos o que sonhamos é indescritível! Ouvir o nosso Hino foi a cereja no topo do saboroso bolo que estava a provar! Um dia especial que levarei para sempre na minha caminhada!”



Cátia Azevedo ganhou os 400m, então com a sua melhor marca de 2022 (51,24)



Lorene Bazolo ganhou prata nos 100 metros, que correu em 11,36, e bronze nos 200 metros (23,20)

Lorene Bazolo (Atletismo) ganhou prata nos 100 metros, que correu em 11,36, e bronze nos 200 metros (23,20).

“Na organização da minha época, os Jogos do Mediterrâneo foram um momento muito importante. Com o meu treinador e a minha equipa, definimos como objetivo lutar por medalhas no 100m e 200m. E os objetivos foram plenamente atingidos, alcancei duas medalhas, uma de prata nos 100m e uma de bronze nos 200m. Foi uma competição exigente na qual tive de fazer eliminatórias e finais, competindo quatro vezes em quatro dias.”

Liliana Cá repetiu em Oran o resultado de Tarragona, com o 2.º lugar (63,62, então a sua melhor marca da época) e a conquista da medalha de prata.

Tiago Pereira também conseguiu a melhor marca da época no triplo salto (16,90m), foi 3.º classificado e alcançou a medalha de bronze.

“Foi um dos momentos altos da minha temporada, talvez o mais alto, onde fiz o meu ‘season best’. Foi um momento que me deu mais confiança, porque estava numa temporada menos conseguida e ali consegui voltar a um bom nível, sem falar na energia que foi saltar num estádio daquela dimensão, cheio. Foi incrível, o apoio do público, e a medalha é um daqueles momentos para

que mais trabalhamos. Pena que são momentos que duram pouco, porque temos de começar a trabalhar logo para o momento seguinte. Numa palavra, digo que os Jogos do Mediterrâneo foram... incríveis. Desfrutei de tudo, do público, dos meus companheiros, da competição, o que nem sempre é fácil. Foi fantástico.”

Igualmente medalha de bronze foi Evelise Veiga, 3.ª classificada no salto em comprimento, com a marca de 6,54m. Também participante no triplo salto, terminou no 6.º lugar (13,31m).

“Os Jogos do Mediterrâneo acabam por ser especiais, porque foram a primeira competição em que participei e contactei com várias modalidades diferentes, onde podemos conhecer e dar-nos a conhecer, e temos a oportunidade de estar juntos, em equipa. Trouxe uma medalha no comprimento, com o 3.º lugar, depois de na primeira participação ter sido 5.ª. A marca não era a que procurava e o lugar até podia ter sido o de 1.ª, mas, às vezes, o resultado não é o que desejamos. Também participei no triplo e não consegui o que queria, mas posso dizer que a competição foi positiva.”

As restantes classificações do Atletismo foram: Patrícia Silva, 800m, 4.ª (2.03,12, recorde pessoal); Ruben Antunes, lançamento do martelo, 4.º (71,62m, melhor marca da época); Olímpia Barbosa, 110m barreiras, 4.ª (13,30); Vera Barbosa, 400m



PORTUGAL

decenio.com

DECENIO
Vestuário oficial da equipa Portugal.



Rafael Reis abriu a sua participação em Oran com a vitória no contrarrelógio individual (31.28) e a conquista da medalha de ouro

barreiras, 5.º (56,82); Tsanko Arnaudov, lançamento do peso, 5.º (20,13m); Samuel Barata, 5000m, 5.º (13.47,09); Delvis Santos, 200m, 6.º (21,06); Mariana Machado, 1500m, 7.ª (4.17,24); José Carlos Pinto, 800m, 8.º (1.46,73); João Vítor Oliveira, 110m barreiras, 9.º (13,92); Etson Barros, 3000m obstáculos, 10.º (8.37,57); Gerson Baldé, salto em altura, 10.º (2,09m); e Abdel Larrinaga, 110m barreiras, 10.º (14,06).

BADMINTON

A Equipa Portugal participou em ambos os quadros, de singulares e pares, tanto em femininos, como masculinos. Os resultados mais expressivos foram os quintos lugares de Diogo Glória, em singulares masculinos, e o 5.º lugar do par masculino Diogo Glória-Gabriel Rodrigues. Em ambos os casos foram atingidos os quartos-de-final.

Adriana Gonçalves tanto em singulares como em pares, aqui a fazer dupla com Mariana Leite, foi 9.ª classificada em Oran, com eliminações nas 2.ª e 1ª rondas. Gabriel Rodrigues e Mariana Leite, em singulares masculinos e singulares femininos, classificaram-se no 17.º lugar, tendo sido eliminados ambos na 1.ª ronda.

BASQUETEBOL 3X3

A equipa feminina foi 5.ª classificada, depois de uma vitória (Argélia) e uma derrota (Sérvia), na fase de grupos; nos quartos-de-final houve nova derrota (Turquia), mas vitórias com Eslovénia e Tunísia, na definição dos 5.º ao 8.º lugares, permitiu alcançar a melhor classificação possível.

A equipa masculina fez um percurso idêntico, com uma vitória (Eslovénia) e uma derrota (Espanha) na fase de grupos, e mais uma derrota nos quartos-de-final (Turquia). A diferença esteve na decisão dos 5.º ao 8.º lugares, onde uma vitória (Grécia) e uma derrota (Argélia) ditaram o 6.º lugar final.

CICLISMO

Rafael Reis abriu a sua participação em Oran com a vitória no contrarrelógio individual (31.28) e a conquista da medalha de ouro.

“A minha participação foi muito positiva, conseguindo a medalha de ouro no contrarrelógio. Vinha de ter Covid e na semana anterior fui campeão nacional nessa vertente, o que me motivou bastante para os Jogos do Mediterrâneo. Representar o meu País e o Comité Olímpico de Portugal sempre foi um prazer,

tendo já participado nos Jogos Olímpicos da Juventude, em Singapura 2010. Espero conseguir representar novamente o nosso País e tentar alcançar mais uma medalha.”

Fábio Fernandes terminou o contrarrelógio individual no 14.º lugar. (34.26). Na prova de estrada masculina, as classificações foram: Luís Gomes, 19.º (3:15.34); Rafael Reis, 27.º (3:15.35); Fábio Costa, 46.º (3:16.01); Fábio Fernandes, 49.º (3:30.54); e Francisco Campos, 51.º (3:30.54).

Na prova de estrada feminina, Daniela Campos conquistou a medalha de prata, com o mesmo tempo da vencedora (1:58.24).

“Os jogos do Mediterrâneo foram um dos objetivos da minha época, razão pela qual dediquei especial atenção à sua preparação com o objetivo de me apresentar na melhor forma possível. Sabia que a participação de seleções como a Itália, a França ou a Espanha, com atletas de grande nível, iria requerer da minha parte muita concentração, capacidade de sacrifício e inteligência, para que a nossa equipa pudesse aproveitar ao máximo o trabalho das nossas adversárias, evitando desgastes prematuros ou mesmo desnecessários. Contudo, o desenrolar da corrida obrigou-me a estar em grande parte das movimentações, incluindo a fuga que aconteceu nos quilómetros finais. Fuga essa que viria a ser apanhada pelo pelotão principal, ditando como prioridade manter-me o mais bem posicionada possível para a chegada que se adivinhava ao sprint. Finalizei a corrida no 2.º lugar, o que me deixou muito feliz e também agradecida a toda a equipa técnica que me acompanhou durante a prova e respetiva preparação! Aproveito também para deixar um especial agradecimento ao meu pai e ao meu treinador por todo o apoio e acompanhamento.”

Ainda na prova de estrada, Vera Vilaça foi 13.ª e Beatriz Roxo 14.ª (ambas com o mesmo tempo da 1.ª). No contrarrelógio individual, Daniela Campos foi 10.ª (26.46) e Beatriz Roxo 13.ª (30.15).

ESGRIMA

Miguel Frazão conseguiu o 10.º lugar na disciplina de espada, somando quatro vitórias e três derrotas, tal como Carolina Oliveira, também 10.ª em florete (duas vitórias e três derrotas). Luís Macedo foi 14.º em florete, na sequência de uma vitória e quatro derrotas. Filipe Frazão terminou na 17.ª posição, em espada, com duas vitórias e quatro derrotas.

FUTEBOL

A seleção nacional de Futebol sub-18 classificou-se como uma das 5.ªs classificadas, nos Jogos do Mediterrâneo, depois de ter sido 3.ª no grupo B, com duas derrotas (Itália e Grécia) e uma vitória (Turquia).



Filipa Martins

GINÁSTICA ARTÍSTICA

Filipa Martins conquistou a medalha de bronze na final do aparelho de paralelas assimétricas, com a pontuação de 13.85º, que lhe valeu o 3.º lugar.

Também em paralelas assimétricas, as classificações das ginastas portuguesas foram as seguintes: Mafalda Costa, 21.ª (11.400); Lia Sobral, 25.ª (11.100); e Mariana Parente 26.ª, 10.800).

Filipa Martins foi ainda 7.ª classificada em trave (11.400); Mariana Parente terminou na 14.ª posição (12.000); Lia Sobral foi 20.ª (11.450); e Mafalda Costa 26.ª (10.550).

Na prova feminina de saltos, Mariana Parente foi 10.ª (12.250).

No solo, Mariana Parente foi 17.ª (11.550) e Mafalda Costa 23.ª (11.200).

Mariana Parente classificou-se no 12.º lugar, no all-around feminino, com 44.132 pontos somados na final; Lia Sobral foi 15.ª (43.398); e Mafalda Costa não acedeu à final, tendo terminado em 15.º nas qualificações.

Portugal foi 5.º classificado na prova de equipas femininas, com 143.300 pontos.

Filipe Almeida foi 4.º classificado na prova masculina de saltos (13.825) e Guilherme Campos 7.º (13.625).

No solo, Guilherme Campos terminou na 12.ª posição (13.350); José Nogueira na 15.ª (13.200); Marcelo Marques na 16.ª (13.100) e Filipe Almeida na 17.ª (12.950).

Marcelo Marques foi o 18.º no cavalo com arções (12.950); José Nogueira 23.º (12.600); Filipe Almeida 24.º (12.550) e Guilherme Campos 35.º (11.400).

Em argolas, Filipe Almeida terminou no 18.º lugar (12.950), José Nogueira foi 21.º (12.900); Guilherme Campos 23.º (12.600); e Marcelo Marques 36.º (11.650).

José Nogueira terminou a competição de paralelas no 24.º lugar (12.800); Filipe Almeida foi 31.º (12.250); Marcelo Marques 34.º (11.700); e Guilherme Campos 36.º (11.550).

José Nogueira alcançou o 23.º lugar na barra-fixa (12.650); Filipe Almeida foi 26.º (12.450); Marcelo Marques 30.º (11.950); e Guilherme Campos 36.º (11.600).

No all-around masculino, José Nogueira classificou-se no 12.º lugar (77.750); Filipe Almeida foi 16.º (73.600); Marcelo Marques 22.º (74.200) e Guilherme Campos 24.º (74.100).

Na prova de equipas masculinas, Portugal foi o 8.º classificado (2.º lugar da 1.ª subdivisão, 230.450).

JUDO

O Judo esteve representado na Equipa Portugal por oito atletas e Manuel Rodrigues (-81 kg) conseguiu o melhor resultado, ao terminar na 5.ª posição, depois de duas vitórias e duas derrotas.

Raquel Brito (-48 kg) e Joana Crisóstomo (-70 kg) foram ambas 7.ªs classificadas, com uma vitória e duas derrotas. Todos os outros judocas foram classificados no 9.º lugar, sem qualquer triunfo: Teresa Santos (-57 kg), Ricardo Pires (-60 kg), Bernardo Fernandes (-66 kg), Wilsa Gomes (-63 kg) e Diogo Brites (-100 kg).

KARATÉ

Nuno Moreira (+84 kg) chegou ao combate pela medalha da medalha de bronze, depois de uma vitória e uma derrota com um dos finalistas, e acabou no 5.º lugar, perdendo na última decisão.

Sara Leal (-50 kg) ficou isenta de disputar a 1.ª eliminatória e classificou-se no 7.º lugar depois de duas derrotas. Também 7.º classificado foi Tiago Duarte (-75 kg), com uma vitória e uma derrota. Já Constança Matos terminou no 11.º lugar, tendo perdido o único combate que realizou.

LUTAS AMADORAS

Pedro Caldas (-67 kg) participou na competição da disciplina de luta greco-romana e classificou-se no 5.º lugar, tendo chegado ao combate pela medalha de bronze - que perdeu -, depois de ter sido vencido por um dos finalistas.

NATAÇÃO

Nove foi o número de medalhas conquistadas pela Equipa Portugal na competição de Natação dos Jogos do Mediterrâneo Oran 2022.

Camila Rebelo distinguiu-se com dois títulos mediterrânicos, vencendo os 200m costas (2.10,41) e os 100m costas (1.01,34), tendo na primeira das provas conseguido bater o recorde nacional. Nos 50m costas foi 10.ª classificada (29,29).

“Os Jogos do Mediterrâneo 2022, em Oran, foram a minha primeira participação numa prova multidesportiva, da qual guardo imensas memórias. Para descrever esta prova em uma só palavra diria ‘incrível’, pois participei na edição com mais medalhas e consegui trazer para Portugal duas de ouro. Foi uma experiência que, sem sombra de dúvidas, irei recordar não só pelos excelentes resultados que tivemos, mas também por toda a envolvimento, desde a troca de ideias com outros atletas de outras modalidades à partilha de conhecimentos. Por último, mas não menos importante, queria dar uma palavra de apreço à equipa técnica e médica, incansável, que em particular me ajudou imenso, pois apresentei-me nestes Jogos com uma amígdalite.”

Igualmente com duas subidas ao pódio, Diogo Ribeiro saiu de Oran com a medalha de ouro nos 50m mariposa (23,38) e a de prata nos 100m livres (49,02). Nos 50m livres foi 5.º classificado (22,40), e nos 100m mariposa classificou-se no 9.º lugar (53,50).

Ana Catarina Monteiro repetiu em Oran o resultado alcançado na estreia da Equipa Portugal nos Jogos do Mediterrâneo, em Tarragona 2018: foi 2.ª nos 200m mariposa e ganhou a medalha de prata, então com a sua melhor marca do ano (2.09,32). Nos 100m mariposa acabou na 7.ª posição (1.00,13), de novo com a sua melhor marca da época.

“Os Jogos do Mediterrâneo são, para mim, uma competição muito especial. Ser medalhada em duas edições seguidas é muito gratificante. Tanto em 2018, em Tarragona, como este ano em Oran, parti para a competição com o objetivo de avaliar o meu estado de forma e ambas as edições foram uma boa surpresa! Consegui realizar a minha melhor marca pós-Covid, e fui 2.ª classificada a duas décimas de segundo da atual campeã da Europa, na prova dos 200 mariposa. É sempre um orgulho enorme representar Portugal e sinto-me sempre muito feliz em provas do Comité Olímpico, onde vivenciamos um bocadinho a realidade das outras modalidades também. São sempre competições especiais!”

Ana Pinho Rodrigues trouxe para Portugal a medalha de prata dos 50m bruços (31,31); nos 100m bruços foi a 6.ª classificada (1.09,42) e nos 100m livres acabou no 17.º lugar (59,10).

“Foi, em primeiro lugar, muito bom estar de volta às competições do COP. Já não participava numa competição internacional pela seleção há seis anos, pelo que foi uma ótima forma de recomeçar. O espírito de equipa sentido durante a semana de com-

Camila Rebelo distinguiu-se com dois títulos mediterrânicos, vencendo os 200m costas (2.10,41) e os 100m costas (1.01,34)



petição foi fantástico, o que se refletiu nos resultados obtidos. Todos puxavam uns pelos outros e faz toda a diferença sentir que somos um só. Quando vi a 'entry list' das minhas provas, percebi que seria um bom desafio e pus como objetivo tentar alcançar uma medalha. Acabou por acontecer aos 50m bruços, onde, apesar de não estar em pico de forma, fiz um tempo muito próximo da minha melhor marca de sempre, o que me deixou muito feliz e motivada e me permitiu trazer para casa a medalha de prata. Para além disso, estabelecemos dois novos recordes nacionais, nas estafetas de 4x100 livres e 4x100 estilos, que também foi um excelente indicador, mostrando que temos uma equipa muito coesa. Algo muito interessante nesta equipa é o facto de ser constituída por elementos bastante jovens e por alguns elementos mais velhos, sendo muito equilibrada nesse sentido. Sendo uma das mais velhas, sinto-me também muito feliz por poder estar na natação há tanto tempo e poder ajudar esta nova geração a alcançar os seus objetivos."

O 2.º lugar nos 50m livres valeu a Miguel Nascimento a medalha de prata assinalada com um novo recorde nacional (22,01). Também participante nos 50m mariposa, 100m livres e 100m mariposa, Miguel Nascimento foi sucessivamente 9.º (24,20), 10.º (50,10) e 12.º (53,87).

"Foi uma participação extremamente positiva, não só a nível individual, foi-o também coletivamente. Ganhei a medalha, consegui o recorde, foi muito positivo. Esta competição é muito boa porque permite preparar os Jogos Olímpicos e motivou para o que aí vem. Ultrapassámos todas dificuldades que se colocaram perante as condições oferecidas e conseguimos os melhores resultados. Para a minha prova não estava a 200 por cento, foi mais um treino e consegui tirar um bom resultado, só tenho a agradecer por poder representar Portugal."

Rafaela Azevedo foi 3.ª classificada nos 50m costas (28,86) e conquistou mais uma medalha para a Equipa Portugal. Nos 100m costas, a sua classificação foi o 11.º lugar (1.04,81).

"Em Oran destaco especialmente o espírito de equipa fantástico, não só entre nadadores, mas entre as modalidades. Consegui alcançar uma medalha, o que foi muito especial, pois era um dos meus objetivos para a competição. O tempo que obtive na prova dos 50m costas foi um bom indicativo, assim como os resultados obtidos por outros nadadores que também integraram a seleção. Foi sem dúvida uma grande experiência que gostava de repetir."

Raquel Pereira garantiu a 3.ª posição nos 200m bruços (2.28,35) e uma medalha de bronze. Nos 400m estilos foi a 5.ª classificada na final (4.48,92).

"Oran 2022 foi sem dúvida uma competição inesquecível para mim. Nunca me tinha deparado com condições tão adversas: organização, instalações, comida, etc... Por outro lado, toda a comitiva portuguesa, em especial a seleção de Natação, demonstrou um espírito de superação e união que foi fundamental para conseguir ultrapassar todos os obstáculos! Pessoalmente, consegui atingir uma medalha de bronze, resultado que me fez voltar a acreditar no meu trabalho e superação diária."

João Costa terminou os 100m costas no 4.º lugar (54,69); foi 7.º nos 50m costas (25,62); e 12.º no 200m costas (2.03,23).

Mariana Cunha alcançou o 4.º lugar nos 200m mariposa ((2.12,73), com novo recorde pessoal; foi também 4.ª nos 100m mariposa, de novo com recorde pessoal (59,36); e 7.ª classificada nos 50m mariposa (21,09), ainda a bater o recorde pessoal.

Gabriel Lopes classificou-se na 4.ª posição, nos 200m estilos, com a melhor marca da época (2.00,28); nos 200m bruços foi 5.º, com recorde pessoal (2.13,64); nos 200m livres 9.º (1.52,37), então a sua melhor marca da época; e nos 100m bruços 11.º (1.03,20).

Tamila Holub foi a 5.ª classificada nos 800m livres (8.45,25), 5.ª também nos 400m livres (4.14,25); 9.ª nos 200m livres, com a sua melhor marca da época (2:02,45).

Ana Guedes terminou os 50m mariposa na 6.ª posição (26,96), então a sua melhor marca da época, e foi 19.ª nos 50m livres (26,55).

Francisca Martins acabou os 200m livres no 7.º lugar (2.02,02), foi 8.ª nos 400m livres (4.24,14 na final e 4.21,04 nas eliminatórias), 13.ª nos 100m livres (57,48) e 16.ª nos 50m livres (27,06).

Francisco Quintas conseguiu a sua então melhor marca da época nos 200m bruços (2.17,19) e terminou no 9.º lugar; foi 10.º nos 100m bruços (1.02,86); e 13.º nos 50m bruços (28,65).

Alexis Santos acabou os 50m bruços no 9.º lugar (28,65), com a melhor marca da época até então, e foi igualmente 9.º nos 50m costas (25,91).

Francisco Santos atingiu a 10.ª posição nos 200m costas (2.02,13) e a 12.ª nos 100m costas (56,36).

As estafetas da Equipa Portugal conseguiram quatro recordes nacionais em Oran 2022: 4x100m estilos femininos (4.07,57), 4.º lugar; 4x100m estilos masculinos (3.37,50), 5.º lugar; 4x100m livres masculinos (3.20,66), 6.º lugar; e 4x100m livres femininos (3.51,23), 7.º lugar. A Equipa Portugal foi 6.ª nos 4x200 livres femininos (8.17,52).

PETANCA

A Equipa Portugal esteve presente na competição de Petanca em dupletos masculinos e na prova de precisão individual. Na primeira, a dupla Hugo Dores-Vítor Peres foi 7.ª classificada. Somou duas derrotas na qualificação (Argélia e Marrocos), mas venceu Andorra na repescagem. Nos quartos-de-final perdeu de novo com Marrocos.

Hugo Dores, na precisão individual, classificou-se na 9.ª posição final, depois de uma 10.ª posição na ronda 1 e de um 5.º lugar na repescagem.



PATROCINADOR DA EQUIPA PORTUGAL

APP EQUIPA PORTUGAL

Junte-se a nós no apoio aos atletas da Equipa Portugal



INSTALE A APP EQUIPA PORTUGAL



comiteolimpicoportugal.pt

PÓLO AQUÁTICO

A seleção nacional de Pólo Aquático sub-18 realizou quatro jogos em Oran 2022 e terminou a competição no 9.º lugar, depois de derrotas com Eslovénia, França, Montenegro e Sérvia.

TÊNIS

Mariana Campino distinguiu-se na competição de Ténis por ter sido a única jogadora da Equipa Portugal a passar uma ronda, tendo atingido os oitavos-de-final. No final, com uma vitória e uma derrota, classificou-se na 9.ª posição. Igual resultado obteve no quadro de pares femininos, ao lado de Maria Inês Fonte, onde o quadro era de 16 concorrentes – a derrota na 1.ª ronda valeu o 9.º lugar. O mesmo sucedeu com o par masculino Fábio Coelho-Miguel Gomes.

Os restantes resultados em singulares, de Maria Inês Fonte, Fábio Coelho e Miguel Gomes, equivaleram ao 17.º lugar, na sequência de derrotas na 1.ª ronda.

TÊNIS DE MESA

A Equipa Portugal conquistou medalhas em todas as competições de Ténis de Mesa nas quais esteve envolvida, em Oran 2022, tanto nos quadros de singulares e pares femininos, como nos quadros de singulares e pares masculinos.

Jieni Shao distinguiu-se com o 2.º lugar e a medalha de prata na prova individual feminina, tendo acumulado seis vitórias e duas derrotas (uma na fase de grupos, outra na final), ao longo de toda a competição. Contribuiu também para a medalha de bronze na prova de equipas.

“Representar Portugal é sempre um prazer enorme, e quando se trata de competições com as características dos Jogos do Mediterrâneo, esse prazer é acentuado. A presença de uma comitiva que envolve diferentes modalidades desportivas motivou-me ainda mais. Confesso que nesses momentos também fico sempre um pouco mais nervosa. Claro que fiquei contente com a conquista das duas medalhas, sei que tive um desempenho positivo e só tenho pena de não ter conseguido vencer a prova de singulares. Na próxima edição quero voltar e tentar ganhar o ouro que me falta.”

Também participante na competição individual, Inês Matos classificou-se no 21.º lugar, tendo vencido uma vez na 1.ª fase de grupos e perdido em mais cinco ocasiões. Integrou também, a par de Jieni Shao e Matilde Pinto, a equipa que garantiu o 3.º lugar e o bronze, depois de três vitórias e uma derrota.

João Geraldo subiu também duas vezes ao pódio, tal como Jieni Shao. No quadro de singulares somou seis vitórias – a última das quais para garantir o 3.º lugar e a medalha de bronze – e duas

derrotas. Contribuiu para a conquista da medalha de prata na competição de equipas.

“Foi uma prova muito positiva pelo facto de conseguir trazer duas medalhas nas duas competições em que participei. No geral, os Jogos do Mediterrâneo são uma prova muito exigente a nível físico e a conquista dos lugares mais altos do pódio esteve muito próxima.”

João Pedro Monteiro classificou-se em 21.º lugar na competição de singulares masculinos – três vitórias e três derrotas – e fez parte da equipa que ganhou a medalha de prata, composta também por João Geraldo e Diogo Chen, que averbou três vitórias e duas derrotas, a última das quais na final.

TIRO

Joana Castelão conseguiu o resultado de maior expressão da Equipa Portugal, no Tiro, pistola 10m, acedendo à final na 6.ª posição, com 569 pontos. Terminou no 7.º lugar, com 142,2 pontos. Ao lado de João Costa, ficou em 9.º lugar na prova de equipas mistas, pistola 10m, com 560 pontos.

Na prova individual de pistola 10m, João Costa foi também 9.º classificado (572 pontos), ao passo que Tiago Carapinha se classificou na posição imediatamente abaixo (10.º), com 566 pontos.

Sara Antunes foi 13.ª classificada em carabina 10m, com um total de 621,6 pontos.

TIRO COM ARCO

A Equipa Portugal participou nas competições individual e de equipas, de Tiro com Arco, disciplina de recurvo. Nuno Carneiro atingiu os quartos-de-final e a 8.ª posição final. Foi 13.º na ronda de ranking (633 pontos), depois ganhou na ronda de 32 e na ronda de 16, até cair nos “quartos”. Luís Gonçalves e Tiago Matos foram ambos 17.ºs classificados, o primeiro foi 28.º na ronda de ranking (596) e o segundo 25.º (606). Foram eliminados na ronda de 32.

Na competição de equipas, Portugal classificou-se no grupo dos 9.ºs, perdendo na ronda de 16 com a Espanha.

TIRO COM ARMAS DE CAÇA

Uma medalha de prata, um 5.º lugar, um 13.º e um 16.º - eis as classificações da Equipa Portugal na competição de Tiro com Armas de Caça, disciplina de trap, nos Jogos do Mediterrâneo.

Inês Barros, na prova feminina, terminou as qualificações na 1.ª posição, com 119 pontos, foi também a mais forte na 1.ª meia-final (19) e foi 2.ª na final (27), conquistando a medalha de prata.



Inês Barros conquistou uma medalha de prata na prova de trap em Tiro com Armas de Caça



“Foi uma experiência muito positiva pela troca de experiências entre os atletas das mais diversas modalidades e pelo ambiente que se vive. Irei recordar sempre a última edição dos Jogos do Mediterrâneo, porque, para além de ter sido a minha primeira participação, conquistei uma medalha para Portugal. Foi, sem dúvida, uma edição especial.”

Ana Rita Rodrigues foi 5.ª na qualificação (115) e conseguiu o 3.º lugar na 1.ª meia-final, classificando-se no 5.º lugar final.

Na competição masculina, José Bruno Faria atingiu o 13.º lugar final (115) e João Paulo Azevedo o 16.º (114).

VELA

Cinco velejadores portugueses entraram em competição nos Jogos do Mediterrâneo, nas classes Ilca 7, Ilca 6 e IQFOIL. Eduardo Marques, em Ilca 7, classificou-se na 8.ª posição, com 66 pontos. Santiago Sampaio, igualmente em Ilca 7, foi 15.º classificado, com 116 pontos.

Também 8.º foi João Tiago Abreu, em IQFOIL, com um total de 131 pontos. Leonor Dutra, em Ilca 6, terminou na 12.ª posição, com 86 pontos; e Luísa Peres, também em Ilca 6, foi a 16.ª, com 114 pontos.

Birmingham, Alabama, Estados Unidos da América (EUA) – esta foi a casa durante 11 dias dos 47 atletas portugueses que integraram a Equipa Portugal participante na 11.ª edição dos Jogos Mundiais. O evento, que reúne os melhores atletas das modalidades e disciplinas que não fazem parte do programa competitivo dos Jogos Olímpicos, juntou cerca de 3550 atletas de 34 dessas modalidades e disciplinas, provenientes de 99 países. A cidade sulista acolheu a competição de braços abertos e fez destes os “Jogos do Reencontro”, como foram apelidados por Jose Perurena, Presidente da Associação Internacional dos Jogos Mundiais. O público regressou aos recintos de competição nas grandes provas multidesportivas a nível internacional e os atletas voltaram a sentir-se acarinhados e apoiados, depois da competição ter sido adiada em 2021, devido ao reajustamento do calendário competitivo internacional causado pela pandemia de COVID-19.

Portugal, que esteve presente em todas as edições da prova desde 1981, voltou a comparecer desta vez com uma delegação composta por 47 atletas de nove modalidades e disciplinas – Canoagem, Corfebol, Ginástica Aeróbica, Ginástica Acrobática, Ginástica de Trampolins, Kickboxing, Muaythai, Patinagem Artística e Patinagem de Velocidade – somando cinco medalhas: uma de ouro, três de prata e uma de bronze, fazendo desta uma das Missões mais bem-sucedidas na competição.



A COMPETIÇÃO, DOS REENCONTROS

Do regresso do público às bancadas das grandes competições multidesportivas internacionais, à medalha de ouro para Portugal 21 anos depois, os **WORLD GAMES** voltaram aos Estados Unidos da América – onde tiveram a edição inaugural em 1981 – e a Equipa Portugal cumpriu os seus objetivos



MISSÃO CUMPRIDA

Os Jogos Mundiais são um evento multidesportivo, organizado pela *International World Games Association*, em articulação com as respetivas Federações Internacionais, no qual entram em competição as modalidades não olímpicas reconhecidas pelo Comitê Olímpico Internacional.

Para além do Comitê Olímpico de Portugal (COP) existiram mais 31 Comitês Olímpicos Nacionais, num total de 99 países participantes, que assumiram a Chefia de Missão, enquadraram e deram suporte aos participantes nacionais neste evento multidesportivo reconhecido como os Jogos Olímpicos das modalidades/disciplinas não Olímpicas.

Esta Missão teve como particularidade ter quase 60% de atletas do sexo feminino, 27 no universo total de 47 atletas da Equipa Portugal.

Com um total de cinco subidas ao pódio, Portugal alcançou o 36.º lugar do medalheiro da competição entre 73 países que conquistaram medalhas. Note-se que esta foi a melhor Missão de sempre de Portugal aos Jogos Mundiais, uma vez que obteve uma medalha de ouro, três de prata e uma de bronze.

Em todas as Missões o planeamento e a articulação com as Federações Nacionais é essencial para uma digna prestação nacional. Nesta Missão, pelas especificidades próprias, foi ainda mais importante esta articulação e é inquestionável que o trabalho realizado entre o COP e as Federações Nacionais permitiu finalizar esta Missão com o melhor resultado desportivo de sempre, com muito orgulho e sentido de dever cumprido por todos os elementos que integraram a Missão Portuguesa aos Jogos Mundiais Birmingham 2022.



FILIPE JESUS
Chefe de Missão



Pedro e Ana Walgode
campeões dos Jogos
Mundiais na Patinagem
Artística

PATINAGEM

Os EUA já tinham visto Portugal conquistar uma medalha de ouro nos Jogos Mundiais – com a equipa de Hóquei em Patins na edição inaugural de 1981 – e a Patinagem voltou a ser feliz. Desta vez foram os irmãos Ana e Pedro Walgode que subiram ao lugar mais alto do pódio para dar a Portugal a sexta medalha de ouro em Jogos Mundiais, posição que não era alcançada desde 2001. “As expectativas eram elevadas”, recordam os irmãos, “mas consonantes com a qualidade do nosso trabalho para esta prova. Conquistar a medalha de ouro é sem dúvida uma satisfação enorme”.

O par de Patinagem Artística garantiu vantagem na primeira apresentação, em *Style Dance*, que se veio a revelar decisiva para garantir a vitória na prova, confirmada depois do exercício de *Free Dance*. Portugal venceu com uma vantagem de apenas 0,03 pontos para os italianos, ficando a dupla da Colômbia no 3.º lugar.

Também na Patinagem Artística, mas na prova individual masculina de *Free Skating*, Diogo Craveiro terminou em 4.º lugar, recuperando algumas posições no segundo exercício, o que ainda o fez sonhar com o pódio. Também perto do pódio ficou Miguel Bravo na prova de eliminação de pista 10 000 metros, de Patinagem de Velocidade (4.º lugar), foi ainda 6.º na corrida por pontos de estrada, 7.º na eliminação por pontos de pista e 12.º na eliminação de estrada.

Diogo Calado ganhou a medalha
de prata em Muaythai



MUAYTHAI

O Muaythai português ainda não tinha feito a sua estreia nos pódios dos Jogos Mundiais e foi em Birmingham que se juntou ao medalheiro da Equipa Portugal, através de Diogo Calado, na prova de -81kg de Muay. “A minha participação foi bastante importante para mim, não só em termos desportivos mas também em termos pessoais. Depois de algumas lesões durante esta época e a fazer o meu 32.º aniversário durante a competição, a medalha de prata teve sabor a ouro.”

Diogo Calado entrou na final para ganhar, galvanizado pelos colegas nas bancadas que, apesar do português enfrentar no ringue um atleta americano, conseguiram fazer ouvir o seu grito de apoio a Portugal. A primeira ronda foi bem disputada entre os dois atletas, com os árbitros a darem a vantagem no final para o americano que se colocou à frente na pontuação. Na segunda ronda, Aaron Ortiz estava mais confiante e voltou a vencer, mas tal já não aconteceu na última ronda, onde Diogo levou a melhor. No final, o resultado pendeu 28-29 a favor do atleta americano

que ficou com o ouro, levando Diogo Calado a prata. O bronze foi entregue a Ilyass Hbibali, dos Emirados Árabes Unidos. Para chegar à final, Diogo Calado venceu, nas meias-finais o mexicano Miguel Padilla, tendo ficado isento dos quartos-de-final.

Ainda na competição de Muaythai, Portugal arrecadou três classificações de 5.º lugar, através de Gonçalo Noites (-71kg), Rui Botelho (-57kg) e Matilde Rodrigues (-57kg).

KICKBOXING

Na competição de Kickboxing, Sofia Oliveira (-60kg) e Tiago Santos (-63,5kg) também foram 5.ºs classificados.



Par Rita Ferreira-Rita Teixeira ganhou medalha de prata

GINÁSTICA

As “Ritas” eram fortes candidatas a subir ao pódio na competição de pares femininos da Ginástica Acrobática e cumpriram o seu objetivo. “A nossa participação nos Jogos Mundiais, por si só, já era um sonho que, finalmente, após um ano de adiamento devido à pandemia, se iria realizar”, começam Rita Ferreira e Rita Teixeira por recordar. “Preparámo-nos para esta competição durante algum tempo, a treinar intenso e a pôr os nossos elementos acrobáticos e coreografia o mais perfeitos possível”.

Esta era a única grande competição internacional em que o par ainda não tinha uma medalha e entraram nas qualificações para o exercício de equilíbrio (28,750 pontos) e de dinâmico (27.450), prontas a garantir um lugar na final, o que veio a acontecer com o 2.º lugar, atrás da Ucrânia. Horas depois entravam no praticável para o exercício combinado, que valia a decisão das medalhas e com um total de 28,780 pontos, Rita Ferreira e Rita Teixeira seguraram o 2.º lugar da competição, atrás da dupla ucraniana, Viktorria Kozlovska e Taisiia Marchenko, que pontuou 29,290, e à frente das americanas Katherine Borchering e Cierra McKown (27,120 pontos). “Treinámos para o ouro mas saíramos felizes com qualquer lugar no pódio. Ganhar a medalha de prata na competição mais importante que a Ginástica Acrobática tem ainda é surreal. Ficámos muito orgulhosas de todo o percurso que tínhamos feito até aquela competição e também muito agradecidas a toda a gente que nos apoiou e esteve sempre lá para nós”.

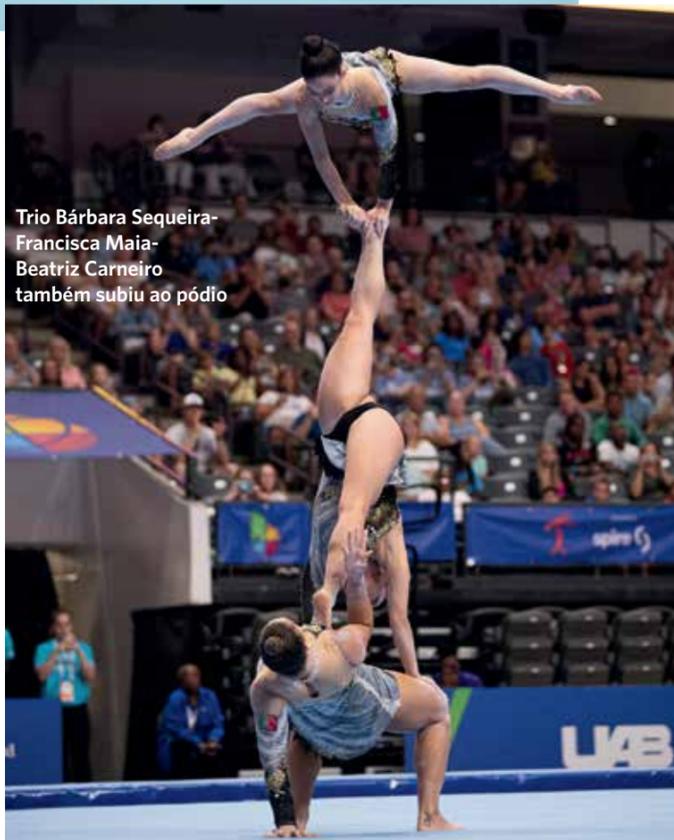
Assegurada a medalha nos pares, foi depois altura do trio feminino composto por Bárbara Sequeira, Francisca Maia e Beatriz Carneiro tentarem alcançar o melhor resultado de sempre nesta competição para Portugal.

“Estivemos dois anos à espera desta competição e foi preciso sermos resilientes, confiarmos no processo, nas pessoas que tínhamos connosco a lutar pelos nossos objetivos e acreditar que seria possível concretizá-los”, resume o trio.

Nas qualificações as portuguesas somaram 58,200 pontos – 29,470 em equilíbrio e 28,730 em dinâmico – e na final a concorrência apresentou-se ao mais alto nível exigindo o melhor das três ginastas portuguesas que estiveram à altura pontuando 29,150, atrás da dupla belga (29,970) e à frente da Ucrânia (28,600). “A medalha dos Jogos Mundiais representa a garra de três ginastas e cinco treinadores, a união de uma equipa, o amor pela Ginástica”.

O par masculino, composto por Bruno Ramalho e Fábio Beco, ficou à beira do pódio, com o 4.º lugar na final, enquanto que Dinis Cardoso e Maria Marvão, que integraram o par misto, terminaram em 5.º lugar.

Diana Gago também ficou perto do pódio, com o 4.º lugar na prova de duplo mini-trampolim, enquanto que Tiago Romão foi 7.º na vertente masculina. Em tumbling, André Palma terminou em 6.º e Matilde Girão em 7.º; o grupo de Dance de Ginástica Aeróbica (Beatriz Brandão, Bruna Silva, Carolina Cruz, Carolina Santos, Diana Diogo, Joana Inês Almeida, Joana Matos e Maria Coutinho) concluiu a competição no 6.º lugar.



Trio Bárbara Sequeira-Francisca Maia-Beatriz Carneiro também subiu ao pódio



José Ramalho foi medalha de bronze na prova curta de maratona (Canoagem)

CANOAGEM

Portugal inaugurou o medalheiro nos Jogos Mundiais Birmingham 2022 com a medalha de bronze na prova curta de Canoagem de Maratona através de José Ramalho. O canoísta português terminou a prova em 14:04.06, atrás do alemão Nico Paufler (14:01.41) e de Mads Pedersen (13:50.92). “Competir nos Jogos Mundiais foi uma experiência única”, recorda Ramalho, “foi uma experiência incrível que me deixou muito orgulhoso por pertencer à equipa portuguesa”. Na prova de distância longa, José Ramalho perdeu tempo numa das portagens e não conseguiu chegar ao pódio, terminando em 4.º lugar. Na competição feminina, Maria Gomes foi 8.ª classificada na prova curta e 10.ª na distância longa.

Medalheiro

Com as cinco medalhas conquistadas em Birmingham, Portugal colocou-se no 36.º lugar do medalheiro da competição, entre 73 países que ganharam medalhas. Liderou o medalheiro a Alemanha, seguida dos Estados Unidos da América e da Ucrânia. Com o final da 11.ª edição dos Jogos Mundiais, Portugal acumula no total 28 medalhas na competição: seis de ouro, nove de prata e 13 de bronze.

CORFEBOL

Beatriz Guita, Catarina Correia, Catarina Frade, Hugo Fernandes, Inês Santos, Isabel Almeida, João Carlos Almeida, Júlio Ruivo, Luíse Ruivo, Pedro Correia, Sebastião Condado, Sofia Gomes, Tiago Luz e Tomás Lourenço foram os atletas que integraram a equipa de Corfebol que terminou o torneio com o 7.º lugar.



Pedro Marim



Lourenço Simões

ESQUIADORES PORTUGUESES EVOLUÍRAM EM VUOKATTI

Dois jovens participaram no **FESTIVAL OLÍMPICO DA JUVENTUDE EUROPEIA DE INVERNO**, em Esqui Alpino

Foi com o objetivo de continuar a crescer nas modalidades de inverno que Portugal partiu rumo a Vuokatti, na Finlândia, para participar no Festival Olímpico da Juventude Europeia (FOJE) 2022. Entre os dias 20 e 25 de março, Esqui Alpino, Biatlo, Hóquei no Gelo, Snowboard, Esqui de Fundo, Saltos de Esqui, Patinagem de Velocidade "Short Track", Patinagem Artística e Combinado Nórdico preencheram a agenda de uma competição que reúne atletas entre os 14 e os 18 anos de toda a Europa.

Considerada fundamental na divulgação dos Valores Olímpicos (Amizade, Respeito e Excelência), a edição de 2022 do FOJE ficou ainda marcada pelo contributo para a igualdade de género, com o maior equilíbrio entre participantes masculinos e femininos na história do evento.

Numa primeira oportunidade de viver uma experiência ligada ao Movimento Olímpico e integrar um evento multidesportivo, coube a Lourenço Simões e a Pedro Marim representar Portugal nas provas de Esqui Alpino, de Slalom Masculino e Slalom Paralelo Masculino.

A ambição carregada pela comitiva portuguesa, e sobretudo pelos dois atletas, espelhava o trabalho desenvolvido pela Federação Portuguesa de Desportos de Inverno, que continuava à procura de melhorar os resultados anteriores. Desde logo, a presença portuguesa duplicou quando comparada com a edição de 2019, onde Portugal se fez representar apenas por Manuel Ramos, também no Esqui Alpino.

Com uma escala em Helsínquia, a Equipa Portugal chegou a Vuokatti e ficou instalada numa casa de madeira que permitia depois o acesso rápido aos locais de competição e reuniões com os Chefes de Missão. Com o aproximar do início da competição, os atletas tiveram a oportunidade de treinar nos dois dias que antecederam o início das provas.

A participação portuguesa teve início a 22 de março, o segundo dia de competição, com a prova de Slalom Masculino. Entre os 84 atletas, Pedro Marim foi 55.º e Lourenço Simões não terminou devido a uma queda na 1.ª manga que o fez falhar uma porta e afetou a prestação do dia seguinte devido às sequelas. "Trabalhei muito dentro e fora da pista e dei tudo aquilo que podia, mas infelizmente uma queda no primeiro dia de prova ao chegar à meta impediu-me de alcançar o resultado pretendido. No segundo dia de prova com algumas dores da queda do dia anterior consegui acabar, mas não com um bom resultado."

Na prova de Slalom Paralelo Masculino, no dia 23 de março, Lourenço Simões foi 63.º classificado, junto ao colega de equipa, que terminou em 64.º.

O balanço feito foi satisfatório e dentro do esperado. Para os jovens, as palavras "orgulho" e "memorável" descreveram os dias passados em Vuokatti.

"Foi a minha primeira vez a vivenciar, a competir e a representar Portugal num FOJE. Em geral foi uma experiência memorável estar na aldeia dos atletas e competir com os melhores de várias seleções, durante dias em que a fásquia estava elevadíssima", recordou Lourenço Simões.

Pedro Marim realçou a partilha de momentos com os atletas dos vários cantos da Europa: "São muitas as vivências que trouxe comigo do FOJE ao competir e socializar com os melhores atletas da Europa, numa aldeia, pela primeira vez. As diferentes culturas e nações presentes tornaram as interações diferentes, mais interessantes e inesperadas."

Ao longo da competição foram prestadas várias homenagens ao povo ucraniano, com destaque para a cerimónia de abertura, um momento que ficará marcado na memória dos atletas portugueses. Apesar dos conflitos, a Ucrânia fez-se representar por vários atletas e Lourenço Simões destacou a história de Roman Tsybelenko: "Conheci um rapaz ucraniano que estava a competir na mesma modalidade que eu e tinha perdido o pai umas semanas antes durante um ataque. Estava lá em homenagem ao pai e isso marcou-me muito."

Com o sentimento de dever cumprido, a presença no FOJE deixou os atletas com vontade de voltar a viver momentos inesquecíveis com as cores da bandeira portuguesa. "O objetivo é melhorar treino a treino e deixar que os resultados falem por si. Quero poder participar em mais um evento olímpico muito em breve", perspetivou Lourenço Simões.

Os objetivos para o futuro são simples: continuar a melhorar os resultados individuais para prosseguir num caminho de crescimento. A esperança de aumentar, tanto o número de atletas, como o número de modalidades é bem real e deixa os responsáveis pelo Desporto de Inverno otimistas com o que está para vir.



UMA EXPERIÊNCIA EXTRAORDINÁRIA

Cerca de 2000 pessoas entre atletas, treinadores e oficiais de 47 Comitês Olímpicos Nacionais Europeus participaram no Festival Olímpico da Juventude Europeia (FOJE) Vuokatti 2022, em nove modalidades de inverno. Vuokatti 2022 foi o FOJE com maior igualdade de género na história do evento.

A Missão Portuguesa, composta por dois atletas, um treinador e o chefe de missão, chegou a Vuokatti, voando de Helsínquia para Kajaani, num pequeno avião a hélice, sempre sobrevoando planícies nevadas. Instalada num chalé de madeira tipicamente finlandês, localizado junto às pistas de esqui, a comitiva fazia diariamente, a pé, o percurso entre esta e a zona de alimentação e reuniões, por meio de um bosque nevado onde os esquilos e algumas aves coabitavam com os que por ali passavam.

Após a cerimónia de abertura e dois dias de treinos, os atletas participaram na competição de slalom e mais tarde num slalom paralelo, experiência diferente a que não estavam muito habituados.

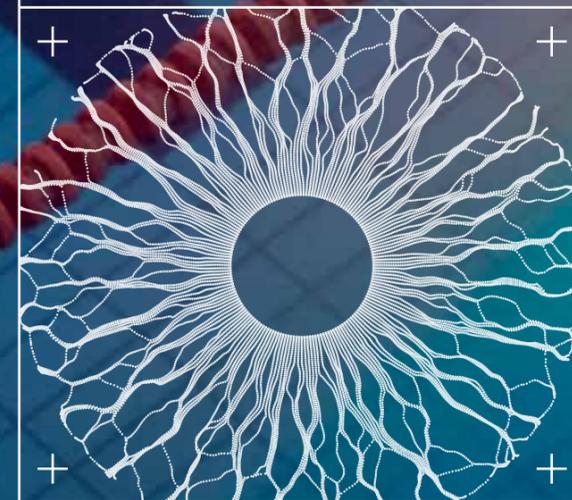
Poder participar num evento internacional ligado ao Movimento Olímpico é uma experiência extraordinária. O Pedro Marim e o Lourenço Simões viveram aqui a sua primeira experiência olímpica que ficará, com toda a certeza, marcada nas suas vidas. No final, a participação portuguesa foi positiva, ambicionando a obtenção de melhores resultados no futuro, que serão com toda a certeza conseguidos, com base no trabalho que se tem vindo a desenvolver em prol dos Desportos de Inverno em Portugal.



PEDRO FLÁVIO
Chefe de Missão

NATAÇÃO E QUÍMICA

O QUE TÊM EM COMUM?



O IMPULSO

O Programa Impulso I Bolsas de Educação Jogos Santa Casa visa apoiar a formação de atletas olímpicos, paralímpicos e surdolímpicos, dando-lhes o impulso necessário para conjugarem a sua exigente prática desportiva com o percurso académico e, assim, prepará-los para as conquistas do futuro.

375 **+1 MILHÃO** **204** **22**
BOLSAS ATRIBUÍDAS EUROS DISTRIBUÍDOS ATLETAS APOIADOS MODALIDADES

**JUNTA A EDUCAÇÃO
À AMBIÇÃO DESPORTIVA**

IMPULSO

BOLSAS
DE EDUCAÇÃO
JOGOS
SANTACASA



CINCO MEDALHAS NO MELHOR RESULTADO DESDE 2005

Jovens portugueses trouxeram do **FESTIVAL OLÍMPICO DA JUVENTUDE EUROPEIA DE VERÃO BANSKA BYSTRICA 2022**, na Eslováquia, uma experiência para a vida, inspirada nos valores olímpicos

Tatiana Pereira



A cidade eslovaca de Banska Bystrica recebeu, entre os dias 24 e 30 de julho, a 16ª edição do Festival Olímpico da Juventude Europeia (FOJE). Originalmente marcado para o verão de 2021, o maior evento multidesportivo para jovens na Europa, que acontece tradicionalmente de dois em dois anos, foi adiado para 2022.

Com o intuito de divulgar os valores e ideais estabelecidos na Carta Olímpica, assim como promover a primeira experiência internacional a um grande número de jovens desportistas, o FOJE abriu as portas a mais de 2500 atletas de 48 países do Velho Continente distribuídos por um programa de dez modalidades. A Equipa Portugal fez-se representar com 63 atletas em oito modalidades: Andebol, Atletismo, Badminton, Ciclismo, Ginástica, Judo, Natação e Ténis.

A história rica em sucesso no FOJE levou a Missão portuguesa à procura de melhorar a última participação, em Baku 2019, que terminou com uma medalha de bronze no Judo. Foi em Lignano Sabbiadoro 2005 que Portugal alcançou a melhor prestação de sempre no evento, com nove medalhas - duas de ouro, três de prata e quatro de ouro.

Apesar do principal objetivo passar pela vertente social e pela possibilidade de vivenciar uma experiência Olímpica pela primeira vez, as cinco medalhas conquistadas - uma de prata e quatro de bronze - acabaram por fazer desta, a melhor Missão desde 2005.



Seleção de Andebol

ANDEBOL

A equipa de Andebol voltou a chegar a um pódio no FOJE, 25 anos depois de Lisboa 1997, na segunda medalha portuguesa na modalidade. Afonso Carvalho, Afonso Mendes, Bernardo Almeida, Eduardo Magalhães, Gabriel Sequeira, Hugo Duarte, João Diogo Pinto, João Lourenço, João Magalhães, José Nunes, Manuel Seabra, Miguel Bernardino, Renato Araújo, Tiago Martins e Tomás Teixeira foram os convocados do selecionador João Varejão, que abriram a sua participação com vitórias sobre a Eslovénia (30-25) e a anfitriã Eslováquia (34-17).

Com o apuramento para as meias-finais garantido, Portugal foi derrotado pela Alemanha (24-32), que viria a ser a vencedora da prova. Na partida de acesso à final, a Dinamarca levou a melhor sobre o conjunto português por 24-32, que ficou com o bronze no horizonte. A confirmação da medalha chegou com a vitória sobre a Croácia, por 28-24, "um motivo de enorme alegria para

toda a equipa", segundo um dos capitães, Gabriel Sequeira, que ajuda a "alimentar a cultura de vitória" que a Seleção quer impor.

"O FOJE é uma experiência única que fica para a vida. Viver os valores Olímpicos, que estão na base do desporto e devem servir de farol nas nossas vidas, encheu-me de orgulho", explicou Gabriel Sequeira.

Para João Bandeira, outro dos capitães, a qualidade dos adversários encontrados enaltece o trabalho realizado: "Debatermo-nos com equipas extremamente fortes, mas demonstramos que, quando trabalhamos e damos tudo de nós, podemos chegar mais longe."

ATLETISMO

O Atletismo, que já deu 15 medalhas a atletas portuguesas desde a primeira edição do FOJE, voltou a ser sinónimo de sucesso, com uma prata e dois bronzes. Bubacar Júnior foi o primeiro a subir ao pódio em Banska Bystrica, ao conquistar a medalha de bronze no Salto em Altura, com direito a recorde pessoal de 1.98 metros. Uma "experiência inesquecível", como o próprio descreveu, não só por ter chegado às medalhas, como "esperava conseguir", mas também pelos momentos partilhados com os atletas de toda a Europa.

"Gostei imenso da equipa e do ambiente amigável entre nós. Tivemos uma boa interação com os outros países, algo muito positivo", lembrou Bubacar Júnior.

Tatiana Pereira alcançou a melhor posição portuguesa com a medalha de prata no Triplo Salto, numa prova de superação que começou com uma qualificação no 3.º lugar no Grupo A, com a 10.ª melhor marca geral (11.81m), mas terminou com um recorde pessoal de 12.51 metros, que colocou a atleta portuguesa no 2.º lugar do pódio.

Se no caso do colega de equipa, o objetivo de medalha estava bem presente, o mesmo não se pode dizer em relação a Tatiana Pereira: "Sinceramente não estava à espera dos resultados que obtive, pois foi a minha primeira competição internacional, mas mesmo assim estou muito orgulhosa de mim e do trabalho que eu e o meu treinador temos vindo a fazer até agora."

Para além do 2.º lugar no Triplo Salto, Tatiana Pereira terminou ainda a prova de Salto em Comprimento no 8.º posto, com a melhor marca de 5.52 metros. O balanço só poderia ser positivo: "A minha experiência no FOJE foi simplesmente incrível, não só por ter conseguido levar uma medalha para casa, mas também porque o ambiente foi espetacular."



Bubacar Júnior

E como não há duas sem três, a terceira medalha do Atletismo foi conquista nos 800 metros por Nuno Cordeiro, que na final (1:58.57) melhorou o 1:59 que o apurou no 1.º lugar da 2.ª eliminatória. “O FOJE foi sem dúvida uma das melhores experiências da minha vida. Aprendi muitas coisas e o ambiente proporcionado é de outro mundo”, contou o atleta.



Nuno Cordeiro

A “crença na medalha” elevou a prestação de Nuno Cordeiro, que confessou sentir-se “como uma criança no parque” quando entrou na pista. Cruzar a meta foi “um sonho que se tornava real” e premiava “todo o trabalho para trás”. “O bom juntou-se ao agradável”, terminou.

A comitiva portuguesa alcançou ainda mais cinco resultados no top-8. Gabriela Santos foi 5.ª classificada nos 5000m marcha, com 23:48.50, Denis Hrabar terminou o Decatlo em 5.º lugar, com 5772 pontos e Lara Costa também foi 5.ª nos 3000m com 9:54.72. Maria Stela Fernandes terminou a final de 1500m no 7.º lugar com 4:30.47 e Tiago Machado correu os 2000m obstáculos em 6:06.13 para terminar no 8.º lugar.

Na prova feminina dos 2000m obstáculos, Maria João Pimentel foi 9.ª com 7:10.89. Nos 100m, Lourenço Viveiros terminou a prova masculina no 12.º lugar com recorde pessoal de 11.20s, enquanto no feminino Marta Alves foi 15.ª com 12.49s. Gabriel Cunha saltou 6.21m no Salto em Comprimento para terminar em 9.º, e Francisco Pereira não se classificou devido às três tentativas nulas no Lançamento do Martelo. Afonso Fernandes foi 12.º lugar nos 110m Barreiras com 14.74s.

BADMINTON

O Badminton foi representado por dois atletas, que participaram ambos nas vertentes singulares de masculino e feminino e juntaram-se na grelha de pares mistos. Santiago Batalha seguiu em frente na Fase de Grupos depois de duas vitórias em três partidas, antes de derrotar o espanhol Ramon Ravira Gomez na Ronda de 16 por 2-0. O desaire (0-2) frente ao dinamarquês Salomon Thomasen, nos quartos-de-final, acabou por ditar o 5.º lugar final.

Francisca Vasconcelos venceu apenas uma das quatro partidas da fase de grupos de singulares femininos e terminou com um 24.º lugar. Em pares, Francisca Vasconcelos e Santiago Batalha caíram na 2ª ronda por 0-2 e fecharam a participação no 17.º lugar.

CICLISMO

Com participação nas provas de estradas e contrarrelógio das vertentes masculina e feminina, Portugal deixou boas indicações com uma prestação promissora de vários ciclistas que demonstraram potencial semelhante aos melhores atletas europeus.

Rafael Durães e José Miguel Moreira terminaram a prova de estrada masculina no 13.º e 14.º lugares, respetivamente, integrados no grupo dos vencedores, com 1h32.33. João Francisco Nunes foi 60.º classificado, a 5.26 do vencedor (1h37.59). Na vertente feminina, Beatriz Guerra foi 19.ª e Daniela Simão 32.ª, ambas a 32 segundos da vencedora, ao terminar a prova com 1h32.40. Raquel Dias terminou em 42.º lugar, com 1h35.52, a 3.44 da vencedora.

No contrarrelógio, José Moreira (11:33.79) e João Nunes (11:33.87) terminaram em 35.º e 36.º, separados apenas por oito centésimos de segundo, ao passo que Rafael Durães foi 57.º classificado com 11:48.87. A melhor portuguesa no contrarrelógio feminino foi Daniela Simão (13:22.77), que terminou no 37.º lugar. Raquel Dias (45.º), com 13:18.29, e Beatriz Guerra (48.º), com 13:20.06, fecharam a participação portuguesa.

GINÁSTICA

A Ginástica Artística teve em Maria Menezes a melhor classificação no FOJE. Na disciplina de Saltos, a atleta terminou no 16.º lugar, com uma pontuação de 12.750. Na mesma prova, Gabriela Alves foi 44.ª classificada (11.300). Na competição por equipas, em femininos, Portugal terminou em 22.º com um total de 87.400 pontos, enquanto e, Masculinos foi 28.º, com um somatório de 137,450 pontos.

Nas Paralelas Assimétricas, Maria Menezes terminou no 36.º lugar, com 10.500 pontos, e Gabriela Alves foi 41.ª classificada com 10.350. Já no Solo, os lugares inverteram-se com Gabriela Alves (44.ª), com 11.500 pontos, a terminar à frente de Maria Menezes (48.ª), com 11.350. Na vertente masculina de Solo, Luís Lechaud foi 49.º e Hugo Viegas 54.º.

O 24.º lugar de Luís Lechaud no Cavalo com Arções (12.600) foi o melhor resultado masculino da competição. Na mesma prova, Hugo Viegas terminou no 79.º lugar com 9.500 pontos. Na Barra-fixa foi Hugo Viegas (46.º), com 11.500 pontos, a terminar à frente de Luís Lechaud (65.º), que somou 10.750.

Luís Lechaud e Maria Menezes, nos Pares Mistos, terminaram em 26.º lugar, com 68.100 pontos.

As restantes classificações da Ginástica foram: Maria Menezes, All-Around, 48.º (44.200) e Trave 72.º (9.450); Gabriela Alves, All-Around, 58.º (43.200) e Trave 66.º (9.950); Luís Lechaud, Argolas 56.º (12.400) e Paralelas 79.º (11.250); Hugo Viegas, Argolas 69.º (11.700), All-Around 78.º (65.500) e Paralelas 87.º (7.700).

JUDO

A quinta medalha para Portugal foi conquistada por Fábica Conceição, com o bronze nos -78kg femininos. Depois de vitórias nas duas primeiras rondas, a judoca portuguesa caiu para o combate de bronze ao ser derrotada na meia-final. Na decisão

Para apoiar os nossos atletas, vantagens olímpicas.



Desconto imediato*

A REPSOL É PATROCINADOR OFICIAL DA EQUIPA PORTUGAL



*Em combustíveis Neotech

5 cênt./litro desconto imediato nos restantes combustíveis.



Desconto acumulável com as poupanças em vigor.



Descarrega já a App e associe o seu cartão



pela medalha, Fábica Conceição bateu a turca Sumeyye Kaya para ficar com o bronze, num momento que descreveu como “alívio” e que motivou “uma grande felicidade”.

“Apesar do cansaço extremo devido à duração do combate, das dores musculares, dos receios e de vários outros fatores que não me facilitaram a tarefa de vencer, fui capaz de dar mais do que 100%, superando-me física e mentalmente”, explicou Fábica Conceição.

Matilde Gonçalves foi 7.ª classificada na categoria de -44kg e Inês Faria (-48kg), Rui Anjos (-60kg), Gonçalo Lourenço (-66kg),

Mariana Simões (-63kg) terminaram no 9.º lugar. Gonçalo Loureiro, que também competiu nos -90kg, foi 14.º classificado, enquanto Raquel Brás (-57kg) e Francisco Pereira (-81kg) terminaram em 17.º lugar. Na prova de Equipas Mistas, Portugal foi derrotado na 1.ª Ronda e fechou a participação em 17.º.

NATAÇÃO

O grande destaque na Natação foi para Rafael Mimoso, que na prova de 200m bruços bateu por três vezes consecutivas o recorde nacional, estabelecido em 2:19.73 na final. A prestação deixou-o fora do pódio por muito pouco, no 4.º lugar entre 26 atletas. Na prova dos 100m bruços, Rafael Mimoso ficou-se pelo 9.º lugar, com recorde pessoal (1:06.53) na meia-final, que não foi suficiente para chegar à final.

Duas estafetas bateram recordes nacionais. A Estafeta de 100m Estilos Feminino (4:02.48) conseguiu um 10.º lugar, enquanto a Estafeta de 100m Livres Misto fez o tempo de 3:49.65, terminando no 20.º lugar.

As restantes classificações da Natação foram: Rita Santos, 200m Bruços, 14.ª (2:43.66); 400m Estilos, 24.ª (5:28.28); 100m Bruços, 29.ª (1:20.22); 200m Estilos, 30.ª (2:34.79) e 100m Mariposa, 30.ª (1:09.72); Ana Vieira, 400m Livres, 15.ª

(4:35.39); 200m Livres, 16.ª (2:10.74); 100m Livres, 29.ª (1:00.07) e 50m Livres, 40.ª (28.34, recorde pessoal); Rodrigo Pereira, 200m Mariposa, 15.ª (2:16.42); 100m Mariposa, 20.ª (58.16) e 50m Livres, 39.ª (25.59); Catarina Franco, 800m Livres, 18.ª (10:12.83); 200m Livres, 19.ª (2:10.05); 100m Livres, 24.ª (59.52); 100m Mariposa, 28.ª (1:08.73); 200m Estilos, 32.ª (2:37.88) e 50m Livres, 39.ª (28.22); Mafalda Mesquita, 400m Livres, 18.ª (4:37.47); 200m Costas, 26.ª (2:26.05) e 100m Costas, 34.ª (1:08.49); Tomás Januário, 200m Costas, 24.ª (2:10.55) e 100m Costas, 34.ª (1:01.63); Rodrigo Rodrigues, 100m Mariposa, 25.ª (1:00.28); 100m Costas, 27.ª (2:11.19, recorde pessoal); 100m Costas, 30.ª lugar (1:00.38) e 100m Livres, 43.ª (55.73); Estafeta 100m Estilos Feminino, 16.ª (4:33.46, com recorde pessoal para Mafalda Mesquita, 100m Costas, 1:07.23); e Estafeta 100m Estilos Mista, 17.ª (4:12.45).

TÊNIS

João Dinis Silva e Ana Luísa Freitas representaram Portugal de forma individual, nas vertentes de singulares masculinos e femininos, respetivamente, e juntos, no quadro de pares. A tenista foi afastada na 1.ª ronda após uma derrota por 2-1, terminando com um 17.º lugar, assim como o par misto, que ficou na mesma posição.

O destaque foi para a campanha individual de João Dinis Silva, que afastou dois adversários e apenas perdeu nos quartos-de-final frente ao futuro 2.º classificado, ficando assim com o 5.º lugar na prova.

UMA OPORTUNIDADE MUITAS VEZES DECISIVA

CATARINA MONTEIRO
Chefe de Missão



O Festival Olímpico da Juventude Europeia tem-se constituído como uma oportunidade para a revelação de alguns dos grandes talentos portugueses das últimas décadas, que confirmaram, mais tarde, o seu valor nos Jogos Olímpicos, pelo que esta competição é decisiva no percurso e nas carreiras de muitos atletas.

Apesar desta competição não ser tão conhecida do público em geral como outros eventos desportivos, ela tem uma importância fulcral, pois permite aos jovens atletas a possibilidade de representar Portugal numa competição internacional multidportiva onde estão presentes os valores do Olimpismo – a Excelência, o Respeito e a Amizade.

Esta edição do FOJE revelou uma grande capacidade organizativa por parte dos eslovacos, que se verificava diariamente nos serviços disponibilizados, apesar do grande desafio que foi organizar a primeira edição deste evento num contexto pandémico.

A Equipa Portugal conseguiu um total de cinco medalhas - uma de prata e quatro de bronze - em três modalidades (Andebol, Atletismo e Judo). Desde Lignano Sabbiadoro 2005 que Portugal não conquistava tantas medalhas numa só edição, fazendo desta a participação com mais subidas ao pódio em 15 anos.



HOME NATIONS SERIES

TODAS AS TACADAS EM DIRETO
DE OUTUBRO 2022 A FEVEREIRO 2023

EUROSPORT

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO OLÍMPICA no 8.º ano letivo



Campeão olímpico Pedro Pichardo participou em atividade do Programa de Educação Olímpica



São 270 os estabelecimentos de ensino integrados numa iniciativa do COP que nasceu em 2015 e já envolveu 82 865 participantes

Os Jogos Olímpicos são o maior evento multidesportivo organizado, de quatro em quatro anos, à escala global. Pela sua dimensão e mediatismo, têm sido uma plataforma privilegiada para transmitir mensagens e novas tendências da sociedade.

Ao combinar desporto com educação e cultura, é ampliado o papel do desporto enquanto ferramenta educativa e transformadora, pelo que o conhecimento do significado dos Símbolos e dos Valores Olímpicos é essencial para compreender a sua importância na promoção da visão do Movimento Olímpico, de “construir um mundo melhor através do desporto”.

O Comité Olímpico de Portugal (COP), através da Educação Olímpica, tem criado oportunidades para a partilha de conhecimento e experiências que inspirem escolas, professores e alunos a vivenciar a atmosfera do Olimpismo e dos Jogos Olímpicos.

O Programa de Educação Olímpica (PEO) do COP é um programa educativo que promove o Olimpismo, os Jogos Olímpicos, o gosto pela prática desportiva e os hábitos de vida saudável, através dos Valores Olímpicos: EXCELÊNCIA, AMIZADE e RESPEITO.

Tendo sempre como foco as aprendizagens essenciais, este Programa pretende ser uma ferramenta à disposição dos educadores para que tenham sucesso na sua missão, dotando-os do conhecimento e dos recursos que lhes permitam trabalhar

temáticas relacionadas com o Movimento Olímpico com os seus alunos.

O PEO arrancou em 2022 para o seu oitavo ano letivo!

Esta iniciativa que começou em 2015 promove a sua implementação através de uma página de internet dedicada. No Portal de Educação Olímpica são disponibilizadas informações e conteúdos para os professores registados, são partilhadas as atividades realizadas e sugeridos os desafios regulares.

www.eduolimpica.comiteolimpicoportugal.pt

Em cada período escolar, o PEO desafia professores e alunos a focarem a sua atenção e estudo numa determinada temática relacionada com o Movimento Olímpico. Cada desafio apresenta algumas sugestões de conteúdos e diversas propostas de abordagem ao tema que podem ser utilizadas pelos professores das diferentes disciplinas do currículo escolar.

Para além de estimular a criatividade e a colaboração entre alunos, estes desafios permitem criar uma maior ligação aos Atletas Olímpicos e às missões de Portugal. Um bom exemplo são os desafios de apoio à Missão de Portugal a Tóquio 2020, que permitiu criar uma exposição no espaço de Portugal na Aldeia Olímpica, com os trabalhos realizados pelos alunos dos estabelecimentos de ensino da rede do Programa.

EXCELÊNCIA AMIZADE RESPEITO

PLANOS PARA O FUTURO

O Programa de Educação Olímpica já chegou a todos os distritos e regiões autónomas e, mais do que ambicionar o crescimento, o desenvolvimento do Programa passa:

(1) pela capacitação de professores para realizarem as atividades de forma autónoma, e

(2) pela continuidade na preparação e disponibilização de recursos e conteúdos que suportem as atividades dinamizadas.

“A educação é a arma mais poderosa que se pode usar para mudar o mundo”

Nelson Mandela



PROGRAMA DE EDUCAÇÃO OLÍMPICA EM NÚMEROS

270 ESTABELECEMENTOS DE ENSINO INTEGRADOS

15 FASCÍCULOS TEMÁTICOS PUBLICADOS

566 ATIVIDADES REGISTADAS NO PORTAL

82 865 PARTICIPANTES

22 DESAFIOS LANÇADOS

4450 CERTIFICADOS DE PARTICIPAÇÃO NOS DESAFIOS EMITIDOS

123 VISITAS À SEDE DO COP

3196 VISITANTES

9 PROTOCOLOS DE COOPERAÇÃO ESTABELECIDOS

CRONOLOGIA DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO OLÍMPICA

Dezembro de 2015 – Lançamento do Programa de Educação Olímpica

Dezembro de 2015 – Produção de 4 fascículos temáticos para apresentação do PEO

Abril de 2016 – Projeto piloto com o Município de Lisboa em 11 escolas básicas

Maião de 2016 – Lançamento do Portal de Educação Olímpica

Dezembro de 2017 – Primeira edição dos fascículos temáticos (12 fascículos)

Fevereiro de 2018 – Validação de conteúdos do Programa pela Direção-Geral da Educação e reconhecimento da mais-valia para a educação (of. S-DGE/2018/32 DSDC)

Maião de 2018 – Primeira divulgação internacional do PEO na 14.ª Sessão Internacional para Presidentes ou Diretores das Academias Olímpicas Nacionais e Oficiais dos Comitês Olímpicos Nacionais, em Olimpíada (Grécia)

Junho de 2018 – Parceria com RTP para disponibilização de conteúdos educativos da secção “Desporto” na plataforma digital RTP ENSINA

Setembro de 2018 – Colaboração com o programa ZIG ZAG (RTP) na promoção do Movimento Gentil (testemunhos de 11 atletas embaixadores do movimento)

Novembro de 2018 – Criação de conteúdos sobre o Movimento Olímpico para o Magazine ZIG ZAG (RTP)



Visita à sede do COP

Novembro de 2018 – Primeira Celebração Olímpica a integrar o reconhecimento de estabelecimentos de ensino que se destacaram na implementação do Programa

Maião de 2019 – Conção de duas exposições itinerantes Jogos Olímpicos (7 painéis) e Cronologia – Movimento Olímpico e as grandes conquistas (8 painéis)

Julho de 2019 – Colaboração com o Agrupamento de Escolas do Cerco do Porto na estruturação do Plano de Inovação Educação nos Valores Olímpicos, aprovado pela Direção-Geral da Educação (DGE) e implementado a partir do ano letivo 2019/2020

Janeiro de 2020 – Primeira edição da rúbrica “Sabias que...”, com publicação semanal de 52 conteúdos nas redes sociais

Maião de 2020 – Disponibilização de conteúdos do Programa na plataforma FITescola®

Junho de 2020 – Segunda edição dos fascículos temáticos (14 fascículos), apenas em formato digital

Outubro de 2020 – I Webinar do PEO: “Novos Desafios, Novas Abordagens”

Dezembro de 2020 – Referenciação do Programa na nova área da Biblioteca Olímpica Mundial dedicada à Educação Olímpica (ZOOM IN – Olympic Education)

do Centro de Estudos Olímpicos do Comité Olímpico Internacional

Janeiro de 2021 – II Webinar do PEO: “Oportunidades da Educação Olímpica em Contexto Escolar”

Janeiro de 2021 – Segunda edição da rúbrica “Sabias que...”, com publicação semanal de 52 conteúdos nas redes sociais

Junho de 2021 – Parceria com PNL2027 (Plano Nacional de Leitura 2027), no âmbito da iniciativa Craques da Leitura

Julho de 2021 – Exposição no espaço de Portugal na Aldeia Olímpica de Tóquio 2020 com trabalhos de alunos dos estabelecimentos de ensino da rede do Programa

Novembro de 2021 – Apresentação do PEO no workshop virtual do NOC Champions (Rede de Cultura e Educação dos Comitês Olímpicos Nacionais dinamizada pela Fundação Olímpica para a Cultura e o Património do COI)

Janeiro de 2022 – Terceira edição da rúbrica “Sabias que...”, com publicação semanal de 52 conteúdos nas redes sociais, em formato de vídeo

Março de 2022 – Atualização e produção da segunda edição dos fascículos temáticos (15 fascículos), em formato digital e físico (1000 exemplares)

Sabemos que é preciso estar atento a mais do que o bater do coração



E os portugueses também o sabem.

Eleitos de norte a sul como a sua escolha e referência.



lusiadas.pt

LUSIADAS, SGPS, S.A. | NIPC: 506 024 989

DRA. MARTA JANEIRO | Cirurgia Pediátrica | C.P. 38942

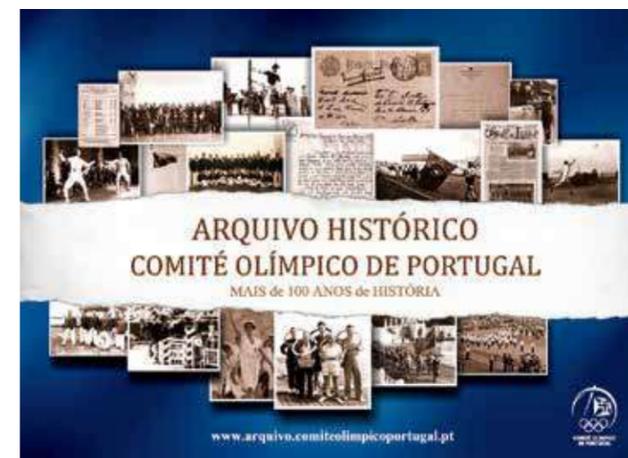
Lusiadas

SABEMOS CUIDAR

A História DISPONIBILIZADA À COMUNIDADE ATRAVÉS DE UM CLIQUE

O Projeto do Arquivo Histórico do Comité Olímpico de Portugal (COP) foi criado em 2013, sob o princípio orientador de valorizar socialmente o desporto e aproximar o Movimento Olímpico dos cidadãos, sensibilizando-os para a importância educativa, social e cultural do desporto

Carlos Lopes campeão olímpico em Los Angeles 84



“O legado patrimonial do desporto é uma parte da sua história. Valorizá-lo é respeitar a memória desportiva.”

Comité Olímpico de Portugal, www.arquivo.comiteolimpicoportugal.pt

O tratamento, organização, classificação e disponibilização do acervo documental, fotográfico e fílmico são o principal objetivo deste arquivo, que integra documentos que remontam a 1915, fotografias desde 1900, cartazes, pins, recortes de jornais e revistas. Incluído no projeto do Arquivo Histórico podemos encontrar também a coleção de Trajes Olímpicos, que, em parceria com o Museu do Traje, foi organizada, tratada e devidamente acondicionada.

Ao COP foram ainda confiados dois espólios pessoais - Espólio Penha Garcia e Espólio Trovão do Rosário - que, depois de tratados e descritos, foram incorporados na base de dados.

Atualmente, e tendo em vista uma política de gestão de documentos integrada, está a ser elaborado o Plano de Classificação e, reformulado o Regulamento de Arquivo, pretende-se aumentar a estabilidade, continuidade e eficácia do COP nesta área.

A adoção de práticas arquivísticas no seio de uma organização, quer por necessidades administrativas, quer por necessidades de investigação como prova das atividades aí desenvolvidas, assume uma importância acrescida, uma vez que, uma organização moderna precisa de ter controlo sobre a produção, circulação e destino final dos seus documentos.

Assim, no sentido de implementar uma política de salvaguarda, conservação, recuperação e acesso futuro da informação, o Plano de Classificação COP, de acordo com as suas funções, permitirá uma representação estruturada da documentação.

www.arquivo.comiteolimpicoportugal.pt

O Arquivo Histórico está acessível e consultável à comunidade científica e académica, mas também ao público em geral, promovendo assim o estudo e a publicação de obras no domínio do desporto e do Olimpismo em Portugal. A plataforma funciona com a mais recente versão do software Archeevo e está integrada na rede do Portal Português de Arquivos, Portal Europeu de Arquivos e Europeia.

De momento, encontra-se tratada a documentação produzida e recebida até aos Jogos Olímpicos Sydney 2000, existindo mais de 250 000 imagens digitais que podem ser consultadas no portal do Arquivo Histórico do COP.

Atendendo às estatísticas de acesso e utilização da plataforma, verifica-se que o Arquivo Histórico do COP está a ganhar visibilidade. Para o futuro, pretende-se melhorar a resposta às solicitações de elementos do Arquivo, continuando a incorporar elementos digitais que permitam apoiar a investigação e integrar publicações, documentários e/ou exposições.

Associado ao Arquivo Histórico do COP existe uma vasta biblioteca. Pretende-se que esta coleção de livros, revistas e publicações periódicas continue a crescer e que possa ser divulgada para contribuir para a produção de conhecimento associado ao desporto, ao Olimpismo e ao Movimento Olímpico.

ARQUIVO HISTÓRICO EM NÚMEROS

250 000	Documentos digitalizados
5 000	Fotografias em formato digital
39 417	Utilizadores da Plataforma digital (desde 2017)
101 129	Visualizações de páginas (desde 2017)



44
PONTOS DE CONTACTO

20
FEDERAÇÕES DESPORTIVAS

+100
SESSÕES DE FORMAÇÃO

+3500
PARTICIPANTES

e públicos-alvo (como atletas, treinadores, dirigentes, árbitros/juízes, oficiais, estudantes e familiares de atletas), de instrumentos concretos e eficientes sobre a prevenção, o reconhecimento e a denúncia de ameaças à integridade desportiva.

Neste sentido, foi consolidada a rede de cooperação com diversas entidades nacionais e internacionais, desde o movimento desportivo às escolas e universidades, passando por autarquias e organizações governamentais, com o propósito de alargar o universo de conhecimento dos agentes desportivos e demais elementos intervenientes (ou futuros intervenientes) no mundo do desporto, permitindo-lhes conhecer os diferentes contornos da manipulação de competições e o impacto desta prática na sua carreira e vida pessoal, adquirir conhecimentos sobre a moldura penal e as sanções desportivas associadas e, por fim, identificar os principais instrumentos de prevenção e atuação para, com eficácia, reconhecer, resistir e reportar (3Rs) quaisquer abordagens/tentativas de violação à integridade desportiva.



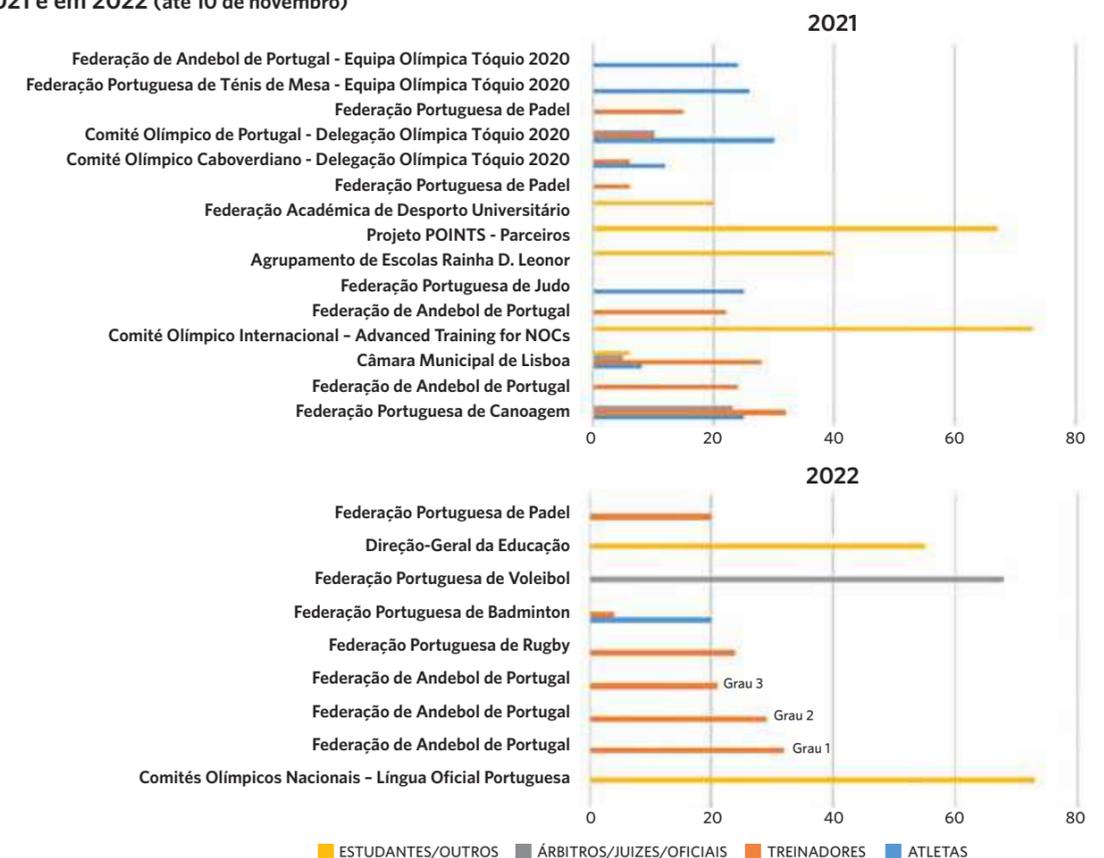
TOLERÂNCIA ZERO para a manipulação de competições desportivas

Unidade de Integridade do Comité Olímpico de Portugal tem, através do programa Pelo Respeito, promovido um conjunto de ações de sensibilização para combater um fenómeno cada vez mais presente

A manipulação de competições desportivas é uma ameaça global à integridade do desporto, nomeadamente para a sua credibilidade e salvaguarda dos seus valores sociais, educativos e culturais em relação à qual o Movimento Olímpico e Desportivo tem vindo a implementar uma política de Tolerância Zero. Perante o avolumar de casos de violações à integridade desportiva nas mais diversas modalidades e níveis de competição, o Comité Olímpico de Portugal (COP) delineou uma estratégia global de atuação, na qual se integra um programa educacional nos domínios da prevenção, sensibilização e formação.

A Unidade de Integridade do COP, por via do programa “Pelo Respeito”, tem promovido e implementado um conjunto alargado de iniciativas de sensibilização e formação, nomeadamente sessões práticas e customizadas aos diferentes modalidades desportivas

Sessões de Formação realizadas pela Unidade de Integridade do COP em 2021 e em 2022 (até 10 de novembro)

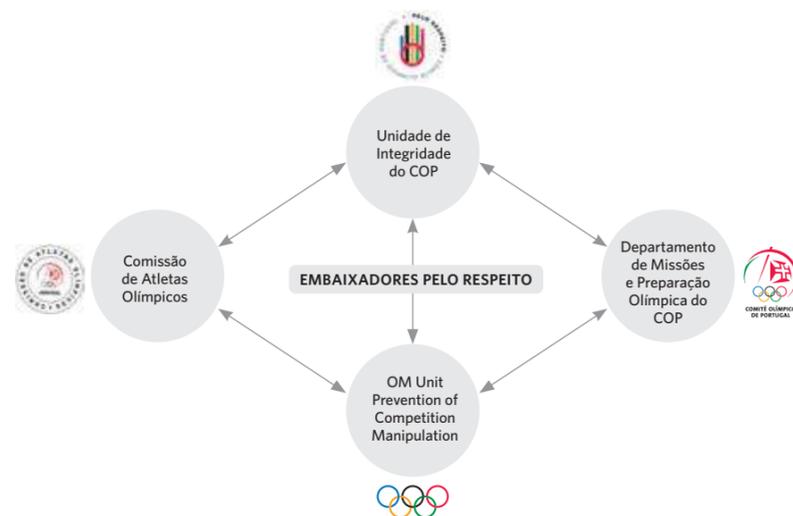




Cooperação nacional e internacional por um desporto transparente



Estrutura de cooperação entre a Unidade de Integridade do COP, a Comissão de Atletas Olímpicos, os Embaixadores "Pelo Respeito" e a Unidade do Movimento Olímpico para a prevenção da manipulação de competições do Comité Olímpico Internacional:



Com a entrada no presente ciclo Olímpico, a estratégia de atuação da unidade de integridade do COP é alargada ao domínio do assédio e abuso no desporto, com o compromisso de capacitar as organizações desportivas de medidas práticas e adequadas à prevenção, acompanhamento e atuação perante quaisquer situações que visem colocar em causa a integridade física, psicológica e moral dos atletas em contexto desportivo.

Com efeito, o COP integra, desde 2021, o Grupo Diretor do programa europeu *Child Safeguarding in Sport*, coordenado pelo Conselho da Europa e liderado em Portugal pelo Instituto Português do Desporto e Juventude (IPDJ), do qual resulta o Roteiro Nacional para a Proteção das Crianças e Jovens no Desporto que já se encontra na sua primeira fase de implementação. Paralelamente ao desenvolvimento do programa desta natureza, o COP integra, até maio de 2023, três dos seus colaboradores no curso *Safeguarding Certificate* do Comité Olímpico Internacional, com vista à garantia de uma maior capacitação interna neste âmbito.

RTP PLAY ▶

VAMOS DIRETO AO DESPORTO



RTP PLAY

Com a RTP Play pode acompanhar as modalidades e competições desportivas em direto e voltar a ver tudo outra vez para que não lhe escape mesmo nada. Agora já sabe, quando o assunto é desporto, vá à RTP PLAY.

▶ rtp.pt/play

PROJETOS E PROGRAMAS em desenvolvimento



Dorian Keletela é um dos atletas refugiados apoiados pelo COP



Os vencedores da 6.ª edição dos Prémios Ciências do Desporto

Prémios Ciências do Desporto, MEMOS, New Leaders PT e apoio aos atletas refugiados continuaram a ser atividades e missões a cargo do COP

O Comité Olímpico de Portugal (COP) esteve envolvido, em 2022, na gestão de candidaturas, projetos e programas destinados a concretizar a sua missão e atribuições, e também na produção de conhecimento e investigação em articulação com instituições académicas e demais entidades.

Prémios Ciências do Desporto

A 6.ª edição dos Prémios Ciências do Desporto (PCD) culminou com a cerimónia da distinção dos premiados no Auditório Rui de Alarcão da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, da Universidade de Coimbra, que contou com a intervenção do Professor Doutor Carlos Fiolhais: “O Jogo: na Cultura, na Ciência e no Desporto”.

Nesta edição, do total das três áreas a concurso (Fisiologia e Biomecânica do Desporto / Economia, Direito e Gestão do Desporto / História e Sociologia do Desporto), foram submetidos 72 trabalhos de investigação. No sentido de melhorar a operacionalização dos Prémios e com o apoio da recém-constituída Comissão Consultiva de Ciência e Desenvolvimento do COP, procedeu-se à revisão do Regulamento dos PCD, bem como à renovação da sua imagem, tendo em conta a nova entidade patrocinadora.

MEMOS - Mestrado Executivo em Gestão das Organizações Desportivas

Foram recebidas sete candidaturas ao MEMOS - Mestrado Executivo em Gestão das Organizações Desportivas (XXIV edição em inglês | IX edição em francês), cinco para a edição em inglês e apoio para a edição em francês, tendo sido submetidas a apoio da Solidariedade Olímpica duas candidaturas, uma para cada edição. A candidatura à edição em francês teve aprovação de apoio por parte da Solidariedade Olímpica; a candidatura à edição em inglês foi excluída pela organização do MEMOS, devido ao elevado número de candidaturas (125).

Programa de formação e *mentoring* New Leaders PT

O programa de formação e *mentoring* New Leaders PT foi aprovado para financiamento pela Solidariedade Olímpica, para desenvolvimento entre setembro de 2022 e julho de 2023, e dirigido a jovens profissionais do desporto até aos 35 anos (mulheres e homens), a exercer funções de liderança em organizações desportivas, que pretendam promover a igualdade entre mulheres e homens no desporto, como uma prioridade na agenda de boa governança das suas organizações; e desafiar e melhorar as suas capacidades de liderança pelo empenho em pôr em prática as suas ideias para um desporto +igual.

EOR - Equipa Olímpica de Refugiados

A “Equipa Olímpica de Refugiados” (EOR) é um programa que ajuda atletas-refugiados a tentarem concretizar o sonho de participar nos Jogos Olímpicos. Em Portugal, foram identificados dois jovens, com percurso de elevado mérito desportivo, que após candidatura à Solidariedade Olímpica integram o Programa de Preparação Olímpica para Refugiados com vista à participação nos Jogos Olímpicos Paris 2024. No Atletismo, o velocista Dorian Keletela, já participante nos em Tóquio 2020, esteve em várias competições a nível internacional, nomeadamente no campeonato de pista coberta “ISTAF Indoor Berlin”, tendo obtido o tempo de 6.85”, na prova de 60 metros, e no “World Athletics Championships”, em Oregon, Estados Unidos, onde registou nos 100 metros a marca de 10.48”. No boxe, o pugilista Farid Walizadeh competiu apenas a nível nacional, tendo conseguido vencer nas competições “100 Years Gala Parque Mayer”, 2.ª Gala de Boxe Victor Sá, e na Gala João Faleiro, e foi também 2.º classificado no Torneio Luva de Prata.



Farid Walizadeh



COP compromete-se a ATINGIR A NEUTRALIDADE CARBÓNICA EM 2040

Organização assinou o “Sports for Climate Action Framework”, um compromisso assumido junto da Organização das Nações Unidas

O Comité Olímpico de Portugal (COP) assinou durante o ano de 2022 o compromisso de sustentabilidade das organizações desportivas junto da Organização das Nações Unidas (ONU), o “Sports for Climate Action Framework”, com o qual objetivou a redução das suas emissões em 50% até 2030 e atingir a neutralidade carbónica em 2040.

No âmbito do Plano de Sustentabilidade do COP, realizou-se em maio o primeiro seminário interno com o objetivo de envolver e sintonizar todos os colaboradores em torno da sua estratégia, tendo na ocasião sido apresentados o Guia de Sustentabilidade para Colaboradores e o Guia de Compras Sustentáveis. Manuel Parga Landa, diretor de Marketing do Comité Olímpico Espanhol (COE), participou neste seminário, durante o qual apresentou o Programa de Sustentabilidade do COE, um referencial relevante para o COP.

A sessão contou com as intervenções de João Paulo Almeida, diretor-geral do COP, e de José Manuel Constantino, presidente do COP, que afirmou ser a Sustentabilidade “um caminho indispensável” e neste “o Movimento Desportivo e Olímpico tem uma responsabilidade de que não pode abdicar”.

O envolvimento dos Parceiros Olímpicos

O COP voltou a reunir, em 2022, com os seus Parceiros Olímpicos, tendo como foco os Jogos Olímpicos Paris 2024. O valor da marca Comité Olímpico de Portugal foi na ocasião demonstrado por Óscar Rovira, diretor comercial para Espanha e Portugal da Nielsen Sports & Entertainment, com a apresentação do estudo realizado pela consultora no período pós-Jogos Olímpicos Tóquio 2020.

Paris 2024 serão uns Jogos Olímpicos sinónimo de Abertura, que vão fomentar a Inovação, procurando deixar um legado positivo e duradouro, e os Parceiros Olímpicos ficaram em sintonia com o planeamento apresentado para a Equipa Portugal.

Na ocasião, Mariela González, Continental Director NOC & NPC Relations da On Location, provedora oficial de hospitalidade para os Jogos Olímpicos Paris 2024, Milano-Cortina 2026 e Los Angeles 2028, apresentou o novo modelo de Hospitalidade Global e os Pacotes de Hospitalidade e Viagem disponíveis.

As oportunidades de ativação para os Parceiros Olímpicos neste ciclo multiplicam-se, sendo que a plataforma de promoção do COP, na qual televisões e rádio oficiais estão integradas, representa um veículo de valorização das organizações que se associam a uma marca em evolução, e que reflete o seu compromisso de Sustentabilidade.

Com três produtos de marketing, que vão da Participação Olímpica, passando pela Educação e pelos Valores Olímpicos, e terminando na Promoção do Olimpismo, o COP tem realizado em conjunto com os seus Parceiros Olímpicos várias iniciativas de ativação, como eventos da Equipa Portugal, a Loja Oficial da Equipa Portugal ou a App Equipa Portugal, lançada no final do Ciclo Olímpico Tóquio 2020.

Finalmente, foi apresentado um cronograma com as oportunidades de ativação para Parceiros Olímpicos ao longo do processo de Qualificação, Apresentação e Participação da Equipa Portugal Paris 2024.

Nuno Leitão, presidente da Comissão de Marketing e Financiamento do COP, venceu que a contribuição dos Parceiros Olímpicos tem permitido à organização fazer melhor o seu trabalho em benefício do Movimento Olímpico em Portugal.



Paris 2024 serão uns Jogos Olímpicos sinónimo de Abertura, que vão fomentar a Inovação, procurando deixar um legado positivo e duradouro, e os Parceiros Olímpicos ficaram em sintonia com o planeamento apresentado para a Equipa Portugal.

OS OBJETIVOS DO PROGRAMA DE PREPARAÇÃO OLÍMPICA

PARIS 2024

Depois de em Tóquio 2020 terem sido alcançados os melhores resultados de sempre em Jogos Olímpicos, o alvo é trabalhar para manter o nível e, se possível, melhorar

Os ciclos olímpicos de Tóquio 2020 e Paris 2024 podem ser considerados, seguramente, os mais atípicos da História recente do Movimento Olímpico. Se o adiamento dos Jogos Olímpicos (JO) de Tóquio obrigou, a partir de março de 2020, a uma reformulação constante de todo o planeamento desportivo, num ciclo que de quatro anos passou a cinco, sob contingências nunca vividas a nível mundial, a preparação para Paris 2024 traz-nos igualmente desafios inéditos no contexto de preparação olímpica. Não só pelo intervalo entre edições dos JO, mas também por todo o contexto social e económico, nomeadamente as questões da guerra na Ucrânia a crescente inflação que se verifica no contexto internacional.

Considerando a singularidade do presente ciclo, com a duração de apenas três anos, o Comité Olímpico de Portugal (COP) apresentou ao Governo uma proposta para o novo Programa de Preparação Olímpica (PPO) de Paris 2024 em setembro de 2021, logo após concluir o seu balanço da preparação e participação nos JO de Tóquio e de auscultar as federações implicadas.

Contudo, a situação política nacional subsequente não possibilitou a conclusão deste processo num período tão rápido quanto seria desejável. Apesar desta contingência, foi garantida a continuidade dos apoios aos atletas, treinadores e federações, por via de uma prorrogação, até ao final de 2022, do Contrato-Programa do PPO de Tóquio 2020. O novo PPO acabaria por ser aprovado em sede de Conselho de Ministros no dia 8 de setembro de 2022, tendo a assinatura do respetivo Contrato-Programa ocorrido no dia 14 de outubro.

AVALIAÇÃO DO PPO TÓQUIO 2020

A estruturação do novo PPO Paris 2024 teve como base a avaliação do ciclo anterior, nomeadamente em três dimensões:

1 - Objetivos

O quadro da página seguinte resume o cumprimento dos objetivos definidos no PPO Tóquio 2020:

Os objetivos de resultados desportivos foram plenamente atingidos, tendo sido conseguidos os melhores números de sempre, em termos de posições de pódio, diplomas, classificações entre os 16 primeiros e número de pontos.

Porém, não foram alcançadas as metas pré-definidas, quer ao nível do número de modalidades representadas, quer ao nível do rácio entre atletas apoiados nos níveis Top Elite e Elite e selecionados para os JO.

Finalmente, se a participação feminina ficou a apenas 0,9% do objetivo, também é verdade que esse número ocorreu num contexto de uma inédita qualificação da Equipa Masculina de Andebol. Em termos absolutos, foi a participação feminina mais numerosa de sempre, com um rácio de 46,2% no conjunto das restantes modalidades.



CONTRATO PROGRAMA PROGRAMA DE PREPARAÇÃO OLÍMPICA TÓQUIO 2020

CP/1/DDF/2018

EXECUÇÃO DE OBJETIVOS

OBJETIVOS	RESULTADO		OBSERVAÇÕES
Resultado não inferior a 2 posições de pódio	4 posições de pódio	Atingido	Maior número de posições de pódio de sempre. Anterior: Los Angeles 1984 e Atenas 2004 (3)
Resultado não inferior a 12 diplomas	15 diplomas	Atingido	Maior número de diplomas de sempre. Anterior: Atenas 2004 (13)
Resultado não inferior a 26 classificações entre os 16 primeiros	36 resultados entre os 16 primeiros	Atingido	Maior número de classificações entre os 16 primeiros de sempre. Anterior: Rio 2016 (33)
Aumentar a pontuação dos resultados obtidos, ou seja, obter mais de 40 pontos nas classificações entre os 8 primeiros	57 pontos	Atingido	Melhor pontuação de sempre. Anterior: Atenas 2004 (44)
Aumentar para 80% o rácio entre atletas apoiados e atletas selecionados para competirem nos JO Tóquio 2020	75% (considerando apoiados nos níveis Top Elite e Elite com critérios de 2018/2021)	Não atingido	- 46% considerando todos os apoiados desde 2017 - 59% considerando todos os apoiados em Top Elite e Elite com critérios desde 2017; - 84% considerando apoiados Top Elite e Elite com critérios 2018/2021, depois de acertos por avaliação desportiva intermédia. - Nos Jogos do Rio 2016, o rácio para objetivos equivalentes foi de 50%.
Aumentar a representatividade das modalidades participantes nos JO Tóquio 2020, ou seja, qualificar atletas de 19 modalidades distintas	17 modalidades	Não atingido	3ª maior representação em número de modalidades em JO, depois de Atlanta 1996 (19), Barcelona 1992 (18) e igualando Pequim 2008.
Aumentar o rácio de participação por género para 40 % de atletas femininas selecionadas para competirem nos Jogos Olímpicos Tóquio 2020	39,1%	Não atingido	Maior participação de sempre de atletas femininas, com 36, superando as 32 de Londres 2012. Não contabilizando a equipa masculina de Andebol, este rácio é de 46,2%



José Manuel Constantino (COP), João Paulo Correia (SEJD) e Vítor Pataco (IPDJ) na assinatura do Contrato-Programa Paris 2024

2 - Adequação dos critérios desportivos aos sistemas de qualificação e aos resultados nos JO

Como se referiu anteriormente, não foi possível cumprir com o objetivo de qualificação de 80% de atletas dos níveis Top Elite e Elite. Para além disso, a correspondência entre os níveis de integração e os resultados daqueles que conseguiram marcar presença nos Jogos Olímpicos foi inferior ao desejado. Apenas 40% dos atletas integrados no nível Top Elite conseguiram um resultado dentro dos objetivos desse nível, Top 10 nos JO, enquanto 33,3% dos atletas do nível Elite obtiveram um resultado no Top 16, o objetivo desse nível.

Paralelamente, foi feita uma análise específica, por modalidade, onde foi possível identificar alguma heterogeneidade no comportamento dos critérios de integração e na sua relação com os sistemas de qualificação. Esta análise permitiu identificar quais os casos em que seria necessário ajustar os critérios das grelhas de integração, de forma a adequá-los aos objetivos traçados.

Por último, foi notada a falta de diferenciação entre atletas que conquistam medalhas em contexto mundial e outros que, apesar do mérito dos seus resultados, discutem normalmente lugares até aos oito primeiros sem o conseguirem.

3 - Processo de preparação desportiva

No lançamento do PPO Tóquio 2020 foram criadas duas estruturas orgânicas no COP com o objetivo de fazer um acompanhamento mais próximo do processo de preparação dos atletas: uma Direção Desportiva e uma Direção de Medicina Desportiva.

Desta relação mais estreita entre o COP e as Federações, foi possível verificar uma melhoria da qualidade da intervenção técnica por parte de várias federações, comprovada nos resultados desportivos de Tóquio 2020, e consubstanciada numa maior atualização dos treinadores, das metodologias e dos meios disponíveis, associados a uma crescente cultura de conquista de resultados desportivos de topo, num maior número de modalidades.

Contudo, foi possível identificar ainda algum défice na intervenção das diversas áreas científicas no terreno. Apesar de já existirem alguns meios técnicos e humanos de muito bom nível, a oferta destes serviços está altamente condicionada por um défice de quantidade de recursos humanos devidamente qualificados e com experiência a este nível.

Com o avanço da ciência aplicada ao desporto, o trabalho com equipas multidisciplinares qualificadas torna-se cada vez mais essencial na otimização do rendimento desportivo e na compatibilização dos elevados volumes e intensidades de treino com a saúde dos atletas. Os custos associados a este tipo de abordagem são certamente um obstáculo à criação de um mercado mais abrangente no nosso país, que favoreça o desenvolvimento de cada uma destas áreas não só ao nível do conhecimento, da investigação e da inovação, mas igualmente ao nível da intervenção direta no terreno.

ESTRUTURAÇÃO DO PPO PARIS 2024

A partir destas análises foram formuladas medidas no sentido de garantir a melhoria de qualidade e proficiência da gestão do PPO de Paris 2024:

1 - Objetivos

Depois do melhor conjunto de resultados de sempre em Tóquio 2020, os objetivos principais são, no mínimo, a manutenção do mesmo nível em Paris 2024. Deste modo, pretende-se a concretização de um resultado respeitando o seguinte referencial:

- Não inferior a 4 posições de pódio;
- Não inferior a 15 diplomas (entre o 1.º e o 8.º lugar);
- Não inferior a 36 classificações entre os 16 primeiros;
- Não inferior a 57 pontos entre os 8 primeiros;
- Garantir a representatividade de pelo menos 17 modalidades participantes nos JO;
- Aumentar para 80% o rácio entre Atletas integrados nos Níveis Medalhado, TOP Elite e Elite, e selecionados para competirem nos JO Paris 2024;
- Participação não inferior a 66 eventos de medalha;
- Disputar o número de eventos de medalhas de forma equitativa em termos de género.

2 - Níveis de integração

Os ajustes efetuados nos critérios de integração vão no sentido de otimizar a correspondência entre os níveis e os resultados a obter nos JO de Paris 2024, bem como o rácio entre atletas apoiados e qualificados.

A integração dos atletas no PPO resulta de propostas das respetivas federações, mediante obtenção de resultados desportivos dentro de critérios previamente definidos, distintos de modalidade para modalidade, em função dos seus modelos de qualificação, publicados em grelhas de integração.

O presente modelo inclui quatro níveis:

- Medalhado, novo neste ciclo, com o objetivo de obtenção de posições de pódio.
- Top Elite, com o objetivo de obtenção de diploma (8 primeiros).
- Elite, com o objetivo de classificação nos 16 primeiros.
- Apoio à Qualificação, para atletas sem indicadores preditivos de Top 16, mas com potencial de qualificação para os Jogos Olímpicos.

De forma a sinalizarmos os atletas para os três primeiros níveis, foram utilizados os seguintes critérios de base, para a construção das grelhas de integração:

Nível	Classificações
Medalhados	- 1º a 3º em JO - 1º a 3º em CM a)
Top Elite	- 4º a 8º em JO - 4º a 6º em CM a) e b) - Posição em Ranking de Qualificação Olímpica (RQO) d)
Elite	- 9º a 16º em JO - 7º a 12º em CM a) e b) - Classificação em Campeonato da Europa (CE) c) - Posição em Ranking de Qualificação Olímpica (RQO) d) ou e) - Tabela de marcas e)

- Na ausência de CM serão identificados o critério e as classificações que servirão de base à avaliação das integrações
- Classificações a avaliar em função do modo de apuramento da classificação final e do número de participantes em cada modalidade/disciplina
- Em função da avaliação da competitividade europeia no contexto mundial
- RQO (ou na sua ausência do Ranking Mundial) nas modalidades em que o sorteio da competição, em contexto de JO, seja definido por esta via
- Nas modalidades que qualifiquem por esta via

No Nível de Apoio à Qualificação são utilizados critérios que permitam identificar valor desportivo próximos da quota de participação em Paris 2024, baseados nos respetivos sistemas de qualificação.

O período das integrações nos três primeiros níveis é de dois anos, com avaliação intermédia, enquanto no nível de Apoio à Qualificação é de um ano.

3 - Apoio Financeiro

Depois de conhecido o montante total alocado ao PPO Paris 2024, 22 milhões de euros, com um aumento de 17,15% em relação ao anterior, foi possível atualizar os valores das bolsas dos atletas, o que já não acontecia, para o nível mais elevado, desde o ano de 2009. Assim, as bolsas dos atletas terão os seguintes valores:

Nível	PPO Paris 2024	PPO Tóquio 2020
Medalhado	1.750,00€	-
Top Elite	1.575,00€	1.375,00€
Elite	1.200,00€	1.000,00€
Apoio à Qualificação	800,00€	600,00€

Aos treinadores dos atletas integrados nos três primeiros níveis é concedida uma bolsa no valor de 80% do montante atribuído aos atletas.

Paralelamente, é atribuído à federação um valor destinado a compartilhar a preparação e participação desportiva do atleta, bem como a aquisição de material e serviços fundamentais para a otimização do seu rendimento desportivo.

4 - Acompanhamento técnico e multidisciplinar

Com o objetivo de aperfeiçoar o acompanhamento dos atletas do PPO, numa lógica de otimização do rendimento desportivo, foi criado o Gabinete de Apoio à Preparação Olímpica (GAPO). Este gabinete visa responder às necessidades sinalizadas pelas federações nas áreas científicas de apoio ao treino desportivo, podendo incluir, entre outras, áreas como a medicina, psicologia, nutrição, fisioterapia, fisiologia e biomecânica.

Procurar-se-á reforçar os recursos colocados à disposição, desde a sensibilização e capacitação em cada uma das áreas desenvolvidas, até à intervenção no terreno, promovendo uma ligação cada vez mais próxima entre a ciência e investigação com o terreno.

5 - Projeto de Esperanças Olímpicas

Uma das questões mais enfatizadas pelas federações foi a necessidade de um maior apoio a jovens atletas com potencial de participação olímpica em Los Angeles 2028 e Brisbane 2032, mas ainda sem valor desportivo absoluto compatível com a sua integração no Projeto Paris 2024, pelo que, no presente ciclo, haverá um aumento no montante alocado a este projeto. As integrações ocorrerão por via de resultados desportivos, ou de projetos apresentados pelas federações.

Serão tomadas em especial consideração as seguintes áreas:

- Criação de condições à dedicação plena ao treino desportivo, considerando igualmente eventuais necessidades de deslocalização do local habitual de treino, conciliação do treino com os estudos e investimento no percurso educativo e académico;
- A criação de Grupos de Treino com Atletas indicados pela Federação respetiva;
- Estágios de elevado nível nas respetivas modalidades, com Atletas e/ou Treinadores de referência internacional, potenciais de um aumento do nível de treino e da cultura de excelência;
- Reforço da participação competitiva de contexto internacional;
- Formação e atualização dos respetivos Treinadores;
- Intervenção nas diferentes áreas disciplinares do processo de preparação desportiva;
- Investigação, desenvolvimento tecnológico e incorporação de equipamentos relacionados com a competitividade da preparação desportiva.

Paris 2024 encerrará pois um conjunto de grandes desafios para o Desporto Nacional, sobretudo na manutenção do crescente nível desportivo evidenciado nos últimos anos.

PARIS 100 anos depois

A França ocupa um lugar de destaque na história dos Jogos Olímpicos modernos. Desde a constituição do Comité Olímpico Internacional, na Universidade de Sorbonne em 1894, o território francês conta já com cinco edições entre JO de Verão e de Inverno.

Em 2024 teremos um dos principais capítulos da história olímpica francesa - a celebração do centenário dos Jogos Olímpicos organizados em Paris, em 1924.

E que forma de iniciar esta celebração... A Cerimónia de Abertura irá mostrar ao mundo todo um novo conceito. O "Estádio Olímpico" será substituído pelo leito do rio Sena, onde largos milhares de espetadores, bem mais do que aqueles que teriam esta oportunidade num qualquer estádio, terão o privilégio de assistir ao desfile das Equipas de cada um dos 206 Comitês Olímpicos Nacionais, a que se junta a Equipa Olímpica de Refugiados.

Mantendo o suspense sobre o número artístico que acompanhará o desfile dos Atletas, foi já levantado o véu sobre como os terraços dos edifícios serão iluminados com espetáculos de bailado, sobre as acrobacias aéreas entre as margens do rio e sobre a forma como o céu da cidade da luz será iluminado durante a cerimónia.

Para o final da cerimónia encontra-se reservado mais um dos ícones da cidade de Paris - o Trocadéro, palco este que, ao longo dos Jogos, será transformado na passerelle dos Atletas.

Um dos momentos mais marcantes do lema destes Jogos, Games Wide Open terá tradução na organização da Maratona.

Mais uma vez centrada na verdadeira experiência olímpica, a Maratona será organizado não só para os Atletas de Elite, como também para os "Atletas Amadores". Com o mesmo traçado, a participação em massa, prevista para o mesmo dia, será o palco

dos sonhos para muitos daqueles que sentem o desporto como uma forma de vida. Esperam-se, curiosamente, 20 024 participantes.

O percurso da Maratona, recentemente anunciado, será também inundado pela história francesa. Num tributo à Revolução Francesa, parte do percurso irá reeditar a Marcha das Mulheres realizada em Versailles a 5 de outubro de 1789.

A Cerimónia de Abertura, o Trocadéro e a organização da Maratona são apenas três dos *apéritifs* de um cardápio que se prevê surpreendente.

A experiência de assistir ao Ciclismo e ao Tiro com Arco em *Les Invalides*, ao Triatlo e às Águas Abertas na *Pont Alexandre III*, à Esgrima ou ao Taekwondo no *Grand Palais*, ao Basquetebol 3x3, ao Breaking, ao BMX ou ao Skate em *La Concorde*, à Ginástica Artística e de Trampolins na *Arena Bercy*, ao Ténis ou ao Boxe em *Roland Garros*, à Equestre no *Château de Versailles*, ao Atletismo



ou ao Rugby no *Stade de France*, à Natação na *La Defense Arena*, à Vela na *Marina de Marseille*, ao Surf na mítica onda de *Teahupo'o* da Polinésia Francesa, ao Futebol no *Parc des Princes*, ao Judo ou às Lutas Amadoras na *Champ de Mars Arena* ou ao Voleibol de Praia com *La tour Eiffel* como pano de fundo, entre outros, é um autêntico menu de degustação cheio de *glamour* e *savoir faire* tipicamente francês.

Outra das palavras de ordem da próxima edição dos Jogos Olímpicos é a sustentabilidade. Todos os processos de preparação, de organização e de construção estão pensados para diminuir a pegada carbónica destes Jogos.

Para além do sistema de transportes estar centrado na oferta pública existente, do recurso (a confirmar) a viaturas elétricas, a construção da Aldeia Olímpica ocupa um lugar de destaque nesta matéria. Os projetos de energia, de infraestruturas, de mobilidade e de alimentação foram desenhados sobre as melhores práticas de cada sector no que à conservação e reutilização dos recursos diz respeito.

Mas não há bela sem senão. A cidade da luz é uma cidade gigante, cheia de vida, cheia de franceses e de turistas, mas é tam-

bém uma cidade inundada por um trânsito infernal. O desafio da verdadeira experiência parisiense durante a organização dos Jogos será colocado pela azáfama de chegar a cada um destes locais emblemáticos da cidade.

Paris 2024 está hoje a 617 dias distância e, para os franceses, pela altura a que se encontra a fasquia, serão dias bastante intensos até que, 100 anos depois, Paris volte a ser a capital do olimpismo. À bientôt, Paris!

OS JOGOS OLÍMPICOS EM FRANÇA

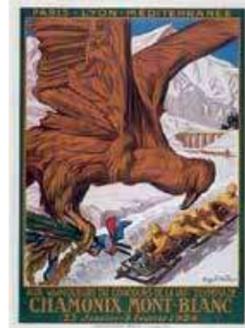
1900



Paris (Verão)

- 1226 Atletas
- 26 Comitês Olímpicos Nacionais
- 96 eventos de medalha

1924



Chamonix (Inverno)

- 260 Atletas
- 16 Comitês Olímpicos Nacionais
- 16 eventos de medalha
- França organiza aquela que veio a ser considerada a primeira edição dos Jogos Olímpicos de Inverno, na 26ª Sessão do Comité Olímpico Internacional realizada em Lisboa, em 1926

Paris (Verão)

- 3088 Atletas
- 44 Comitês Olímpicos Nacionais
- 126 Eventos de medalhas
- Primeira Aldeia Olímpica

1968



Grenoble (Inverno)

- 1158 Atletas
- 37 Comitês Olímpicos Nacionais
- 35 eventos de medalha
- Primeiros Jogos Olímpicos com transmissão televisiva a cores
- Primeira referência ao conceito de mascote dos Jogos Olímpicos:



1992



Albertville (Inverno)

- 1801 Atletas
- 64 Comitês Olímpicos Nacionais
- 57 eventos de medalha

2024



Paris 2024 (Verão)

- 10.500 Atletas
- Primeiros jogos com equilíbrio total entre Atletas Femininos e Masculinos
- 32 Modalidades
- 329 Eventos de Medalha num total de 762 sessões
- 206 Comitês Olímpicos Nacionais + Equipa Olímpica de Refugiados
- 18 dias de competição
- Atribuição de medalhas em todos os dias de competição
- 40 Instalações de competição e 39 instalações de treino
- 6 Aldeias Olímpica
- + 60.000 refeições por dia (apenas na Aldeia de Paris)
- 4 bilhões de telespectadores
- 350.000 horas de transmissão televisiva
- 9,7 milhões de espectadores
- 6.000 jornalistas
- 31.500 voluntários

O próximo ano promete vários momentos de competição em que os atletas da Equipa Portugal estarão presentes. Desde os mais jovens aos mais experientes, das modalidades mais tradicionais às de areia, haverá espaço para todos competirem com as cores do Comité Olímpico de Portugal



Fu Yu conquistou a medalha de ouro no torneio individual de Ténis de Mesa nos últimos Jogos Europeus Minsk 2019 - a ação volta em 2023 na Polónia

2023 RECHEADO DE MISSÕES PARA A EQUIPA PORTUGAL



16.º Festival Olímpico da Juventude Europeia de inverno

Friuli Venezia Giulia | Itália
21 a 28 de janeiro 2023

O calendário de 2023 abre com mais um Festival Olímpico da Juventude Europeia (FOJE), desta vez na edição de modalidades de Inverno. Será Itália que irá acolher os atletas, entre os 14 e os 18 anos, na região de Friuli Venezia Giulia, no nordeste.

A competição irá reunir as modalidades de Biatlo, Combinado Nórdico, Curling, Esqui alpino, de fundo, estilo livre e esqui de Montanha, Hóquei no Gelo, Patinagem Artística, Patinagem em pista curta, Saltos de Esqui e Snowboard alpino, cross e estilo live.

As competições estarão divididas por três zonas em Itália e ainda em recintos na Eslovénia e Áustria, com um total de 12 instalações: Tarvisiano-Udine, Carnia, Planica, na Eslovénia, e arena de Spittal. A Piazza Unità D'Italia, em Trieste, será o palco para a Cerimónia de Abertura da competição.



3.ºs Jogos Europeus

Cracóvia-Malopolska | Polónia
21 junho a 2 julho 2023

Os Jogos Europeus em 2023 serão disputados na Polónia e constituirão um momento essencial para os atletas do Velho Continente que procuram a qualificação para os Jogos Olímpicos Paris 2024, uma vez que várias modalidades irão realizar os seus Campeonatos continentais e/ou disponibilizam quotas de qualificação para Paris 2024.

O programa do evento terá 18 modalidades Olímpicas e ainda algumas modalidades não Olímpicas que pretendem dar uma nova dinâmica aos Jogos Europeus, atraindo uma audiência mais jovem. As modalidades que estarão em competição serão Andebol de Praia, Atletismo, Badminton, Basquetebol 3x3, Boxe, Breaking, Canoagem, Ciclismo, Corrida em montanha, Escalada, Esgrima, Futebol de Praia, Judo, Karaté, Kickboxing, Padel, Pentatlo Moderno, Rugby, Saltos de Esqui de verão, Taekwondo, Ténis de Mesa, Teqball, Tiro, Tiro com Arco e Triatlo.

A maioria das instalações utilizadas já existem, tanto na cidade de Cracóvia como na região de Malopolska e Slask, e apenas será necessário criar um pequeno número de instalações temporárias. A sustentabilidade é mesmo uma das maiores preocupações da organização dos Jogos Europeus, que tem planos para que os transportes, operações e gestão de resíduos, por exemplo, possam reduzir as emissões de carbono ao mínimo.



17.º Festival Olímpico da Juventude Europeia de Verão

Maribor | Eslovénia
23 a 29 julho 2023

Os jovens europeus voltam a reunir-se em julho, desta vez para as competições de modalidades de Verão no FOJE. Serão cerca de 3600 atletas a competir de acordo com os princípios de amizade, tolerância e ética do espírito Olímpico.

A edição deste ano tem como novidades as competições de Basquetebol 3x3, Ciclismo de Montanha e Skateboarding, a que se juntam as provas em Andebol, Atletismo, Ciclismo de Estrada, Ginástica Artística, Judo, Natação, Ténis e Voleibol.

As Cerimónias de Abertura e Encerramento estão marcadas para o Estádio Ljudski Vrt. Pela cidade e arredores, são várias as instalações que vão receber os jovens atletas e todas as atividades oficiais do FOJE - Parque Desportivo de Tabor, Skatepark, Pavilhão de Gelo, Centro Desportivo Universitário Leon Štukelj, Estádio Poljane, Centro Aquático Pristan, Pavilhão Lukna, Clube de Ténis Branik, Parque Pohorje de Ciclismo, Centro Desportivo Draš, Pavilhão Vrbanska e Praça Leon Štukelj.



2.ºs Jogos Mundiais de Praia ANOC

Bali | Indonésia
5 a 12 agosto 2023

O Qatar recebeu a edição inaugural dos Jogos Mundiais de Praia ANOC em 2019, e quatro anos depois a competição regressa para a 2.ª edição que terá lugar em agosto, em Bali. Algumas novas modalidades de água e areia foram adicionadas, sendo o programa composto por Aquatlo, Andebol de praia, Badminton, Basquetebol 3x3, Futebol de praia, Kata individual, Kitefoil, Lutas de praia, Natação de Águas Abertas, Polo Aquático de praia, Remo de velocidade, Surf, Ténis de praia e Voleibol de praia 4x4.

A qualificação está em curso e é esperado que cerca de 100 Comitês Olímpicos Nacionais consigam qualificar atletas para esta competição, para um total aproximado de 1500 competidores.



III Jogos do Mediterrâneo de Praia

Heraklion | Grécia
2 a 9 setembro 2023

Os Jogos do Mediterrâneo de Praia voltam a acontecer em 2023, depois das edições de Pescara 2015 e Patras 2019. Com organização do Comité Internacional dos Jogos do Mediterrâneo, a 3.ª edição prevê juntar 1500 atletas de 26 países durante os oito dias de competição.

O evento vai contar com competição de modalidades de praia, a decorrer em Karteros - Andebol, Futebol, Karaté, Lutas, Ténis e Voleibol - modalidades de água na praia de Ammoudara - Canoagem, Kite surf e Remo - e ainda Águas Abertas, Esqui aquático e Triatlo na praia de Mallia e Natação técnica na piscina Heraklion Lido.

O Estádio Panktirio acolhe a Cerimónia de Abertura e o Estádio da Liberdade a Cerimónia de Encerramento.



VIAJE PELA HISTÓRIA COM A VILA GALÉ

SAIBA MAIS



CIDADES COM PATRIMÓNIO MUNDIAL DA UNESCO



COMITÉ OLÍMPICO
DE PORTUGAL



OBRIGADO AOS PARCEIROS OLÍMPICOS

